

editorial

CULTURA E INVISIBILIDADE

Não é necessário ser um especialista, um profundo conhecedor de políticas públicas ou de empreendimentos privados para saber que vivemos, enquanto mundo, numa área extensa, onde se divisam altos picos montanhosos, com o ar rarefeito e purificado mas rodeados extensos e muito profundos vales, com áreas pantanosas perigosas à vida humana. Enquanto povos, países numa comunidade internacional, também podemos divisar, no topo, alguns de altíssima condição econômica, verdadeiras potências, mas eu não apagaram os vestígios de nações extremamente pobres, carentes de quase tudo. E se formos diminuindo o âmbito da área visualizada, e fixando-nos apenas, no nosso país, ou mais ainda no nosso Estado, ou, mais perfeitamente, apenas na nossa cidade, saberemos que estes distanciamentos, estes contrastes gritantes, estas diferenças grotescas existem.

Nas grandes e nas pequenas coisas elas se materializam.

Não é infrequente recebermos pedidos de orientação de pessoas que querem fazer um curso superior mas querem saber qual Faculdade é mais barata, pois seus ganhos não dão para custeios altos. Outros que não conseguem concluir o ensino médio por conta da necessidade de ajudar nas despesas da casa trabalhando com qualquer coisa, na rua...Gente com dificuldade para obter acesso aos recursos da rede privada de saúde e até mesmo da saúde pública. Gente da Faculdade pública, mas que não pode comprar um livro sequer...Gente que produz cultura mas não a pode divulgar e aí o seu nome é anonimato e o seu destino é o desaparecimento, não só do autor mas do produto de sua inteligência, o fruto de sua manifestação artística... Pessoas que produzem cultura, mas não têm como expor, ante os conceitos e preconceitos de uma casta que dita regras e qualificações a seu talante.

O pior, porém, é que sabemos de tudo isto, mas passeamos pelas ruas e passamos pela vida como se isto não estivesse acontecendo, como se fossem invisíveis estes personagens, estas disparidades,

estes desconfortos...Há um certo endurecimento da consciência que impede a mesma reaja contra este estado de coisas, tomando-o como normal e comum.

É inaceitável tal postura, inadmissível tal comportamento. Entra nesta decisão, em dose potentíssima, o papel da cultura que respeitamos, das letras que cultivamos, da arte que admiramos. Estas manifestações do espírito humano têm que vir aureoladas com vivos vincos de nosso pensamento despido da vaidade e do egoísmo que muitas vezes nos domina a alma. É preciso denunciar isto, falar sobre isto, escrever sobre tal situação, produzir obra de arte que escancare este absurdo inaceitável, só superado pelo silêncio cúmplice de quem, diante de tal quadro nada faz.

Este entorpecimento da consciência nos torna cúmplices dos absurdos que sabemos existir e fazemos questão, muitas vezes, de ignorar porque não nos atingem diretamente.

Aí, tais fatos, tais pessoas, tais situações se tornam invisíveis.

E não é porque tenham diminuído de tamanho ou intensidade. Às vezes até cresceram. Mas é porque vamos blindando, pelo costume, as nossas consciências, para que vejam e não percebam, não se dêem conta de que aquilo existe, interessa a nós e precisa ser combatido, erradicado.

Vem-me à mente a notável obra de Picasso "Guernica" a denunciar os horrores da guerra. Ele teve que retratar aquele massacre para que o mundo dele nunca mais se esquecesse. E este é apenas um exemplo do que devemos e temos que fazer. É preciso que a cultura, os louros das conquistas literárias não nos tornem cegos diante da realidade muitas vezes cruel que nos cerca.

É preciso dizer, é preciso falar, é preciso proclamar e os meios culturais são o caminho para tanto. Até porque, nenhuma arma humana é mais forte do que as idéias.

Equipe editorial





sensibilização

A ALEGRIA DE VER FRUTIFICAR A GRANDEZA DO GOB

Múcio Bonifácio Guimarães | Cadeira nº 08

Depois de cumprir extensa e importante agenda de compromissos em eventos do bicentenário do Grande Oriente do Brasil, refletindo sobre nossa trajetória de gestão e lembrando os últimos acontecimentos sobre as comemorações dos 200 anos, me recordei de um momento único com nosso saudoso Irmão e Amigo de todas as horas, Eurípedes Barbosa Nunes e o nosso companheiro de gestão Ademir Cândido, quando da escolha do trinômio “Harmonizar, Inovar e Crescer” como slogan e planejamento de jornada e “Tradição e Inovação” já como ponto de gestão.

É especialmente perceptível nas comemorações dos 200 anos, que o Grande Oriente do Brasil reconquistou seu meritório espaço no âmbito da sociedade

constituída, construído por nossos antepassados nestes dois séculos de história e evidenciado por nós Maçons da atualidade, por meio de planejamento e inovações tecnológicas e de um forte trabalho de gestão, focado no resgate da nossa tradicional e histórica força político-social com a sociedade, junto às autoridades públicas e instituições privadas.

Esse novo momento de liderança e notoriedade do Grande Oriente do Brasil na sociedade e na Maçonaria Mundial, somente é possível com a harmonização interna e externa que conquistamos pela busca incessante de conquistar e manter as fraternas relações com as demais potências regulares do Brasil e do mundo e principalmente na manutenção da harmonia interna do GOB entre os Poderes e entre nossos

estimados Irmãos. O sentimento de pertencimento e o orgulho de ser do GOB é notório entre nossos Irmãos e tenho tido o prazer de sentir os corações de meus Irmãos e Amigos repletos de amor pelo GOB, durante nossas viagens por todos os cantos do Brasil, seja nas capitais, no litoral ou no mais longínquo interior.

Em todas as oportunidades que tenho de falar durante as visitas aos poderes públicos ou aos meus Irmãos, faço questão de dizer que o GOB sempre esteve a frente do seu tempo e conquistou esse espaço e respeito. Isso devido ao nosso engajamento em causas humanitárias e das conquistas de liberdade política e social do povo brasileiro, através da liderança de grandes e expoentes Maçons. Por via da inovação tecnológica e de comunicação, temos mostrado ao

Da palavra à realidade

Brasil a importância do GOB e dos qualificados quadros de Obreiros que temos em nossas Lojas e por estes, temos a possibilidade de fazer diferente, com as boas práticas que trazemos do berço e da evolução que conquistamos dentro dos templos com os estudos maçônicos e a boa convivência com homens livres e de bons costumes.

Enfim, um majestoso sonho com Barbosa Nunes, Ademir Cândido e uma plêiade de grandes Irmãos e líderes, que juntos, colocamos em prática e graças às bênçãos de Deus e aos esforços dos justos, temos visto esta nova realidade dar certo. Por isso, com muito orgulho e amor no coração, posso dizer, estamos no caminho certo! Gratidão meus estimados Irmãos, por proporcionar esse momento único na minha vida!



reflexão

MAÇONARIA E A CONSTRUÇÃO INTERIOR

Mauro Marcondes | Cadeira nº 19

Quando o ser humano percebe que a sua existência está relacionada ao meio em que vive, onde fatores externos perambulam ao ser redor conduzindo-o muitas vezes à caminhos escabrosos que o torturam e dilaceram o conteúdo mágico que possui e, sobretudo, entende que ao fazer parte de um imenso tear cósmico onde, com certeza, existe uma inteligência suprema,

procura em seus guardados subconscientes caminhos e metas que o possibilite erguer-se diante do caos materializados ou criados por energias destoantes.

Dá-se início ao primeiro passo da construção interior permitindo que mesmo vivendo e vivenciando tormentos ou sequelas, existe um meio de progredir e de viver.

A Maçonaria ao pugnar pela prevalência do espírito sobre a matéria, nos mostra em seu arcabouço milenar que “o ser humano reconhecendo que não existe por si mesmo, faz render tosco, mas sincero culto a um Ente Supremo” e, que esta máxima, nos induz a compreendermos o poder que uma construção sólida embasada no alicerce consciente em nosso interior nos permite, ao edificarmos nossa vida, erguermos “Templos à Virtude”.

Destarte, nosso externo agir está intimamente relacionado com o nosso interno ser e que a prática continua do relacionamento com energias benéficas, permitirá a solidez da construção interna e, conseqüentemente o exercício pleno dos Ditames da Maçonaria Universal.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” - GOB-GO
Goiânia-Goiás - Fone: (62) 3211-1010

Presidente: João Batista Fagundes - Cadeira nº 16

Editor/design: José Mariano L. Fonseca - Cadeira nº 06

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima

Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/edição: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder - 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza

por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente

BICENTENÁRIO

O Sereníssimo Grão-Mestre Tito Souza do Amaral, da GLEG, participa das atividades comemorativas do Bicentenário do Grande Oriente do Brasil, no Palácio Maçônico Nasser Gabriel, do Grande Oriente do Brasil-Goiás, em Goiânia



artigo

FILOSOFANDO SOBRE A IMORTALIDADE - I

Paulo Marra | Cadeira nº 17

A alma do homem é como água/Vem do céu/Ao céu volta/E depois retorna à Terra./Em eterna alternância. // (Em song of the spirits over the waters, citado em Viney, 1993)

Imortalidade é a qualidade daquilo que não morre, que é eterno, indestrutível, que juntamente com a morte, são um dos problemas que mais tem preocupado o espírito do homem ao longo da história, não só dos filósofos, e sem dúvida, um dos mais misteriosos de todo o saber antropológico (GAMA, 2022).

A reflexão sobre a morte significa interrogar-se sobre a sua influência no homem enquanto ser vivo e enquanto ser mortal. Que significado terá para o homem saber que um dia terá de morrer? Mesmo que a reflexão filosófica sustente a imortalidade do homem, nada pacífica totalmente a mente humana. A inteligência humana tem necessidade de pontos de apoio inabaláveis, que a ciência positiva não pode dar sobre esta dimensão (GAMA, 2022).

As pessoas receiam a morte e, por isso, procuram acreditar na imortalidade. Alguns cientistas aceitam a ideia da imortalidade e dirigem suas pesquisas à invenção de uma droga da imortalidade ou coisa semelhante.

Do ponto de vista material, os átomos de nosso corpo são praticamente imortais e estão sendo reciclados continuamente. Pode-se dizer que átomos que constituíram famosos como, Ramsés II, Cleópatra, Ghandi, podem estar em nós. Mesmo durante sua vida, e certamente quando você morre, os átomos e moléculas que hoje estão inseridos em sua estrutura e aparência estão saindo e se espalhando por outras formas e modos de construção (GOSWAMI, 2008).

A procura pela imortalidade costuma ser discutida em vários contextos distintos, como: A busca de um medicamento que desafie a morte e rejuvenesce uma pessoa morta; a procura pela imortalidade no corpo físico, seja na forma de uma droga para a imortalidade ou na busca de um corpo atemporal que, de algum modo, desative os agentes ou mecanismos de envelhecimento do corpo; a imortalidade como ressurreição no corpo físico mediante a graça ou plano divino, tal como muitos cristãos imaginam; a imortalidade fora do corpo, mediante a procura espiritual da libertação. É assim que os filósofos espiritualistas falam da imortalidade (GOSWAMI, 2008).

A imortalidade é uma das crenças mais difundidas nas filosofias e nas religiões do Oriente e do Ocidente. Do ponto de vista filosófico, pode assumir duas formas diferentes: Primeira: a crença na imortalidade da pessoa individual, ou seja, da alma humana em sua totalidade. Segunda: a crença na imortalidade daquilo que a pessoa individual tem em comum com um princípio eterno e divino, só da parte impessoal da alma (ABBAGNANO, 2007).

A imortalidade da alma individual foi admitida pelos Orfícos no séc. VII a.C. O orfismo foi uma tradição filosófica e religiosa da Grécia antiga, inspirada na

figura mítica de Orfeu. Os Pitagóricos (séc. VI a.C), Sócrates (470-399 a.C), Platão (427-348/7 a.C), os Ecléticos como Cícero (106-43 a.C), também a admitem bem como Plotino (205-270). Os naturalistas do Renascimento também admitem a imortalidade, o lado da alma material, que é a única que preside às operações humanas, inclusive a moralidade. A alma material é mortal. Como exemplo, o filósofo Bernardino Telésio (1509-1588) nascido em Cosenza, Itália, admite a alma divina, que é o sujeito da aspiração do homem à transcendência e é imortal.

Sócrates e Platão são os filósofos que apresentam argumentos robustos em diversos diálogos a respeito da imortalidade da alma. Segundo Platão, “a vida é um processo de purificação (do corpo) e assimilação ao divino de imortalidade pessoal; os justos são recompensados numa vida futura, e há sanções reservadas aos viciosos; parte-se de uma distinção substancial fundamental entre alma e corpo, e os ‘prazeres’ são, uma vez mais tratados com desconfiança” (PLATÃO, 2011).

Na concepção de Franco (2021), o homem vive em uma busca incansável de algo que justifique qualquer coisa a mais no mundo físico ou de algo extrafísico, que permaneça após o fim da vida humana. Mediante a busca incansável do homem querer saber sobre algo após a morte, a concepção platônica nos traz por base alguns consolos racionais, imagéticos e fundamentais do esmiuçado entendimento filosófico, pois Platão realmente acredita que o mundo era possuidor de duas realidades: o mundo sensível (realidade material), constituído pelos objetos da percepção sensorial; mundo da experiência. Especialmente em Platão, o mundo sensível opõe-se ao mundo inteligível, do qual é cópia. O mundo das ideias (inteligível) ou Formas, é entendido como tendo uma realidade autônoma, tanto em relação ao mundo sensível, do qual constitui o modelo perfeito, quanto ao pensamento humano, que no entanto o atinge pela dialética. De tal modo que àquele mundo seja mais sublime que este, pois a alma sendo única já reside no mundo das ideias muito antes de ter vivido no mundo sensível. A alma já existia. Portanto, a alma é a essência vital que movimenta-se e impulsiona o corpo físico, sendo dona de sua imortalidade, pois faz parte das dúvidas da humanidade a recusa do vazio.

A imortalidade da alma pessoal a que se refere Platão, pode ser demonstrada em sua maior parte no diálogo Fédon, mas podemos também encontrar em A República e o outro no Fedro.

Na primeira prova exposta no Fédon, Platão demonstra que cada processo deve forçosamente possuir também seu contrário, senão toda a realidade se reduziria, cedo ou tarde, a apenas um dos dois estados. Por exemplo, se o sono não seguisse o despertar, inevitavelmente todos os seres vivos se encontrariam dormindo, o que, pela experiência, sabemos que não acontece. A mesma coisa vale também para o morrer e o renascer, caso contrário, chegaria o momento em que não existiria mais vida no mundo.

Obviamente esse argumento pode, no máximo, ser útil para demonstrar a continuidade da vida, mas não para provar a imortalidade da alma individual. Para garantir um significado ético à imortalidade, que é o que interessa a Platão, é necessário supor a continuidade da consciência. É com esse objetivo que, no Fédon, é introduzido o argumento da reminiscência: é claro que a passagem da recordação de uma vida a outra pressupõe aquela imortalidade em sentido individual que Platão tinha em vista. É posto que não existem dúvidas de que numa vida anterior, podemos ter aprendido fatos de que hodiernamente nos recordamos. “Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir pela geração a forma humana” (FRANCO, 2021).

O terceiro argumento do Fédon se fundamenta na afinidade da alma com as ideias, com base na qual se pode supor que a alma seja qualitativamente diferente da realidade material e corruptível, ou seja, se o mundo sensível não passa de cópia grosseira do mundo inteligível, se a única realidade verdadeira está ao lado das ideias, o homem é habitante dos dois mundos (FRANCO, 2021).

No Fédon, Sócrates tem a ocasião de propor um último e forte argumento ante a dúvida levantada por Cebes. Todo discurso de Sócrates se baseava no fato de que a morte é a separação de alma e corpo, mas certamente a alma não sofre esta “morte”. Para Sócrates “o corpo é cárcere da alma, em virtude desta ser oposta a matéria, contudo é neste corpo que a alma habita, e obrigatoriamente no instante em que a alma, este princípio vital, solicita desprender-se. E quem mais veementemente deseja desprender-se da alma, segundo Sócrates, seriam os filósofos, pois estes são de maneira geral os que em vida alvitram o altruísmo das coisas do corpo, e desassociam-se das arrogâncias materiais” (TRABATTONI, 2010).

Na totalidade, a alma é a essência que movimenta-se, e anima o corpo físico, portanto, é princípio vital, é ser sobrevivente, logo define-se um ser imortal.

A teoria da imortalidade parcial – tem origem em Aristóteles. Após distinguir o intelecto ativo do passivo, Aristóteles diz que o “intelecto ativo” é separável, impassível e sem mistura porque, sua substância, é ato; que só ele “é imortal e eterno” (ARISTÓTELES, citado por ABBAGNANO, 2007). Por sua “impassibilidade”, o intelecto ativo não conserva as determinações particulares, por isso não se identifica com a totalidade da alma humana, que também compreende o intelecto passivo.

Para Wartusch (2022), Alma em latim denomina-se anima, que em princípio advém do sentido de sopro, ar. Só posteriormente adquiriu o sentido de princípio vital, o que anima. Em suas raízes a alma parece constituir-se de ar, do inefável, incolor, inodora e não podemos tocá-la. Por ela vive, respira, sabendo-se, pelo seu contrário, que o corpo está morto, o que pode denotar que a alma com ele feneça, ou sendo sopro eterno, poderá prosseguir.

Aristóteles, propõe outra perspectiva da Anima, sem o dualismo corpus-anima, atribuindo a existência da alma incindível ao corpo e tendo princípio e fim em si. Ela é uma substância. A substância é matéria, que por si só não poderia ser determinada, mas é a substância constituída de forma, e sendo a alma substância composta de matéria, potência e forma entelética (aquilo que é perfeito, que para Aristóteles a entelética, é sinônimo de ato; movimento do ser em ato que tende à sua perfeição); é entendida em dois sentidos: como conhecimento e como exercício atual do próprio conhecimento. É uma matéria que possui vida, “a vida que me refiro consiste na capacidade de se alimentar a si próprio, no crescimento e no ato de morrer” (WARTUSCH, 2022).

De acordo com Durant (1996), a teoria da alma de Aristóteles, começa com uma definição interessante: a alma é todo princípio vital de qualquer organismo, a soma de seus poderes e processos. Nas plantas, a alma é meramente uma força nutritiva e reprodutora; nos animais, é também uma força sensitiva e locomotora; no homem, é também a força da razão e do pensamento.

A alma, como soma das forças do corpo, não pode existir sem ele; os dois são como a forma e a cera, separáveis apenas em pensamento, mas na realidade um todo orgânico. Uma alma pessoal e particular só pode existir no seu próprio corpo. Apesar disso, a alma não é material, como afirmava Demócrito; tampouco morre por inteiro. Uma parte do poder racional da alma humana é passiva: está vinculada à memória, e morre com o corpo que continha esta; mas a “razão ativa”, o puro poder do pensamento, é independente da memória, não sendo tocado pela decadência. A razão ativa é o universal, que se distingue do elemento individual do homem; o que sobrevive não é a personalidade, com suas afetações e desejos transitórios, mas a mente em sua forma mais abstrata e impessoal (DURANT, 1996).

Essa doutrina foi incorporada pelos estoicos (335-264 a.C) em sua metafísica, segundo a qual a alma do homem é uma parte do Espírito Cósmico e, como este, é imortal. Cleantes (331-232 a.C), grego, estoico, afirmava que todas as almas durarão até a conflagração final. Crisipo (280-205 a.C), sucessor de Cleantes, acreditava que somente a alma dos sábios durarão até esse momento.

Na Idade Média, Santo Agostinho (354 – 430) argumenta em favor da presença da Verdade na Alma: “Se aquilo que está num sujeito dura para sempre, necessariamente o sujeito também dura para sempre. Ora, toda ciência existe na alma como em seu sujeito; conclui-se necessariamente que a alma dura para sempre. Mas a ciência é a verdade, e a verdade dura para sempre; portanto, a alma dura para sempre também e nunca pode ser considerada morta” (ABBAGNANO, 2007).

Santo Tomás de Aquino (1227 – 1274), repete: “sendo incorruptível o objeto do intelecto, o próprio intelecto será incorruptível” (ABBAGNANO, 2007).

... Continua na próxima edição.



opinião

ESCRITOR – ABRINDO OS PORTAIS DE UM MUNDO NOVO!

Francisco Feitosa | Colaborador

A invenção da escrita foi um dos primeiros e dos mais importantes marcos da história da humanidade. Através dela pôde-se se perpetuar a Tradição até os dias atuais. Na Pré-história, a comunicação por desenhos nas paredes de cavernas (arte rupestre), ainda, não possuía um padrão e, portanto, não poderia se considerar uma forma de escrita. Muito embora, os escritos primitivos surgiram dos esboços de desenhos, o que leva muitos a dizerem que a literatura é filha da arte.

Os vestígios mais antigos de escrita são as “Tábuas Tártaras”, descobertas na Tartária, na Romênia, com datação estimada de 5.500 a.C. O significado de seus símbolos é desconhecido, e sua natureza tem sido objeto de debates calorosos. Os primeiros livros do mundo foram gravados em colossais monumentos de pedra. Alguns desses “livros”, como a sumeriana “Epopeia”, de Gilgamesh, e a “História Egípcia dos Faraós”, pesavam muitas toneladas, cada um.

A forma mais primitiva de escrita seria a cuneiforme, palavra que significa “em forma de cunha”, devido aos povos primitivos, assim como os sumérios, utilizarem-se de instrumentos, em forma de cunha, para imprimir, na argila, ainda mole, desenhos toscos que, posteriormente, eram colocadas ao Sol para secar. Tais desenhos representavam sílabas, palavras e, o seu conjunto, histórias que ficaram registradas, por volta de 3.000 a.C., na Mesopotâmia, pelos sumérios.

Os antigos egípcios desenvolveram duas formas de escrita, a “hieroglífica” e, a partir da segunda metade do primeiro milênio antes de Cristo, a “demótica”, ambas podem ser encontradas nas paredes internas das pirâmides. A paleografia é a ciência que estuda a escrita da Antiguidade.

A partir do caule da planta “cyperus papyrus”, muito comum às margens do rio Nilo, surgiu o primeiro papel a ser utilizado para a escrita. Mais tarde, na Roma Antiga, surgiria o pergaminho, obtido através da pele de caprino, uma técnica que foi aperfeiçoada no antigo reino de Pérgamo, atual Turquia, nome que originou sua denominação. Em sequência, surgiu o códice, em substituição ao pergaminho. Era uma pequena placa de madeira encerada, utilizada pelos antigos romanos para escrever. O conjunto dessas placas, com dobradiças, formavam uma espécie de livro.

O “Escriba” era o profissional que, na Antiguidade, dominava a escrita. A mando do rei, redigia as leis do reino ou de determinada religião, registrava dados numéricos, copiava e arquivava informações. A escrita era de domínio de poucos, com isso, tais profissionais gozavam de enorme prestígio e destaque na sociedade. Considerados como parte da corte real, os escribas eram dispensados de pagar impostos e de servir as forças armadas, de então. Seus filhos eram educados na mesma tradição escriba e herdavam os cargos de seus pais.

A história deve seus registros a esses profissionais que, através da escrita, perpetuaram os acontecimentos para

que, hoje, deles, pudéssemos tomar conhecimento.

Os Escribas, nos livros sagrados, referem-se aos doutores e mestres, homens especializados no estudo das leis divinas. Existiram escribas de diferentes seitas, como os saduceus, fariseus e essênios. Após o exílio babilônico suas funções passaram a ser mais específicas e relacionadas à religião, como copistas, preservadores e intérpretes da lei religiosa. Esdras é um exemplo de sacerdote e escriba.

No ano 70 d.C., com a destruição do Templo de Herodes (Jerusalém), com o consequente desaparecimento do sacerdócio judaico, sua influência passaria a ser, ainda, maior. Pouco antes de Cristo, nomes de escribas como Hillel e Sammai ganharam destaque. O escriba Gamaliel, filho de Hillel, foi mestre de Paulo de Tarso.

A escrita chinesa e a escrita adotada pelas civilizações pré-colombianas, na América, como, por exemplo, a escrita maia, tiveram origens independentes. Vários sistemas de escrita mesoamericanos são conhecidos, sendo a mais antiga, a olmeca ou zapoteca, do México. A escrita japonesa foi criada a partir da escrita chinesa, por volta do século IV.

Os japoneses produziram o primeiro e mais longo romance do mundo. Uma história em 54 volumes, e o autor era uma mulher! O nome desse romance é bastante interessante, Genji Monogatari (Mexerico a respeito do sr. Genji). A autora desse livro é Murasaki (Senhora Violeta).

Em verdade, os antigos escritores sumerianos não mostravam interesse pela escrita, em si. Seu foco era os negócios. A invenção da escrita, por eles, tinha por fim consignar os extratos de contas e as faturas de venda.

Foram os gregos os primeiros europeus a aprender escrever com um alfabeto e seu sistema foi fundamental para o mundo moderno. Já o alfabeto romano, na Roma Antiga, dispunha, apenas, de letras maiúsculas. Na época em que a escrita passou a ser em pergaminhos, foi criado um novo estilo, denominado de “uncial”, que resistiu até o século VIII, inclusive utilizado na escrituras da Bíblia. Foi quando surgiu um novo estilo, desenvolvido pelo monge inglês, de nome Alcuino, atendendo ao pedido do imperador Carlos Magno. Por volta do século XV, foi criado, por alguns eruditos italianos, um novo estilo menos complexo.

No Mundo Medieval, o acesso aos escritos era restrito aos clérigos, com isso, surgiria a figura do Monge Copista, herdeiros dos escribas egípcios. Os mosteiros e abadias eram os poucos centros de cultura letrada.

O estilo, hoje, denominado itálico, teve origem com a criação do primeiro caderno de caligrafia, pelo italiano Lodovico Arrighi, em 1522. Com o tempo, outros cadernos foram impressos, tendo seus tipos gravados em chapas de cobre, dando origem a escrita calcográfica (escrita ao contrário).

Do mesmo modo que o telescópio revolucionou a astronomia, a invenção

da imprensa pelo alemão Johannes Gutenberg, em 1430, revolucionou a escrita, com a produção mecanizada, em massa, de livros, através de tipos produzidos em chumbo, substituindo o códice, o livro escrito manualmente. Em 30 de setembro de 1452 foi produzido o primeiro livro impresso, a Bíblia, que ficou conhecido como a “Bíblia de Gutenberg”.

Gutenberg imprimiu a sua transcrição da Bíblia, em latim, em dois volumes, distribuídos em 1282 páginas, com 42 linhas cada, resultando em, aproximadamente, três milhões de caracteres. Foram impressas 180 unidades até o ano de 1455, mas, apenas, 48 exemplares estão conservados até hoje. Considerada a obra-prima da impressão e do artesanato refinado, seu texto original é a tradução, em latim, conhecida como Vulgata, feita por São Jerônimo, no século IV.

Enfim, o alfabeto utilizado atualmente, é o legado de várias culturas, a partir da necessidade do registro dos sons das palavras, passando por diversas transições, porém, é atribuída aos fenícios a representação fonética das palavras, sendo, os alfabetos, o abstrato que podem ser adaptados e usados a qualquer tipo de idioma.

O surgimento da escrita é um marco importante na história do mundo, por demarcar a separação entre a história e a pré-história, iniciando o registro dos acontecimentos. Os antigos inventores da escrita foram os pioneiros da educação moderna. Contudo, não tinham ideia da parte proeminente que haveriam de desempenhar na história da cultura humana.

O escritor é o profissional que utilizando-se da palavra escrita, expressa suas ideias. O termo “pa-lavra” é a “pá” que “lavra” o terreno fértil (a mente do leitor), com o objetivo de semear ideias, conceitos e ensinamentos, contribuindo, com isso, para o nascimento de um novo estado de consciência, naqueles que se permitem envolver pelo mundo mágico da leitura.

Através da escrita e a da leitura o homem transcende ao tempo e ao espaço, permitindo ao escritor da Antiguidade comunicar suas ideias ao leitor da atualidade. Concede ao leitor um passaporte para uma viagem ao mundo das ideias do escritor, vivenciando emoções e angariando conhecimentos que, colocados em prática e transmitidos a outrem, poderão se consolidar em sabedoria!

Francis Bacon dizia que “a leitura torna o homem completo; a conversação torna-o ágil; e o escrever dá-lhe precisão”. Decartes dizia que “a leitura de todos os bons livros é como uma conversa com os melhores espíritos dos séculos passados, que foram seus autores, e é uma conversa estudada, na qual eles nos revelam seus melhores pensamentos”.

Essa breve viagem pela história da escrita, serviu-nos de preâmbulo para homenagear esses profissionais que, através do bailado harmonioso de seu grafite, registram e perpetuam suas ideias, como o incansável barqueiro, que faz a travessia entre o abstrato, que sua mente plasmou, transportando para o

concreto, e eternizando, no papel, em forma de escrita.

Quando “suas ideias” transcendem a sua capacidade mental, humildemente, agradece a seus mentores espirituais pela oportunidade de ter-Lhes servido de um canal, para a expressão de uma Vontade Superior.

Mundialmente, comemorado no dia 13 de outubro, no Brasil, o Dia do Escritor é comemorado no dia 25 de julho, por ocasião da realização do I Festival do Escritor Brasileiro, organizado pela União Brasileira dos Escritores. Devido ao enorme sucesso do evento, foi sugerida tal data para homenagear tal nobre profissional da escrita, o que foi, devidamente, acatada e aprovada, a partir de 1960, pelo Ministério da Educação e Cultura.

“O Ministério da Educação e Cultura, reconhecendo este significado, promove, na data de hoje, a criação do Dia do Escritor Brasileiro, que será doravante comemorado, por iniciativa oficial. E aproveita, como patrono do fato, a figura de João Ribeiro – símbolo do humanismo brasileiro – cujo centenário de nascimento se celebra em todo o território nacional, e que representa, de modo expressivo, por suas virtudes poligráficas de escritor, a própria Inteligência Brasileira”.

Aos nobres colegas, desde os icônicos Machado, Drumond e tantos outros, aos infinitamente menos conhecidos, como eu, que se equilibram em suas penas, a franquear os portais de um mundo novo para nossos diletos leitores, recebam nossa sincera, carinhosa e humilde homenagem!

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Carlos Vieira da Silva nasceu no dia 28 de junho de 1936, na cidade de Estrela do Sul – MG. Filho de José Maria da Silva e Brasília Vieira da Silva. Casado com Eunice de Souza e Silva, tendo os filhos Karla Rúbia, Denner Jacques, Carlos Filho, Daniel e Guilherme Vinícius.

É bacharel em Direito. Fez cursos de Sexologia Forense, Psicologia da Personalidade, Estudos de Problemas Brasileiros e Psicopatologia Forense. Exerceu a profissão de Advogado e também de empresário.

Iniciado no dia 31 de janeiro de 1962 na Loja Adonhiram nº 11. Exerceu vários cargos em Loja, sendo Chanceler, 1º Vigilante e Venerável Mestre por dois mandatos, de 1965/1967.

Teve como Grão-Mestre Adjunto West de Oliveira, da Loja Educação e Moral nº 8.

Em seu Grão-Mestrado exerceram os cargos de Grande 1º Vigilante Jesus Antônio Lisboa; Grande 2º Vigilante José Quinha de Souza; Grande Orador José Duarte; Grande Secretário Chanceler Guarda Selos Arnelo Carvalho Cintra; Grande Secretário de Relações Exteriores, Roland Martin; Grande Tesoureiro João Pedro Nunes; Grande Hospitaleiro Josias Nogueira de Oliveira; Grande Mestre de Cerimônias Fernando Selani; Grande Diretor de Instruções Lafayette Teixeira França.

A Grande Comissão de Leis foi composta pelos irmãos Benedito Barreira de Moraes, Eurípedes Ferreira Rios e Antônio Batista Xavier. A Grande Comissão de Justiça por Samuelino Fernandes de Castro, Lauro Saraiva Magalhães, Laerte Ferreira de Araújo, Genésio Barreto de Lima, Urias de Oliveira Filho, Dimas Pina de Novais, Licínio Leal Barbosa, Coloan Costa Aguiar e Balduino Silva.

Uma das suas providências foi à reforma da Constituição e do Regulamento Geral da Grande Loja por uma comissão de alto nível composta pelos irmãos, West de Oliveira, Licínio Leal Barbosa, Benedito Barreira de Moraes, Renê de Souza Ramos, Urias de Oliveira Filho, Eurípedes Ferreira Rios e Laerte Ferreira de Araújo. Foi um trabalho coroado de êxito



pela decisão unânime da Assembléia Constituinte da Grande Loja que aprovou a nova Constituição, promulgada pelo Grão-Mestre Carlos Vieira da Silva, juntamente com o novo Regulamento Geral na forma do Decreto nº 5-69/72 de 21 de setembro 1971. Esta foi a terceira Constituição da Grande Loja.

DECRETO Nº 05-69/72.

Carlos Vieira da Silva, Grão-Mestre da Muito Respeitável Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás, usando de suas atribuições contidas na Constituição e no Regulamento Geral, //Faz saber a todas as Lojas e Maçons da Jurisdição, para que cumpram e façam cumprir, que a GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE GOIÁS reunida em Assembléia Constituinte no dia 22 de dezembro de 1970 – (ERA VULGAR), no Templo da Augusta Respeitável e Benemerita Loja Simbólica “Educação e Moral nº8, à 5ª Avenida nº 1036 – Campus

Carlos Vieira da Silva – Sétimo Grão-Mestre – Período de 1969/1972

Universitário observado as prescrições legais, decretou e promulgou e eu sancionei as reformas de sua Constituição e as do Regulamento Geral, pelos quais deverá rege-se a Maçonaria Simbólica Regular de sua obediência, neste Estado de Goiás, República Federativa do Brasil, publicadas por este DECRETO Nº 05-69/72

O Grande Secretário Chanceler Guarda Selos fica incumbido da publicação e do registro deste Decreto e da Constituição acima referida.//Dado e traçado no Gabinete deste Grão-Mestrado, Oriente de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, aos vinte e um dias do mês de setembro de um mil novecentos e setenta e um (21.09.1971). EV.

Carlos Vieira da Silva – Grão-Mestre.

Arnelo Carvalho Cintra – Grande Secretário Chanceler Guarda Selos.

Adquiriu três salas para instalação da Grande Loja, no 11º andar do Edifício Sayonara, situado na Rua 8 nº 607, Setor Central de Goiânia.

Em sua administração foram fundadas as Lojas Estrela Universal nº 35, de Quirinópolis; União de Paranaiguara nº 36, de Paranaiguara; Acácia Pontalinense nº 38, de Pontalina e a Loja Estrela do Paraíso nº 39, de Paraíso do Norte, hoje Tocantins.

Carlos Vieira da Silva conseguiu trazer a Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) para o Estado de Goiás, pela primeira vez, sob o patrocínio da Grande Loja Maçonica do Estado de Goiás, que foi a VIII Assembléia, o que realmente ocorreu de 20 a 27 de julho de 1974, já no mandato do Grão-Mestre Roland Martin.

Foi Presidente da Fundação de Abrigo de Menores Aprendizês – FAMA de 1965/1967.

Pelo Ato nº 16-69/72, de 23/05/73 foi concedido o título de Grão-Mestre Honorário Ad Vitam ao Past Grão-Mestre Lafayette Teixeira França, pelos seus cinquenta anos de vida maçônica.

Recebeu a Medalha do Mérito Maçônico Lafayette Teixeira França. É portador do grau 33, do Supremo Conselho.

til –, porém para muitos, o internetês é uma forma mais descolada de se expressar e pertencer ao grupo.

O contexto pode ser online, a intenção é ser informal, e a alegação pode ser a de “ganhar tempo”, porém nada disso deve ser considerado fator preponderante para que se desconheça a sua própria língua. De nada vale a mídia ou até mesmo algumas correntes acadêmicas incentivarem ou mesmo absterem-se de alertar o quanto esse tipo de dialeto, insistentemente utilizado, pode prejudicar o jovem brasileiro a tomar consciência sobre a relevância de conseguir se expressar de maneira minimamente formal, na sua língua materna.

Note-se que o que se traz à tona é a questão da influência das redes sociais e dessa linguagem escrita de maneira tão deturpada, que inapelavelmente acaba propiciando um nivelamento por baixo e o consequente emburrecimento no processo de conhecimento da própria língua, impactando negativamente tanto no campo acadêmico, bem como no profissional. Evolução não é moda e seu caráter não é transitório.



crônica

O CAMINHO CURTO PARA O EMBURRECIMENTO

Newton Agrela | Colaborador

Internet tornou-se uma ferramenta simples e rápida, que encorajou as pessoas e sobretudo os jovens a escreverem mais, além da agilidade para se comunicar. Contudo, apesar desse “incentivo”, não há como, desconsiderar o inequívoco lado negativo da questão. Há uma forma padrão da língua portuguesa que não pode e nem deve ser desconsiderada. Há um aspecto preponderante nessa história que dá conta quanto a ortografia e a memória visual.

O “internetês”, neologismo criado para referir-se a essa espécie de dialeto que se criou a partir das mídias sociais, impõe que por uma questão de pressa, modismo e falsa ideia vanguardista, que a acentuação e pontuação simplesmente sejam descartadas.

Quer queira quer não, esse descompromisso com a gramática, morfologia e sintaxe fere e prejudica sensivelmente a memória visual, sobretudo num país em que no que menos se investe é justamente na Educação.

Não se pretende aqui, fazer qualquer tipo de patrulhamento ideológico, político ou cultural. Porém, aprende-se a ler e a escrever visualizando a imagem das palavras. É desse modo que se vai familiarizando com as sílabas, com as acentuações que auxiliam na compreensão fonética da língua e claro, na pontuação que denota o ritmo, a cadência, as pausas e a respiração na expressão linguística.

O brasileiro não é exatamente um povo habituado a ler livros, revistas e jornais, com isso, a contribuição cultural



artigo

MULHERES E JOVENS NA MAÇONARIA

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Embora já se saiba da existência de associações femininas (compostas só de mulheres) e mistas (compostas de homens e mulheres) que funcionam sob a égide da palavra “maçonaria”, a instituição maçônica que é considerada regular universalmente é a reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra (a potência maçônica mais antiga do mundo), isto é, a que admite em seus quadros de obreiros exclusivamente a figura masculina, sendo vedada a participação de menores de 21 anos por não terem idade civil.

A participação das mulheres como filiadas da instituição maçônica regular ainda não é permitida por uma questão de tradição, segundo os princípios e fundamentos da Ordem.

Os maçons explicam que não se trata de machismo, pois assim como homens têm aptidão para serem pais e mulheres para serem mães, existem alguns fundamentos que são feitos para serem cumpridos e executados por homens, dada à sua própria natureza e essencialidade, dentre os quais, os que constam dos princípios e normas imutáveis da maçonaria como é o caso dos “landmarks”.

Assim, pois, sem afrontar as normas, princípios e fundamentos já referidos e, como forma de se evitar a exclusão da mulher das atividades exercidas pelos maçons, foram instituídos grupos de mulheres para trabalharem ao lado deles, funcionando como ponto de apoio na realização de atividades sociais e culturais sob orientação das lojas.

Esses grupos, de acordo com o ordenamento dos princípios e fundamentos que regem a Ordem Maçônica, são hoje universalmente conhecidos como Fraternidade Feminina (no âmbito do GOB) e Colmeia (no âmbito da Grande Loja), compostas, na sua maioria, pelas esposas dos maçons.

Outras congregações paramaçônicas também existem, umas compostas só de elementos do sexo masculino, outras, só do sexo feminino, e ainda, uma terceira composição denominada de mista, porque aceita candidatos de ambos os sexos. São elas:

– ORDEM DA ESTRELA DO ORIENTE OU ORDEM INTERNACIONAL DAS FILHAS DE JÓ (para as meninas e moças com idade entre 10 e 20 anos).

– ORDEM DE MOLAY (para os jovens com idade entre 12 e 21 anos)

– LOWNTONS (para crianças e adolescentes do sexo masculino) de 07 a 14 anos). Em alguns países a filha do maçom também pode ser adotada como lowton.

– ORDEM DAS ARCO-ÍRIS (para meninas e moças com idade entre 11 e 21 anos);

– ASSOCIAÇÃO PARA-MAÇÔNICA JUVENIL-APJ (para meninos, meninas e jovens de ambos os sexos, na faixa de idade de 07 a 21 anos).

COMO E QUANDO SURTIU A FRATERNIDADE FEMININA

Em 1967, surgiu na Constituição do Grande Oriente do Brasil-GOB um dispositivo que criou a Fraternidade Feminina (FRAFEM). Esse dispositivo é o artigo 157, que dá existência jurídica à referida fraternidade, como uma associação civil filantrópica, ou seja, sem fins lucrativos ou econômicos, qualificável como de interesse público, com número ilimitado de associadas.

Além das esposas dos maçons, também podem participar como membros da Fraternidade Feminina, viúvas de maçons, mães de maçons, sogras de maçons, irmãs de maçons, filhas de maçons (desde que maiores de 21 anos), bastando para tanto apenas o preenchimento e assinatura de requerimento.

A Fraternidade feminina tem personalidade jurídica própria e seus atos constitutivos são registrados e arquivados em cartório.

FINALIDADES DA FRATERNIDADE FEMININA

Alguns grupos, em suas bases, sentem-se um tanto isolados de qualquer orientação maçônica e essa falha é atribuída à Loja à qual cada grupo pertence. Em tal situação, ficam à mercê de incertezas sobre o que lhes cabe realizar e isso é muito prejudicial, pois desmotiva o grupo com reuniões sem qualquer atrativo, improdutivas, sem pauta, em função do que os percentuais de ausência vão se tornando cada vez maior.

Ao contrário do que muitos entendem, não é papel da fraternidade feminina realizar desmedido esforço do ponto de vista financeiro para prestar ajuda a uma única pessoa de cada vez. Ações dessa natureza se caracterizam como obra meramente social, cuja responsabilidade não lhes deve ser transferida, pois é uma tarefa que compete aos maçons e deve ser realizada através da Loja à qual estiverem pertencendo.

O que compete às fraternidades femininas realizarem são as chamadas ações sociais, ações de solidariedade, ações filantrópicas, ou seja, aquelas que visam atingir as classes sociais mais baixas, de preferência, as pessoas que se acham abaixo da linha da miséria, procurando, com o emprego dessas ações, minorar dificuldades e sofrimentos, não de uma única pessoa, mas de várias ao mesmo tempo.

Alguns exemplos de ações típicas que estão a cargo das fraternidades femininas, além dos que estão previstos em seus respectivos estatutos: campanha do agasalho; apoio moral e financeiro a creches particulares, asilos e orfanatos a cargo de entidades religiosas ou particulares; promoção de obras caritativas que beneficiem crianças pobres, mães pobres, idosos pobres etc, em datas especiais como o “dia da criança”, “o dia das mães”; palestras educativas entre outros.

Para melhor desempenho e êxito na realização desses serviços, a fraternidade precisa do apoio dos maçons e de dinheiro, sabendo-se que, recurso financeiro não se alcança sem planejamento e trabalho, ou seja, o grupo tem que se mobilizar e decidir sobre o que fazer para conseguir ter dinheiro em caixa. Dentre as várias atividades que geram recursos, a fraternidade poderá optar pela realização de eventos como: Chá beneficente; Feijoadá; Almoço; Jantar dançante, produção e venda de artesanatos, brechós etc.

ORDEM DE MOLAY

Fundada nos Estados Unidos em 1919 e assim como todas as demais entidades acima enumeradas, concentra esforços na formação de bons cidadãos, trabalhando com adolescentes e jovens com idade entre 12 e 21 anos transmitindo-lhes ensinamentos e orientando-os a se conduzirem na vida como membros úteis à sociedade, inspirados na virtude e na crença em um ente supremo, que é Deus.

LOWTON

Pode ser lowton criança do sexo masculino com idade de 07 a 14 anos, filho de maçom, enteado de maçom ou neto de maçom.

Através de um processo próprio de apadrinhamento ele se torna afilhado de uma Loja Maçônica com a finalidade primordial de ser preparado, ao longo do tempo, a assumir com responsabilidade o lugar do pai, do padraсто ou do avô em caso de morte.

ORDEM INTERNACIONAL DO ARCO-ÍRIS

Foi criada em 1922, nos Estados Unidos, com a finalidade de amparar e prestar ajuda às meninas órfãs, na faixa etária de 11 a 21 anos. Naquela época, a orfandade se elevou a níveis expressivos em função da mortandade de homens que foram lutar na 1ª guerra e não voltaram. Desse fato surgiu a necessidade de se criar algo para orientar e amparar as meninas filhas de pais ou irmãos que morreram na guerra.

A ideia de criação da Ordem Internacional do Arco-Íris foi sugerida pelo maçom reverendo William Mark Sexsom quando este discursava em reunião do Capítulo 149 da Ordem da Estrela do Oriente, nos Estados Unidos.

É uma ordem dedicada à boa formação do caráter e da personalidade. Dela podem participar as adolescentes com idade entre 11 e 21 anos, filhas de maçons ou não. Para fazer parte da ordem é preciso que a candidata tenha a idade exigida e seja indicada por um maçom ou por uma Menina Arco-Íris.

ORDEM DA ESTRELA DO ORIENTE OU ORDEM INTERNACIONAL DAS FILHAS DE JÓ

Foi fundada em 1920, nos Estados Unidos, para meninas e moças na faixa etária de 10 a 20 anos e tem como objetivo direcionar aos seus próprios membros: desenvolvimento espiritual e moral; desenvolvimento do espírito de liderança; busca de novos conhecimentos; amor a pátria; prática da solidariedade; exercício da virtude. Podem participar como filiadas da Ordem, meninas e moças filhas de maçons ou não. As que não forem filhas de maçons só poderão ser recebidas como filiadas da Ordem se forem indicadas por algum Mestre Maçom.

ASSOCIAÇÃO PARA-MAÇÔNICA JUVENIL - APJ

Legitimamente brasileira, pois sua instituição é de autoria do Grande Oriente do Brasil, com os seguintes objetivos: Assegurar à comunidade jovem o interesse pelo estudo cujo objetivo principal é a educação de qualidade e a formação integral do homem e da mulher; Despertar em nossos jovens a responsabilidade de participação e valorização dos atos cívicos; Despertar o espírito de cooperação entre jovens e adultos e a comunidade de um modo geral; Desenvolver o espírito de união e fortalecimento da vivência em família; Desenvolvimento cultural dos jovens e a formação através das atividades cívicas, esportivas e recreativas; Desenvolvimento do espírito de liderança e da filantropia no socorro das famílias menos favorecidas; Manter sempre viva a crença em Deus e o amor ao próximo.

Há que se destacar, no entanto, o seu objetivo principal que é o de agregar toda a família maçônica em uma única instituição: maçons, suas respectivas esposas, filhos e filhas, cada qual com sua função definida dentro da ordem e o foco no protagonismo e desenvolvimento dos jovens, com ênfase na sua formação moral, intelectual, social, cívico-patriótica etc., mediante emprego de atividades atrativas e recreativas como a dança, o teatro e a música, por exemplo.



crônica

O PRIMEIRO APRENDIZADO

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

O carismático compositor padre Zezinho, da Igreja Católica, é autor de bonitas canções, dentre elas a que exalta a família, na qual consta uma mensagem que expressa o desejo de que nenhuma família more debaixo da ponte, como fazem centenas em diversas cidades, inclusive na capital paulista. Defendendo-as se destaca o

padre Júlio Renato Lancelotti que atrai apoio e oposição ao seu elevado propósito humanitário. Esse grave problema social nos mostra que a família não é sentinela inexpugnável da justiça e paz, pois são, obviamente, membros de famílias as multidões que tentam se abrigar nas praças públicas sob viadutos, pontes e marquises, nos

canteiros de flores que não conseguem ocultar, com a leveza de suas pétalas perfumadas, o paradoxo de ser o Brasil o maior exportador mundial de alimentos, porém tomado pela fome que nos envergonha. O país exporta filé e grande parte de seus habitantes come ossos, pés de frango e carcaças de peixe. A estrutura familiar se desmancha na miséria. Há pães suficientes para todas as mesas (famílias), mas não há pães em todas as mesas (de todas as famílias). Muitos que escapam da fome tombam assassinados pelo Estado.

Salutar é a família. Salutar significa saudável. Saudável é a família

quando estribada no amor à natureza, à liberdade, à justiça, aos Direitos Universais do Ser Humano. O contrário de salutar é doente. A humanidade, desde o início de sua caminhada, se encontra enfermada de preconceitos transmitidos de geração a geração. No correr dos tempos, ensinou-se que os negros eram inferiores aos brancos, que os judeus deveriam ser torturados e mortos, que as populações carcerárias deveriam ser eliminadas. Em resumo, o primeiro aprendizado de ideias pré-concebidas é o berço, pois sem elas nascemos.



reflexão

A PALAVRA E O HOMEM “LIVRE E DE BONS COSTUMES”

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador



A palavra surgiu do latim propagare, que significa deitar a muda de uma planta no solo e, no caso de uma ideia, fazê-la penetrar na mente das pessoas como se faz com a planta penetrada no solo para germinar, crescer e dar frutos.

A adoção da linguagem como meio de olho comunicação foi uma das primeiras necessidades com que o homem se defrontou e o marco inicial desta forma comportamental data da época mais remota da sua existência, ou seja, aquela em que o ser humano ainda possuía cérebro rudimentar. Este ser, segundo a paleontologia, era o homem de Neandertal tido como a primeira espécie do gênero a surgir na face da terra e a denominação que lhe foi atribuída, de homem das cavernas, deveu-se ao seu modo selvagem de vida e à razão de terem sido aqueles ambientes a sua primeira opção de moradia, portanto código que é

o meio pelo qual se passa a mensagem: gestos, figuras, fala, escrita. Canal: é o meio pelo qual a mensagem circula. Contexto: é o meio no qual o receptor e emissor estão inseridos: situação, lugar. A linguagem pode ter várias finalidades: de informar, de persuadir, de emocionar, dentre outras.

A partir do momento em que alguém se torna Maçom, terá de se conscientizar que haverá um caminho longo a percorrer e que, deverá possuir critério para olhar com maior densidade à historicidade da instituição, identificar as diversas simbologias que se matizam entre a educação, arte, ciência e cultura por centenas de anos, promovendo o engendramento fantasmagórico, em que se mostra de forma narrativa, na busca de alguma explicação desejada adornando e vivificando os fenômenos que estão embutidos nas entranhas mais profundas, requerendo desse maçom um aguçamento da interpretação do conteúdo imagético encontrado.

Pode-se dizer que é um caminho sem fim, onde os estudos acerca da instituição maçônica, em que

o passado e futuro se fazem presentes, nesse mundo de interações globais que são estreitadas em frações de segundos. Sobretudo, porque toda comunicação possui e tem um objetivo principal, de transmitir uma mensagem com mais efetividade, ou seja, com eficiência e efetividade, além de se fazer entender, assegura Wittgenstein (1993) de que “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.”

Indubitavelmente, existem várias maneiras de fazer isso, priorizando a fundamentação, a presença, a fim de situar a base pretendida da mensagem e o posicionamento que deverá ser reservado à ética, de modo a que possa “emergir claramente e promover equilíbrio, tendo em conta a ampla escala dos recursos discursivos e persuasivo” que poderão ser extraídos e consubstanciados durante a elucidação da exposição que aderem facilmente à forma natural, parecendo que tudo é feito de experiências passíveis de serem rapidamente revertidas e sem perceber que haja algum propósito sobre si.

Dessa forma, a mesma mensagem pode ser transmitida de várias formas e ter diversos entendimentos, por exemplo, de maneira formal ou informal, com mensagem escrita ou oral, verbal ou através de imagens ou códigos.



A linguagem, sempre empregada nas Lojas Maçônicas,

expõe que o Aprendiz Maçom é uma pedra bruta que se deve talhar a si mesmo para se tornar uma pedra cúbica. É o início da sua jornada Maçônica, obviamente, são simbólicos. E os símbolos nos abrem as portas sob condição de não nos atermos apenas às definições morais, mas começar a entender os significados do nosso curso no dia a dia na instituição, em que, o verdadeiro maçom é reconhecido por seu, caráter íntegro, seu espírito humanitário, sua alta espiritualidade, seu comportamento exemplar de cidadão e profissional, seu intelecto diferenciado e seu amor profundo pela Humanidade e um desejo eterno de se ver no Mundo como um eterno Aprendiz em desenvolvimento constante, isso é ser maçom e fazer maçônica. (MENDES, A. Os Antigos Landmarks da Ordem. Rio de Janeiro, 2011).

Bem como, nos ensina que devemos ser homens livres e de Bons costumes. Más, o que é “ser livre e de bons costumes”?

“São as regras de conduta limpa nas relações familiares e sociais, em harmonia com os elevados fins da vida humana e com a cultura moral de nossos dias. A cultura moral de nossos dias representa vinte séculos de civilização pelo império dos princípios cristãos, princípios esses que sintetizam, na mais elevada expressão, a mais alta finalidade da vida humana”. (LIMA, J. Franzen de. Curso de Direito Civil Brasileiro. Rio de Janeiro: Forense, p. 107)

Sobretudo, desde épocas mais longínquas é o aprimoramento espiritual e moral da Humanidade, “pugnando pelos direitos dos homens, Justiça, amor fraterno, procurando congregar esforços para uma maior e mais perfeita compreensão entre os homens”, estabelecendo os vínculos fraternais independente das condições socioculturais, raças, crenças prevalecendo a paz, harmonia entre os povos, enquanto a palavra Livre.

derivada do latim, em sentido amplo quer significar tudo o que se mostra isento de qualquer condição, constrangimento, subordinação, dependência, encargo ou restrição.

Portando, para Sartre(1998), ser livre é uma condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se, isto é, o ser humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. Não existe nada que obrigue o ser humano agir desse ou daquele modo. Continua o autor “A condição primordial da ação é a liberdade”, na qual ele expõe que a liberdade é um fazer que não acontece a priori, e sim como cumprimento da ação. Sartre afirma que “[...] é o ato que decide seus fins e móveis, e o ato é expressão da liberdade” (SARTRE, 1998, p. 541).

Por esse ponto de vista, toda ação tem uma partida intencional fruto da liberdade de escolha do homem, pois a realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente “despreendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será”. O homem é livre, consciente disso, se angustia porque se vê compelido a escolher.

Mas o maçom livre “dispõe da necessária força moral para evitar todos os vícios que infamam, que desonram, que degradam”, uma vez que a liberdade é livrar-se de todas as propensões para o mal, sair espaços sobrinhos e procurar caminhos que conduz à prática do bem, que aproxima o homem da perfeição intangível.

Por fim, cada vez mais torna notório que o verdadeiro homem livre e de bons costumes, “não investe contra a reputação de outro”, porque tal fazer é trair os sentimentos de fraternidade e ferir os princípios da Instituição. Uma vez que, a palavra e a “liberdade formam o alicerce de toda a moral”, mas nada explica que este ou aquele valor seja melhor. Se a liberdade do homem é o alicerce absoluto, então, assim, “a moral não existe senão no próprio homem, manifesta, exclusivamente, em seu agir concreto”. Ele Cultiva a elevação dos sentimentos de paz, harmônica e crescimento intelectual com trabalhos incansáveis em prol do crescimento e do desenvolvimento da família maçônica e dissemina com palavra sábias os encantos que promovem a Maçonaria.

JF
FAGUNDES
ADVOGADOS

João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293
Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO

ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@erra.com.br



artigo

COMUNICAR É GERAR AÇÃO

Michael Winetzki | Colaborador

Empresas, organizações (como a maçonaria) e profissionais tem a necessidade cada vez maior de inovar, ampliar horizontes, expandir fronteiras e mercados, para participarem do processo de acirrada competição que caracteriza essa nova era de globalização e comunicações virtuais.

Novas ideias são criadas a cada momento em todos os setores da atividade humana e sua aplicação tem possibilitado a melhoria das condições de vida de pessoas e de países, quer na atividade empresarial, quer no trabalho voluntário como o desenvolvido por clubes de serviço e ONGs, ou na nossa Ordem.

Mas boas ideias de nada valem se não puderem ser transmitidas de maneira interessante, objetiva, precisa e clara. Isto demanda a habilidade de COMUNICAR.

O processo de comunicação é fundamental na transmissão das ideias e na mobilização de pessoas. Além disso, quem transmite suas ideias de forma articulada, eloquente e objetiva adquire respeitabilidade e credibilidade, valorizando-se profissionalmente, destacando-se em seu meio.

Aristóteles ensina que a retórica (a arte da oratória) tem por finalidade persuadir, convencer. Levar o interlocutor, a aderir às ideias de quem fala através

de argumentos plausíveis e verossímeis, embalados numa linda mensagem (eloquência).

Há, entretanto, diferença entre eloquência e retórica. Eloquência é o dom, a arte ou no dizer de Ruy: – “é o privilégio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bela. É a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada...” ele próprio o maior exemplo brasileiro de eloquência.

Já retórica é ciência, é o conjunto de regras concernentes à eloquência, ou segundo o mesmo Ruy: – “é o esforço...para suprir a eloquência dos que não a tem...” (Ruy Barbosa, discurso na OAB, 1911)

Quem fala busca a mente e o coração do ouvinte para levá-lo a um novo patamar de compreensão mesmo quando executa um papel social tal como professor, executivo, especialista, ou transmissor de alguma informação oportuna ou importante, ou seja, o conteúdo da fala apresenta sempre um propósito, motivar, transmitir informações, expor ideias, ensinar técnicas ou vender produtos ou serviços. Comunicar não é simplesmente falar. Comunicar é gerar ação através da linguagem e mensagem.

Para que ocorra a interação esperada entre o orador e a assistência, alguns requisitos devem ser

preenchidos ou controlados, tais como a influência de condições externas (som, multimídia) ou psicológicas (nervosismo, tensão, ansiedade) mas, principalmente, o código da linguagem entre o emissor e o receptor deve ser comum a ambos.

Não adianta fazer a melhor palestra do mundo em alemão perfeito, se a plateia só entende português. Houve emissão porque efetivamente se falou; houve recepção porque todos ouviram, mas não houve comunicação porque o meio, ou a linguagem, não era inteligível. Não apenas a linguagem deve ser comum, mas é necessário que os códigos de linguagem entre receptor e emissor possam ser percebidos da mesma forma por ambas as partes.

Por exemplo: “Galo massacra o Diabo Rubro no Brinco da Princesa” – é uma frase só entendida por um fanático pelo futebol, ao passo que: “vamos realizar uma nefrectomia radical” dificilmente será compreendida por quem não é médico.

Por isso, ao falar para grupos heterogêneos, evite na medida do possível o jargão profissional, que só é aceitável, e até desejável, quando se fala para grupos específicos.

Falar em público envolve também certo grau de imprevisibilidade e requer criatividade em função de determinadas condições não controláveis como perguntas ao orador, auditorio hostil, fatos supervenientes, lapsos de memória e outros.

“Baseado no livro “Falando e Convencendo, um manual de oratória e persuasão de Michael Winetzki, cap. 2.”



tempo de estudo

O HOMEM DO MEIO-DIA

Maceió de Goyaz Leite Neto | Colaborador

Gérard Encausse, traçando linhas gerais sobre os graus simbólicos diz:

Os três primeiros graus foram estabelecidos sobre o ciclo quaternário aplicado ao decênio, isto é, sobre a quadratura hermética do ciclo universal. O grau de aprendiz devia descobrir, ensinar e revelar o primeiro quadrante do círculo; o grau de maçom, o segundo quadrante; e o grau de mestre, os dois últimos quadrantes e o centro.

[...]Assim, a adaptação do ciclo se refere ao movimento da Terra sobre si mesma: o primeiro quadrante do círculo descreverá simbolicamente a partida da noite, das seis às nove horas; o segundo quadrante, ascensão das nove horas ao meio dia; e os dois últimos quadrantes, a descida para a noite, ou do meio-dia à tarde.

Nesse caso, o aprendiz será o homem da manhã ou do sol ascendente; o maçom, o homem do meio dia ou do sol meridiano, e o mestre, o homem do sol poente.

É um grau do aprimoramento da prática para o conhecimento filosófico aprofundado, da consciência já aberta a instrução, o grau onde se passará do trabalho do plano material ao plano espiritual.

Ainda, nas instruções de Gérard Encausse:

Se a adaptação do círculo se refere à marcha aparente do Sol durante o ano, os seus quadrantes corresponderão às estações e representarão, respectivamente, a primavera, o verão o outono e o inverno. O aprendiz será, então, o grão que brota; a planta que floresce, e o mestre, a planta que frutifica e o fruto que cai para gerar novas plantas [...]

Cada uma destas adaptações pode ser aplicada tanto ao mundo físico, como ao moral ou espiritual. Portanto, compreende-se como os verdadeiros iluminados podiam realmente guiar os profanos chamados à iniciação para a verdade, para essa “luz que ilumina todo homem procedente deste mundo”

O maçom aprende utilizar os instrumentos para transformação da matéria por meio das forças físicas manejadas pela inteligência. Percebendo que além das forças físicas existem outras mais elevadas afiguradas pelos deslumbre da

estrela rutilante, devendo ter a sensibilidade de pressenti-las.

Assim, tão logo é recebido ao templo o ritual adonhiramita, lhe é avisado pelo oficial da coluna a qual passará e integrar, que passará do número três ao cinco, sendo o número cinco misterioso, pois se compõe do binário símbolo do que é falso e duplo, o qual transmite idéia da perfeição e da imperfeição, da felicidade e da infelicidade, da vida e da morte.

Isso significa que para o trabalho mais apurado a qual se iniciará o maior cuidado é com a manutenção do equilíbrio com a visão do bom senso o qual deve guiar a consciência esclarecida, pois todas as coisas têm dois lados e mesmo a verdade revelada pode ser interpretada de forma falsa.

Ainda em continuidade explica sobre a alavanca transportada no lado esquerdo, demonstrando ter o iniciado chegado naquele momento por mostrar aptidão para vencer os próprios motivos egoístas, pois sendo o instrumento da vontade e do conhecimento, sem o devido apoio na razão e no aprimoramento espiritual poderá o conhecimento causar grande estragos a humanidade.

Assim o maçom deverá trabalhar, guiado pelos mestres, paulatinamente no caminho da ponderação, da razão e do progresso. Ele não pode se dar ao luxo de parar no aprimoramento da obra, pois isso é sair do ciclo perfeito da vida, é a deterioração da construção, que necessita sempre de manutenção para não virar ruínas.

Simbolicamente, em sua elevação, inicia a primeira viagem, estudando os aspectos da col.'. da ordem Coríntia de arquitetura, sendo lhe informado ser essa a mais rica das ordens arquitetônicas. Ainda, é ensinado ao maçom que a coluna coríntia simboliza a Bel.'. Interessante se observar que as viagens no estudo da mais simples das ordens, a Toscana. Indubitavelmente verificamos mais uma vez o trabalho aprimorado do iniciado, mantendo sempre a ponderação e a sensibilidade, dando o devido valor de todas as coisas, inclusive reconhecendo a magnitude das coisas mais simples e sua funcionalidade.

Linhas gerais sobre o aprendizado do maçom em geral, no rito adonhiramita em particular.

A primeira viagem, observando os ricos detalhes apresentados na col.'. verifica não bastar apenas conhecimento do corte para a conclusão da obra, mas necessário o burilamento e ornamento dos detalhes, dando conta que é preciso fazer mais do que simplesmente o básico.

A segunda viagem ao estudar os mistérios da col.'. representativa da ordem dórica de arquitetura, é comunicada ao maçom ser a mais antiga das ordens gregas, simbolizando a força. Tal sorte, percebe tudo que é forte resiste ao tempo e verifica na sobriedade dessa coluna, que a beleza, sem a força, se tornará frágil e efêmera. Assim, nos lembra de nos desprover das vaidades para que beleza da forma seja o reflexo da força interior, não estando ela sujeita apenas percepção do mundo físico, pois nada adiantará para o propósito do iniciado.

Utiliza-se nessa viagem da régua e do compasso, adquirindo conhecimento, traçando linha sobre os materiais desbastados e esquadrejados, equivalente a dizer, tornar o material outrora bruto extraído do mundo comum, natural, útil a construção.

Verificamos ainda nessa segunda viagem, a mensagem que os primeiros ensaios ressentem-se de nossa fraqueza, mas, depressa, por meio do estudo bem dirigido e constante, alcançamos os mais elevados conhecimentos. Remete-se o reforço da ideia de perseverança presente desde as mensagens na câmara de reflexão nos idos da iniciação. A persistência necessária pra que apenas estudo e prática constante torne o conhecimento natural, parte do ser, nos dizeres Gichin Funakoshi “No início seus movimentos são artificiais, mas com a evolução tornam-se naturais.”

A terceira viagem, imbuído aos estudos da col.'. da or.'. Arq.'. Jônica, simbolizadora da sab.'. sendo o ano de estudo em que é confiado ao maçom a colocação das pedras e materiais já prontos, necessitando da sabedoria no julgamento, equivalente dizer bom senso e ponderação no julgamento, afastado os ímpetus da paixão e o ardor dos vícios, sendo sensível ao simples e reconhecendo a verdadeira beleza, usando de seus instrumentos de viagem, a régua e a

alavanca, razão e força, agora o maçom possui o discernimento para saber que a força sem a razão é poder bruto o qual pode conduzir a ruína, a razão sem a força é conhecimento inócuo.

A quarta viagem, empreendida no quarto ano de estudo, é o tempo dedicado a prática de todo o conhecimento adquirido, o momento onde ele se torna natural, na abstração da col.'. representativa da or.'. De arq.'. Compósita, verifica os elementos reunidos já conhecidos, da beleza e da sabedoria, a manutenção da conduta correta.

A quinta viagem, feita de mãos vazias, sob a presença da mais simples das cinco ordens, nos reflete humildade, dedica-se este período a instrução para se tornar capaz de galgar novos conhecimentos, instrução que é o trabalho do espírito, a fim de se aperceber o etéreo.

Após a conclusão dos cinco anos de formação, findo as cinco jornadas, apto estará a deslumbrar o outro plano, o plano não material, iniciando a transcendência da matéria.

O discernimento do maçom operado por todo esse conhecimento e correto uso da razão, ainda levando em consideração a perspectiva da existência dessa realidade transcendente espiritual, impõe a necessidade de se lembrar da perfeita igualdade que deve reinar entre os irr'..

O maçom passa a comandar e a avaliar o trabalho dos aprendizes, contribuindo de uma forma mais consciente na obra, remissivas salutareis a oração de abertura da loja (1 Reis 3), onde Salomão pede sabedoria para governar com justiça.

O maçom sendo mais instruído alterna entre o trabalho teórico e material, enquanto o aprendiz atua apenas no material.

Assim, grau de maçom, é ensinado conforme desprende do ritual ao longo de quatro instruções obrigatórias o conhecimento sobre vários símbolos os quais convive o iniciado desde a iniciação.

O grau de C.'.M.'. consagrado ao estudo busca transferir ao iniciado a necessidade de se instruir e do dever do iniciado em utilizar sua instrução no cumprimento dos sublimes objetivos da maçonaria.



opinião

A AGML E A EDIÇÃO DE SEU 1º LIVRO

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

O primeiro livro, editado pela AGML – Academia Goiana Maçônica de Letras, apresenta um rico conteúdo, suficiente para fortalecer e aprimorar o modo de pensar, ser e agir no cotidiano da família, não só maçônica, como também nas atividades sociais, profissionais, espirituais e pessoais. Apresenta um conteúdo atrativo e útil para quem se dedica à construção de um mundo melhor, levantando templos à virtude e cavando masmorras ao vício.

Ghandi afirmou: “seja você a mudança que você quer ver no mundo!” a AGML acredita nessa afirmação, crê na transformação do mundo, e para tanto, investe na transformação do homem, através do seu aprimoramento moral e intelectual. “Livrar a humanidade dos grilhões da ignorância”, do preconceito, dos erros e da ambição e colaborar para que, no seio da sociedade, pessoas livres e de bons costumes possam forjar e fortalecer em seus íntimos os valores maçônicos essenciais à felicidade humana. Este sodalício é um espaço para a produção de novos conhecimentos, desenvolvimento científico, tecnológico, das letras e das artes e também da personalidade humana. A AGML como instituição cuja temática fundamental é maçônica, passa a se tornar “difusora de sabedoria, inteligência e amor fraternal”.

A prática de educar e orientar sempre esteve presente na vida maçônica, via instrução, liturgia, tempos de estudos, alegorias, símbolos, lendas... incentivando sempre seus adeptos a pensar e aprimorar, onde o “aprender e ensinar” se torna prática constante nesse meio. O ensino está presente dentro da maçonaria, daí que as academias se tornam fontes de insumos fundamentais para a qualificação e evolução

do conhecimento e da prática maçônica. Assim, os maçons e as Lojas Maçônicas podem contar com os insumos literários produzidos nas academias maçônicas, os quais tendem a dar maior qualidade aos ensinamentos ministrados, ampliando o processo de aprendizagem, a prática e atuação maçônica, em favor da pátria, da família e da sociedade.

A sabedoria é uma construção pessoal e social, onde uma pessoa aprende com a outra a buscar o conhecimento, obter entendimento e instrução para utilizar em sua vida. Este 1º livro tende a contribuir para este desiderato. É uma substancial produção literária organizada com muita dedicação e esmero, para que possa trazer luz e alento aos leitores. Foi escrito por acadêmicos integrantes dos diversos ramos do conhecimento, como: operadores do direito, engenheiros, filósofos, professores, historiadores, economistas, administradores, comunicadores, pedagogos, médicos, analistas de desenvolvimento rural, agricultores, pecuaristas, empresários, etc.

A prática de educar e orientar sempre estiveram presentes na vida maçônica, via instrução, liturgia, tempos de estudos, alegorias, símbolos, lendas... Incentivando sempre seus adeptos a pensar e aprimorar, onde o “aprender e ensinar” se torna prática consente em nosso meio.

Este sodalício é um espaço para a produção de novos conhecimentos, desenvolvimento científico, tecnológico, das letras e das artes e também da personalidade humana.

É um Colegiado heterodoxo, referencial de virtude e honradez, cujas biografias dos titulares das cadeiras,

bem como de seus patronos e demais colaboradores, são constituídos de pessoas antológicas e eruditas, dignas de serem lembradas como fontes de inspiração e de atitudes para a vida acadêmica e pessoal.

Para eles a “educação e cultura são caminhos ideias para que uma nação se desenvolva” e este sodalício goiano, constituído por maçons regulares de ambas potências maçônicas e também de outras regiões, via iniciativas de valores culturais, difundem e incentivam obras, textos e eventos voltados às aspirações e interesses da sociedade universal, trabalhando assim pelo progresso das artes, cultura, letras e disseminação maçônica. Aproveitem e tenham uma boa leitura!



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

Cadeira	Membros	E-mail
01	Licínio Leal Barbosa	liciniolealbarbosa@uol.com.br
02	Anderson Lima Silveira	Professoranderson.pucgo@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	literjur@terra.com.br
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	Luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	Adolfo Ribeiro Valadares	adolfovaladares@gmail.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com

Cadeira	Membros	E-mail
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br
11	Aníbal Silva	arcell@bol.com.br
12	Alexandre A. Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gv@hotmail.com
14	Sebastião de O. Castro Filho	castrofilho@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	Jcarv57@yhoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Abсал Gomes Brito	brito.abсал@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	adegmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny S. C. de Oliveira	jaquelineoficio@gmail.com
23	Gensérico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com

Cadeira	Membros	E-mail
24	Isaias Costa Dias	isaiaacdmc@hotmail.com
25	Paranahyba Santana	paranasan@gmail.com
26	Airton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiava@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfirio da Silva	silvanaestor001@gmail.com
33	Carlos A. Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatte Barros	rogériosafatte@uol.com.br
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosnerim@gmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gieg.com.br
39	Charles W. de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br



artigo

FILADELFO E O TEMPO

Adélcio Ala | Colaborador – Presidente da Academia Rio-verdense de Letras, Artes e Ofícios – ARLAO

Aniversário do meu querido e amado confrade Filadelfo Borges de Lima, logo pela manhã enviei-lhe aquele abraço frio pelos meios eletrônicos. Passado um pedaço do dia, fui pessoalmente cumprimenta-lo pelo seu natalício. É privilégio meu entrar pela casa do Filadelfo, ir varando cômodos até chegar na cozinha. No dia do aniversário não poderia ser diferente. E ali, na mesa da cozinha começamos uma conversa interessante sobre o tempo e a vida, que terminei sozinho em casa.

A dama da noite, que sempre me espera faceira e cheirosa, hoje está ressabiada, sem cheiro, sem flor, sem viço, sem nada. Deve ser o calor, ou a sequidão desses dias antecedendo o agostão brabo que vem despontando por aí. Mas, inda ansim, espiei cumprido pras bandas da cheirosa dama da noite, à guisa de prosa; mas, ela nem, nem. Tem nada não, depois ela vem. Vem com aquele cheiro doce, mode me entontecê. E vem de madrugada. Vem cheirosa.

Danada!

Querendo voltar para a prosa, lá do confrade Filadelfo, abracei um litro de cachaça boa, que ganhei do amigo Pedro Paulo.

Ele pega no Elói, ali pelas bandas de Santa Helena, bota pra curtir em tonel de carvalho, depois sai presentando os amigos. Acarício o litro com jeito, deixo a pinga deitar de leve no copo; e fico olhando as bolhinhas que formam um rosário. É da boa! Beijo o copo com beijo apreciador e mando um goliquim bem pequeno. Sinto a quentura da aguardente descendo

pelos gorgomilos enquanto as papilas gustativas vão separando o sabor inconfundivelmente amadeirado. O azougue do álcool sobe pelas narinas. Bebida encorpada, derruba fracos; aos fortes, anima.

Um brinde ao tempo, para que ele passe lento e seja suave com o amigo Filadelfo. Ele é mesmo danado! Enquanto abrem-se as cortinas do tempo, Filadelfo segue rápido por esse imenso palco da vida para estreitar mais um livro. Ele é incansável! Mais um livro.

Mais um livro... Ele é invencível! É um belo ipê amarelo, Que segue enfeitando O cerrado de Goiás. Mais um aniversário. Graças a Deus. Parabéns Filadelfo! É privilégio meu estar contigo. Muito obrigado amigo.



crônica

DIAS COMEMORATIVOS

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

Olha, amigo, fica tudo combinado aqui por telefone... mas é necessário um detalhamento melhor. Amanhã, quinta-feira, irei aí e acertaremos tudo, inclusive a conversa com o Prefeito e outras autoridades...

Não vai dar, amigo. Deixa pra segunda... Amanhã, quinta-feira é feriado aqui na minha cidade. Certamente vão emendar com a sexta e pronto. Melhor você deixar pra segunda.

E é assim neste nosso país maravilhosos.

Vendo a história e a vida de outros países do mundo civilizado observo um número mínimo de datas festivas ou feriados.

No último dia 15 andei recebendo mensagens de congratulações pelo meu dia...

E logo o complemento: hoje é o dia nacional do homem!

Confesso que fui apanhado de surpresa. Não sabia de mais esta data.

Não deixei também de ver, no face, mensagens de cunho pejorativo, como esta: Parabéns aos homens que o são. Os que não o são terão que esperar o dia das crianças!

Confesso que reconheço a importância das datas comemorativas, mas está começando a ficar cansativa esta parafernália de datas, este afã inconstante de homenagear a tudo e a todos, de um modo assim um tanto ou quanto indiscriminado.

E isto sem falarmos nos feriados nacionais, estaduais, municipais, e tudo pelas mais diversas razões, gerando uma paralisação de atividades, e, em certas áreas, como a da Justiça, uma incessante busca de certidões do fato local e, muitas vezes, uma contagem errônea de prazos para a prática de determinados atos do processo.

Não questiono a validade das comemorações de determinadas datas que são quase que uma unanimidade, como o Natal, o dia das mães, a sexta-feira santa etc, mas o dedinho vai escorregando e vejo um Estado laico comemorando oficialmente o dia da Padroeira, declarando-o como feriado.

A verdade é que, se fizermos uma pesquisa séria, vamos encontrar quase uma centena de dias comemorativos de tudo e de todos: personagens, fatos, profissões, símbolos etc

Evidentemente, nada tenho contra a homenagem, a comemoração. Mas a mim pareceu que estamos atomizando o sentimento, pulverizando a homenagem e com isto, nem tico nem teco. Ficamos a oferecer migalhas, maravilhas quase sem o colorido natural do sentimento vivo.

Pessoalmente, tenho minha opinião formada.

Toda vez que me deparo (e isto está ficando vez mais frequente) com pessoas enfrentando condições tão adversas para sua sobrevivência penso nisto.

Pessoas nos sinaleiros vendendo balas, frutas, oferecendo folhetos, mostrando alguma arte ou pedindo esmolas, velhos deixados quase que à míngua em instituições desaparelhadas e impróprias para o seu atendimento, menores se drogando nas ruas, adolescentes se prostituindo porque ou já não têm família ou a que têm está destrocada pelas necessidades referentes a coisas essenciais, como o alimento ou a habitação, consolida-se mais minha opinião.

E vai se tornando inabalável e irremovível.

Realmente, necessário mesmo é que direcionemos todos as nossas forças, a intensidade dos nossos sentimentos e a pureza de nossa vontade traduzida em atitudes e realizações, à indicação de uma data, uma única data:

O DIA INTERNACIONAL DO SER HUMANO.

Como estamos precisando disto, como estamos carentes disto. De nos vermos, de nos sentirmos e de agirmos como seres humanos!

A única contradição que encontro, entre a homenagem e o título é a referente ao dia. O dia internacional do ser humano, na verdade, seria um dia continuado, que se estenderia por toda as semanas, por todos os meses e por todos os anos da existência de cada um de nós.

com a compra e venda de insumos. Graças ao grande arquiteto do universo esse terrível mal foi vencido com os estudos da ciência através de vacinas, hoje já podemos nos reunir, os templos maçônicos voltaram as suas atividades normais, fazendo reuniões, iniciando candidatos que tenham o compromisso e interesse de conhecer e praticar os mistérios maçônicos. Durante esse tempo de recessão a maçonaria a maçonaria não parou de exercer sua principal atividade que é praticar a fraternidade, fraternidade essa que é estar ao lado do próximo, daquele que precisa de alguma forma de alguém que lhe estenda as mãos.

Os irmãos maçônicos não divulgaram na mídia profana o que doaram, pois só quem é maçom sabe o que fizeram, hoje podemos comemorar e gritar bem alto a pandemia acabou temos a felicidade de encontrar e abraçar fraternalmente os irmãos maçons independente da potencia ou do rito maçônico.



opinião

ACABOU

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Acabou a pandemia do mal da COVID 19, as autoridades estaduais e municipais anunciaram que esta abolida o uso de mascarar e outros apetrechos que a população era obrigada a usar, por quase dois anos essa terrível doença ceifou a vida de muitos seres humanos, ela não respeitou cor, credo ou posição social, em alguns estados corpos foram sepultamentos através de máquinas como no tempo de Adolpho Hitler na segunda guerra mundial que os judeus eram enterrados de tal forma. Os templos maçônicos cerraram suas portas, os irmãos maçons tiveram

que se acostumar a fazer suas reuniões virtualmente obedecendo às recomendações da vigilância sanitária e dos infectologistas, perdemos muitos irmãos que partiram para o oriente eterno sem receberem as honras fúnebres exigidas nos rituais maçônicos.

Essa doença não causou mal só para a maçonaria, ela foi cruel para o mundo, o país, estado e municípios também tiveram grandes prejuízos, embora alguns empresários inescrupulosos e autoridades políticas sem compromissos com a saúde do povo brasileiro obtiveram lucros estrondosos



tecnologia & educação

A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES E DOS EDUCANDOS - I

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

PROFESSORES TEMEROSOS AO USO DAS TIC'S

Ultimamente, encontramos muitos professores com formação mais tradicional, que apontam o espaço da sala de aula como um dos principais ambientes para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, além da "probabilidade ou possibilidade" de uma maior "concentração e humanização" dos processos educativos. Por outro lado, existe a confusão acerca da "aula presencial com a aula online síncrona e assíncrona, dentre as quais, sendo as aulas online síncronas (ensino remoto) "que aproxima bastante das aulas presenciais. Além de deparar com outro equívoco, a utilização do mesmo "padrão didático de aulas presenciais em aulas online". Por isso, esses professores, são contrários a utilização das TIC's na educação indiscriminadamente, além de salientar que, uma parcela significativa desses professores, ainda se mostram temerosos em fazer uso das novas tecnologias. Assim, se entende por OLIVEIRA (1997, p. 8) afirma que,

Essa repulsa só pode ser compreendida e superada a medida que, além de conhecermos a origem, apontamentos para uma aula, para compreensão do uso das tecnologias educacionais, no processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto atualmente, em termos práticos, torna relevante lembrar que a postura tradicional do professor diante do uso das TIC's cotidianamente, não chega a ser nenhuma surpresa, pois ele não conseguiu ainda adquirir aquela autonomia, domínio e segurança de como fazer uso das novas tecnologias de ensino, tornando a ser um fato dito "natural", pois na verdade essa situação ainda persiste devido os professores não possuírem respaldos, tanto pelas escolas, SEDUC-Goiás e MEC, que deixaram de proporcionar a eles, cursos de qualificação para assegurar, principalmente a relação teóricos e práticos e, nem estímulos financeiros que possibilitassem aos mesmos, um curso de especialização sobre as TIC's. Nesse sentido, FENADES (2007, p. 41), afirma que,

A formação do educador é emergente, pois é na formação desse profissional, que a tecnologia educacional terá terreno fértil, através da articulação, interação, mediação, motivação e movimentação do conhecimento, muito mais do que a importância dada a ser detentores do conhecimento e donos do saber.

Cabe destacar que, para um contingente expressivo de professores, o emprego de TIC's, como computador pode resultar na desumanização do processo de ensino e aprendizagem, ou ainda, a maior distração digital do processo educativo. Além disso, muitos mestres temem em perder seu cargo para essa máquina, sobretudo em paradigma obstrucionista, dizendo em outras palavras, recebeu uma formação, que apenas repassou conhecimentos, ao contrário do paradigma construtivista que possibilitam aos mestres em conjuntos com os alunos a elaborar um modelo de aprendizagem que vai atender as atividades elaboradas para serem desenvolvidas com os estudantes de maneira crítica e motivadora, relacionadas as vivências dos alunos. Nesse aspecto GAMA (2008, p. 17)

A profissão docente (...) não pode mais ser reduzida ao domínio dos conteúdos das disciplinas e às técnicas para transmiti-los. Agora se exige do professor que ele aprenda a ser professor, pois não é tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdos e técnicas de transmissão desse conteúdo. A aprendizagem deve se dar por meio de situações

práticas que sejam efetivamente problemáticas, que exija o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige-se ainda, além de conhecimentos, que sejam trabalhadas atitudes, as quais são tão importantes quanto os conhecimentos.

Nesse sentido, vale frisar que o professor convencional ainda não conscientizou da relevância dos mesmos dos novos desafios impostos pelas TIC's, no processo de ensino e aprendizagem, caso contrário, o educador continuará sendo instrumento a serviço dos anseios dominantes, pois na medida que não busque qualificar ele estará fazendo o jogo dos opressores em detrimento dos excluídos pelo sistema.

O educador convencional não interessa mudar sua maneira de ensinar, portanto o termo inovar não faz parte do seu vocabulário, isto explica porque o metre com formação tradicional, privilegia a velha maneira de educar, mesmo em tempos de tecnologias educacionais. O professor em questão, não compreende que as novas tecnologias educacionais, sem dúvida alguma um instrumento fundamental na educação, e, com a pandemia do COVID 19 é relevante, no processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, FONSECA, (2011, p. 14) assegura que

as TIC's têm se apresentado como possibilidades na educação, uma vez que elas contribuem para aprofundar e dinamizar o conhecimento. Essas possibilidades influenciam na conceituação e definição de temáticas abordadas e investigadas, dos pressupostos e enfoques teórico-metodológicos e das práticas pedagógicas docentes da educação contemporânea. Percebe-se que as transformações tecnológicas da atualidade impõem diferentes ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e de aprender.

Os professores que ainda possui essa formação tradicional são aversos ao uso das novas tecnologias, acreditam que a inovação tecnológica somente trará danos ao processo de ensino e aprendizagem, por defender o ponto de vista que a evolução tecnológica "é mau", uma vez que a máquina cada vez mais vai ocupando o espaço do ser humano, como é o caso dos professores que possuem receio de perder seu espaço para o computador. Nesse âmbito isso não é verdadeiro, se ele tiver uma boa qualificação, não corre esse risco e terá temor em adotar uma perspectiva fundamentada no contruccionismo. SILVA (2010, p. 40)

Nesta linha construcionista, o professor não apenas promove a interação do sujeito com a máquina, mas, possibilita a aprendizagem ativa, permitindo ao sujeito criar modelos a partir de experiências anteriores, associando ao conhecimento-em-uso.

O mestre contrário a introdução das TIC's em sala de aula defende que a maioria dos professores ainda não estão qualificados para fazerem uso didático das tecnologias de ensino, com certeza para esses professores, isto ocorre em virtude de uma formação aligeirada e incipiente.

Contudo, com pandemia da pandemia do COVID 19, os professores da turma do giz (FERNANDES, 2007), em consequência da pandemia, foram forçados a reconhecerem que, as TIC's adquiriram uma importância ainda maior, além de estarem incorporadas ao processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que eles buscassem ajudas frente a essa nova realidade que fazia presente antes do COVID 19. No entanto, para isso concretizar, os mesmos admitem que, a formação profissional é fundamental para atenderem as novas demandas e posições do momento contemporâneo sociopolítico econômico e dos processos e procedimentos educacionais.

Sobre aulas online de uma escola estadual periférica de Goiânia

PROFESSORES FAVRAVEIS A UTILIZAÇÃO DAS TECOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) NA EDUCAÇÃO (INSTRUMENTO FAVARÁVEL)

A familiarização de alunos e professores com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), que ligam e integram entre si, encurtando distancias e abrindo portas, que ultrapassam as salas de aulas, vem sendo ressignificadas diariamente, pelos professores que defendem e são favoráveis ao uso das TIC's na educação, consideram que os alunos, já encontram familiarizados com as novas tecnologias de ensino, como é o caso: do computador, tablet, celulares e entre outros, portanto, esse educando encontra inserido no mundo virtual independentemente do espaço escolar. Como se ver, esse conhecimento e habilidade que possui, irá facilitar sua aprendizagem. MOTA (2007, p. 24), APUD DELAUNAY, (2006), argumenta que

Para os jovens que desde que nascem já conhecem a televisão, os vídeos games, os computadores, a Internet e os telefones celulares, não existem as 'novas' e as 'velhas' tecnologias: existem instrumentos para informar e comunicar, jogar ou ajudar nos trabalhos escolares (...) diferente dos adultos (...) a cada surgimento de uma nova tecnologia, se faz necessário novos conhecimentos e novas formas de usos sociais.

Cabe destacar que, para os professores entusiásticos quanto ao emprego das TIC's no ambiente escolar e fora dele, conseguem despertar atenção e motivar os educandos para o que está sendo ensinado, daí a magnitude da formação integral e consolidada do professor. No entanto, FERNADES, (2007, p. 49) alerta que: "devemos lembrar que o otimismo geralmente é gerado por razões pouco fundamentadas, uma vez que essa turma ainda não faz parte de contexto tecnológico".

Nesse sentido, é relevante nortear que a formação acadêmica dos professores, tem de possibilitar a eles entenderem que a utilização do computador e de outra TIC's em sala de aula, não pode ocorrer de forma tradicional, que não favorece o processo de ensino e aprendizagem. Assim, GOMES (2006, p. 81) argumenta que:

Não adianta a tecnologia reforçar a o processo educativo tradicional. Isso, não contribui. É preciso pensar na educação em primeiro lugar, repensar a educação e repensá-la a partir das situações dos próprios educandos e, a partir daí, pensar em um novo desenho do processo educativo, ver o replanejamento desse processo e verificar para que pode ser a tecnologia.

E relevante frisar que a formação acadêmica do educador tende a privilegiar as novas tecnologias de ensino, pois estas na atualidade, representa um divisor entre o moderno e o arcaico. A formação do professor não pode ignorar o avanço das TIC's caso contrário tal formação não atenderá as exigências impostas por este novo modelo onde as tecnologias de ensino cada vez mais estão inseridas no contexto educacional não apenas dos adultos, mas das crianças, portanto e urgente que a formação dada aos mestres no Brasil não se limita apenas a formação tradicional, pois o mundo está em constante transformação exigindo de todos domínios técnicos não apenas teóricos. E no processo de ensino aprendizagem das crianças não é diferente.

... Continua na próxima edição.



artigo

O BRASIL NA OCDE – II

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Administrativa – A PEC 032/2020, de autoria do Poder Executivo teve início em setembro de 2020. Seu objetivo em resumo, consiste na reestruturação funcional de forma ampla na Administração Pública. Mas apesar dos inúmeros requerimentos e realização de Audiências Públicas deduzidas pelos congressistas, até a data presente, a proposição se encontra guardada nos escaninhos da burocracia parlamentar.

De fato. Por envolver altos interesses das classes dominantes, a PEC exclui desde logo a classe dos parlamentares, dos membros do Poder Judiciário, do Ministério Público e dos Militares. No que tange a grande massa do funcionalismo público, há pelo menos a ideia de aplicar na carreira funcional o princípio da meritocracia. É nesse formato que a “estabilidade funcional” atingirá somente os agentes do “núcleo duro” do Estado como, por exemplo, os agentes nas áreas da segurança pública, agências reguladoras, fiscalização relacionadas ao Fisco, Advocacia Geral da União, Tribunal de Contas da União entre outros.

Note-se, a esses objetivos já cuidou a Emenda Constitucional nº. 19, de 1998. Todavia, em realidade aquelas inovações não saíram do papel. Porém, temos a esperança de tornar-se realidade por meio da Reforma Administrativa ora em curso.

Daí se há de perquirir: quais seus efeitos de curto, médio e longo prazo?

Têm os parlamentares o interesse nessa espécie de reforma estatal?

Qual sua verdadeira repercussão no equilíbrio da Previdência?

Como se pode ver, dúvidas e mais dúvidas estão a surgir. Só o futuro dirá.

Previdenciária – A Previdência jungida a Outras rubricas se revelam o “grande gargalo” da nossa economia. A uma, pelo excesso de obrigações já carimbadas, tem o Estado muito pouco para investir na malha estruturante do Estado como, por exemplo, no tocante aos portos, aeroportos, ferrovias, navegação de cabotagem, reforma agrária, meio ambiente, e Outros, em cujas vertentes estariam a movimentar grandes construções, aliás, com emprego e renda a milhões de trabalhadores. A duas, evidente que as consequências reais estariam a depender das chamadas Reformas Administrativa e Tributária, as quais parece que estão quase inertes pela burocracia parlamentar.

De todo modo vale pontuar, a reforma da previdência não foi a reforma necessária de acordo com o tamanho do Estado brasileiro. Todavia, se prestou a introduzir certos benefícios, como a relativa equiparação do aposentado servidor público com o da iniciativa privada; possibilitou certa folga no Caixa do Governo para investir em outras áreas do serviço público, trazendo em consequência um certo equilíbrio nas contas públicas. Seria uma reforma da previdência aos moldes preconizados pelos Países Ricos? A resposta nos parece negativa. Contudo, o espírito de corpo do quadro parlamentar a se revelar nas demais reformas poderá ser de grande proveito à previdência. Assim pensamos.

Política – De há muito o Parlamento está a dever aos brasileiros uma reforma política estruturante, capaz de destravar o progresso do País. Até porque de tempos em tempos o Parlamento revela propostas legislativas de natureza eleitoral, que ao fim e ao cabo resultam tão-somente em benefício dos próprios legisladores. Noutro falar, o eleitor, como sempre, tem sido esquecido.

Segundo a grande mídia, há no mundo inteiro grandes Estados que adotaram o Sistema Parlamentarista, inclusive o já conhecido voto distrital, puro ou misto, o que já seria de grande ao sistema eleitoral brasileiro, até porque através deste, o candidato: a) executa sua campanha eleitoral de forma muito mais barata; b) é eleito, por maioria de votos, pelo eleitorado regularizado no seu espaço distrital ou região; c) o candidato é conhecido de seus concidadãos e aos quais deve prestar suas contas do mandato; d) ao final do mandato, se

merecer, poderá obter a reeleição a depender, porém, de seus próprios méritos.

Com efeito, em vista da atual composição do Tribunal Superior Eleitoral, pelo menos em tese, a classe média estava esperançosa de ver implantado o voto distrital, a valer já nas eleições de 2022. Ao contrário de suas expectativas, agora se vê o País envolto numa espécie de reforma política introduzida através da Lei nº. 14.208/09.2021, que criou a chamada “Federação Partidária”.

Nos moldes assemelhados, em tese, às antigas coligações, a Lei citada impôs aos partidos políticos conveniados, o compromisso de vinculação material e formal nas três esferas de atuação, pelo tempo mínimo de 04 (quatro) anos.

Essa “federação partidária” – presume-se –, trará maiores facilidades na junção das dezenas de agremiações já registradas no TSE. Ademais, servirá até de fundamento à sobrevida dos já conhecidos partidos nanicos, que embora sempre prontos ao “aluguel”, os mesmos continuarão a perceber as benesses do fundo partidário, com reflexos no tempo de TV e de outros benefícios próprios da espécie. Porém, desde logo já se antevê o maior grau de influência e Poder dos Caciques das agremiações-cabeça, na dominação das políticas públicas no País. Esse exatamente um dos grandes fantasmagoras que estão empurrando a formação de grandes grupos federados pois, ao final, todos querem ter em suas mãos o Poder de Mando, a poder competir com o Chefe do Poder Executivo Federal.

Como moeda de troca em favor dos parlamentares, a federação partidária fez ressurgir a oportunidade para mudarem de agremiações, segundo as condições que melhor preencham os seus interesses no plano de suas reeleições.

Registre-se nesse quesito Político, o volumoso e porque não dizer extravagante numerário de quase cinco bilhões de reais dedicado ao fundo eleitoral para as eleições de 2022, haja vista que no anterior o valor foi um pouco mais de 2 bilhões de reais. E mais. Segundo a mídia, para a **Anvisa**, agência reguladora e fiscalizadora da produção e consumo de produtos submetidos ao crivo da vigilância sanitária como medicamentos, agrotóxicos e cosméticos, inclusive o órgão responsável pelo controle sanitário de portos, aeroportos e fronteiras desse imenso Brasil, a que foi atribuído no orçamento a quantia de um pouco mais de seiscentos milhões de reais. Registre-se que no âmbito do Ministério da Educação restou o singelo valor de um bilhão e meio de reais.

Por tais razões, tem-se como volumoso e extravagante o valor de quase cinco bilhões para o Fundo Eleitoral, através do qual o Estado financia as campanhas eleitorais de milhares de parlamentares Brasil afora. Dito numerário – volumoso e extravagante – repito –, porque incongruente com o atual estágio da educação, da saúde e da segurança pública brasileira.

O primeiro, por ser fundamento ao crescimento e desenvolvimento do Estado. Sem investimentos de grande monta nas rubricas “material e humana” no âmbito da educação, por evidente não haverá progresso do indivíduo e nem do Estado.

Quanto ao segundo, pelo eterno descuido com que os governantes sempre agiram frente à saúde pública, consistente na falta de investimentos na “indústria de transformação” dos produtos fármacos em geral além de outros bens e serviços indispensáveis à sobrevida humana. Aliás, o desastre humano causado pela Pandemia bem realça o grau de desgoverno no campo da saúde pública no Brasil.

Quanto ao terceiro, o quantitativo de homicídios e demais crimes veiculados nas estatísticas nacionais deixa evidente o descontrolo do Estado na espécie. E não se diga a falta do significativo valor recursal disponibilizado às campanhas eleitorais em 2022 colocariam em cheque o nosso Estado Democrático de Direito.

Aliás, nesse foco, basta ver a grande economia que o Estado faria na hipótese de termos legalizado o tão sonhado chamado voto distrital. E para concluir nesse ponto, convém assentar que o Índice de

Desenvolvimento Humano – IDH das Nações Unidas, assentado nos quesitos educação, saúde e renda, para o ano de 2021, revelou o Brasil dentro um dos mais baixos na América Latina como também no ranking dos demais 189 países. Afinal, os quesitos saúde, educação, segurança não são temas de relevância para a melhoria do Estado Brasileiro?

Isto posto, uma questão: para o desenvolvimento do Brasil vale mais investir em propaganda eleitoral de candidatos às eleições do que nos quesitos educação, saúde, segurança e IDH?

Bem, essa é uma outra questão, dirão certamente os Donos do Poder.

Estabilidade econômica – Por estabilidade econômica compreende-se o fator preponderante a preencher os objetivos fundamentais do Estado (CF, art. 3º). Como influência da conjuntura econômica internacional, a inflação – o pior inimigo dos brasileiros –, insiste de permanecer graças a frequente alta das taxas de juros, que de um lado fomenta a concentração de renda em mãos dos mais ricos, e ao mesmo tempo reduz sobremaneira a qualidade financeira dos mais pobres.

Independente de questões ideológicas, ressalte-se que a partir de 2014 em diante, segundo a grande imprensa, o País experimentou uma de suas piores crises financeiras, dentre outros motivos, pela falta de sustentação política das Elites Regionais ao Governo Dilma, o que favoreceu a derrocada da economia, chegando a levar o País à beira do descédito internacional.

É certo, no Governo Dilma – de 2010-2016 –, alguns fatores se fizeram presentes no acirramento da crise financeira e moral, como por exemplo, o encolhimento da economia pela perda do preço das matérias primas; o descontrolo do Governo no combate à corrupção galopante; o aumento da inflação; o alto custo dos juros; a propagação da violência nas grandes cidades e no campo; o desmatamento ilegal da cobertura florestal na região amazônica. Isto é, uma soma de inúmeros fatores que serviram de base para o descontrolo fiscal, e por consequência a queda do Governo Dilma via impeachment (Infomoney.com.br/politica/Brasil) e (época-oglobo.globo.com/colemas-e-blogs/blog-do-focus/noticia/2014/12/13-bizarrices-de-dilma-na-economia-das-quais-jamais-esqueceremos-html).

A bem da verdade, o Governo Temer – então herdeiro da grande derrocada econômica do governo da ex presidente Dilma Rousseff –, adotou medidas de contenção buscando equilibrar as contas públicas. A propósito, fez aprovar parte das reformas trabalhista e da previdência; criou o chamado “teto de gastos” além de outras medidas de impacto que, de fato, atuaram como uma espécie de colchão ou “freio de arrumação” para desencorajar a contratação de despesas acima da arrecadação. Logo, pelo menos em tese, aberto estava o caminho para as grandes reformas do Estado.

Uma grande expectativa aconteceu quanto ao Governo Bolsonaro, que composto de profissionais sérios e de grande expertise, abriria o cenário político com a promessa de abertura do Estado ao capital privado mediante privatização e grandes concessões. Segundo a mídia, o escopo seria implantar políticas públicas de relevo para soerguer o País nas áreas de portos, aeroportos, ferrovias, rodovias, metrô, dragagem de rios à navegação de cabotagem, investimentos nas áreas tecnológicas e do agronegócio etc. Com tais medidas, o Governo reintroduziria no País o princípio da Confiança junto às comunidades internacionais, sobretudo já de olho: na captação de recursos estrangeiros no País destinado à modernização do parque industrial, em especial na chamada “indústria de transformação”; na criação de milhões de empregos, diretos e indiretos; no agigantar os investimentos no campo do agronegócio além de visar um assento junto à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE.

Por evidente, a grandiosa importância do Parlamento nesse contributo de reorganização estruturante do Estado. É claro que no curso da Pandemia da Covid-19, em certa medida, o Parlamento respondeu aos anseios do Poder Executivo e do povo brasileiro. Todavia é muito importante ressaltar, já acostumados com o gigantismo do “Estado Protetor”, e de olho nas eleições de 2022, as Elites Regionais, o quanto possível, se encarregaram de travar os projetos de reformas, sobretudo o programa de privatização e concessões através dos quais surgiria um “novo eldorado” na economia do País.

... Continua na próxima edição.



tempo de estudo

POR QUE O BODE?

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Na França de 1808, quando Napoleão Bonaparte aplicou o golpe e se apresentou como novo líder, a Igreja, em um átimo de oportunismo, uniu-se a ele e passou a exercer cruel perseguição a todas as instituições que não eram Perseguio ou a própria Igreja. A Maçonaria, como fator pensante, teve seus direitos suspensos, seus templos fechados e foi proibida de se reunir. Porém, dada a obstinação e a fibra dos Irmãos daquela época, eles passaram a reunir-se na clandestinidade, procurando discutir e mudar a situação do país. Muitos deles foram presos e submetidos a terríveis inquisições. Porém, nunca houve um covarde ou delator entre os Maçons. Dado momento, um dos inquisidores disse ao seu superior; “Senhor, esse pessoal (Maçons) parece bode, por mais que eu flagele não consigo arrancar-lhe nenhuma palavra”. Daí em diante os Maçons passaram a ser tratados pela denominação bode – aquele que não fala, guarda segredo.

Dentro de nossa Ordem, muitos desconhecem o porque do nosso apelido de bode. Além da hipótese do ocorrido em 1808, na França, podemos regressar no tempo, por volta do ano III dC, quando vários Apóstolos saíram para o mundo para divulgar o cristianismo. Alguns deles foram para o lado judaico da Palestina. Notaram, naquele lugar, que era frequente ver um judeu falando ao ouvido de um bode, animal comum naquela região. Ao procurarem saber a razão daquele colóquio, tiveram dificuldade em saber a resposta. Ninguém lhes dava informações e, com isso, aumentava a curiosidade dos representantes de Cristo em relação àquele fato. Finalmente, um Rabino de uma aldeia os informou que aquele ritual era usado para expiação dos erros. Fazia parte da cultura daquele povo contar a alguém de sua confiança quando cometia, mesmo que escondido, as suas faltas, e ficaria mais aliviado junto a sua consciência, pois estaria dividido o sentimento ou problema.

Mas, porque o bode? Quis saber um dos Apóstolos. “É porque o bode nada fala e o confesso fica ainda mais seguro de que, assim, seus segredos serão mantidos.”, respondeu-lhe o Rabino. Certo é que trinta anos mais tarde a Igreja introduziu, em seu ritual, o confessorário, junto com o voto de silêncio por parte do confessor. E o povo passou a contar suas faltas, ou pecados. Mas, isso, é outra história.

Hoje, frequentemente ouvimos falar a palavra bode – tanto no meio maçônico, como fora dele – e, neste último caso, inclusive em relação a pseudo característica maçônica atribuída à prática suposta de adoração ou culto a um bode – ao hircó, cabrão ou bode, que são as mais comuns denominações do hircino (que diz respeito ao bode ou que dele emana – cheiro hircino, desagradável odor hircino) animal.

São muitas as expressões comuns que nos chegam aos ouvidos. Dentre ela o “cuidado com o bode”; “vai domar o bode”; “não vai cair do bode”; “cuidado para o bode não te chifrar!”. No entanto, são expressões brasileiras que como maçônicas não têm razão de ser.

Algumas expressões maldosas e jocosas que remetem, na cabeça dos néscios ou leigos, de que o bode constitui objeto de prática ou instrumento maçônico de culto ao demônio, deve-se à situação de que em épocas remotas, nos setores retrógrados do clero brasileiro, explorando a ignorância e a credulidade de grande parte da população, transmitiam aos seus fiéis, aos seus seguidores, a falsa, irreal, maldosa e tendenciosa crença de que a Maçonaria adorava o “bode preto”, a personificação demoníaca.

Com isso, em muitas localidades brasileiras atraídas, pouco desenvolvidas e sob forte influência da Igreja, as pessoas, alteradas na sua normalidade religiosa, evitavam até passar diante de um Templo Maçônico, e quando eram contingenciadas em fazê-lo,



ciência & saúde

TECNOLOGIA DIGITAL E SEUS RISCOS NA SAÚDE FÍSICA

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

A tecnologia é uma realidade a tempos, desperta nossa curiosidade, é ferramenta de trabalho, entretenimento, agiliza nossa troca de informações, ou seja, facilita nossas vidas. Mas para a nossa saúde, a tecnologia em excesso, vem aumentando as demandas para tratamentos deste público. A utilização indiscriminada de dispositivos tecnológicos vem impactando tanto a saúde física quanto mental das pessoas.

Conheça os principais riscos da tecnologia para saúde, que favorece a intervenção de uma equipe interdisciplinar, gerenciando estes riscos e definindo um plano de tratamento individualizado. Um dos grandes prejuízos que o uso excessivo de tecnologias pode provocar para a saúde é a obesidade.

Desde que os aparelhos eletrônicos e a internet ficaram amplamente acessíveis, as pessoas reduziram drasticamente a prática de atividades físicas no seu dia a dia, tornando-se cada vez mais sedentárias. Isso porque o tablet e o smartphone foram, pouco a pouco, tornando-se uma fonte de diversão e de entretenimento, substituindo as outras atividades de lazer que requerem deslocamento.

Além disso, atualmente, o computador e a internet são o principal recurso de trabalho, principalmente para profissionais que lidam com tarefas intelectuais ou que necessitam de pesquisa e de informação. Como consequência, as pessoas passam a maior parte das horas sentadas, diminuindo a movimentação do seu corpo ao longo do dia, o que favorece a obesidade.

persignavam-se, benziam-se com o sinal da cruz e agarravam-se aos seus terços e medalhinhas. Na maioria das vezes, entretanto, passavam para a calçada do outro lado da rua ou, em casos extremos, dava a volta ao quarteirão.

Nestes locais, os Maçons eram vistos como bruxos adoradores do “bode preto” e cuidadosamente evitados e marginalizados pelas “ovelhas” do rebanho Cristão, preocupados em ir para o Céu e não provocar a ira do bom vigário local. Ironizando a situação de atraso, ingenuidade e inocência, os Maçons passaram, por gozação e zombaria, a assumir a alcunha de “bode” ou “bode preto”, para si e para seus trabalhos de Loja, prática que acabaria tornando-se enraizada no território nacional. Trata-se, portanto, de uma autodenominação absolutamente regional, a qual é desconhecida entre Maçons de outros países.

Coisa de brasileiro, com resultados aparentemente inofensivos, mas que analisados sob vários aspectos, num país eminentemente Cristão, onde parte do clero e de religiosos maldiziam e difamavam a nossa Ordem, é de se dispensar cuidado especial para não incorrerem em situações negativas irreversíveis.

Haja vista que, entre nós, temos integrantes que professam as mais diversas religiões, mas sempre com obediência a uma das regras implícitas dos Landmarks de que o profano, para ser iniciado nos Sublimes Mistérios, deve acreditar em um Princípio Criador, independentemente da fé que professe ou religião a qual pertença. A Maçonaria, desde sua origem, proclama a existência de Deus, sob a denominação de Grande Arquiteto do Universo, e em seu nome, honra e homenageia o que realizamos nossos trabalhos. Daí, porque, em razão do Brasil ser uma Nação eminentemente cristã, é que adotamos a Bíblia como Livro da Lei. Em outras nações, o livro a ocupar o lugar de destaque no Altar dos Juramentos, será aquele de acordo com a religião predominante (Alcorão, Torá, Vedas, etc.).

O bode não é símbolo da maçonaria. Nosso símbolo é o esquadro e o compasso em posição triangular, que junto com régua, prumos e cinzeis, são instrumentos de trabalho condizentes aos pedreiros livres que somos. Pertencemos a uma organização fraterna e alegre, mas antes de tudo fazemos parte de uma entidade seria que não se deveria levar por situações desta natureza.

Outro prejuízo do uso excessivo de tecnologia são os problemas posturais. Talvez, a coluna seja uma das partes do corpo mais afetadas por esse exagero, visto que, na maioria das vezes, os dispositivos são utilizados sem preocupação com a postura.

Ao olhar para a tela dos aparelhos: smartphones, tablets e computadores. As pessoas curvam as costas e abaixam a cabeça. No entanto, à medida em que a cabeça se inclina, o pescoço se torna a sua principal sustentação, aumentando a pressão sobre a coluna cervical. Com o mobiliário não adequado, sem uma preocupação com a ergonomia as limitações podem se agravar.

Além dos problemas ortopédicos da coluna, o uso inadequado da tecnologia também pode prejudicar a saúde dos dedos e dos punhos.

Aplicativos de troca instantânea de mensagens, redes sociais e e-mail são alguns dos exemplos de como as pessoas querem estar sempre on-line e antenadas a tudo o que está ocorrendo à sua volta.

A digitalização em excesso, pode provocar lesões nos dedos e nos punhos por causa das várias horas fazendo, repetidamente, o mesmo movimento. E por fim, os olhos também podem ser muito prejudicados pelo uso indiscriminado de computadores, celulares e outros dispositivos móveis.

Esse uso abusivo pode causar problemas precoces para a visão. Isso acontece porque os olhos são mantidos em um mesmo objeto por um longo período, levando a uma acomodação visual excessiva, que, por sua vez, gera espasmos no músculo ocular e danos para a visão.

Claro que a saúde mental está inserida entre os grandes problemas deste tema, tentamos pontuar aqui sobre as demandas físicas e vale a reflexão.

Temos que aumentar o nosso auto cuidado, pois a tecnologia é um caminho sem volta, mas os danos para saúde física cresce na população.

galeria poética

galeria poética



À SOMBRA DA AMENDOEIRA...*

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

*Fomos heróis, sem nome nem medalhas,
Dos princípios da paz e da humildade,
Como o Menino-Deus nascido em palhas,
Porém Autor de toda a Eternidade.
Tudo em breves momentos, sem canseira,
A sombra da amendoeira...*

*Vendo o mar, na soberba magnitude
De sua imensidão, seu colorido,
Pudemos confirmar a insanidade
De um coração no orgulho consumido.
Fomos homens, só homens, sem carreira,
A sombra da amendoeira...*

*Na paz destes momentos, sem progresso
E seus custos pesados para a alma,
Pudemos desfrutar, e a mim confesso,
De instantes magistrais de pura calma.
E tudo, das espumas só na esteira,
A sombra da amendoeira...*

*Arrecifes à mostra quais montanhas
Que das águas emergem traiçozeiras...
Lições do mar da vida com que apanhas
Os barcos de que somos timoneiros.
Tudo Deus nos mostrou, a cena inteira,
A sombra da amendoeira...*

* Lembrança da Serra Gaúcha, e dos amigos que ali fizemos.

*Seres estranhos, nós, mas, todos, seres,
Criaturas do mesmo Deus grandioso,
Independente do poder e haveres,
Todos irmãos, iguais: maravilhoso!
Constatação da fé mais verdadeira,
A sombra da amendoeira...*

*Até ontem, talvez, desconhecidos
E hoje reunidos pela Mão divina,
Vimos em frente ao mar, embevecidos,
Que a todos nos compete a mesma sina:
Ser bons, remir o tempo a vida inteira,
A sombra da amendoeira...*

*O céu, o mar, as ondas, o horizonte
Infinito e a espuma da maré
Pareciam formar segura ponte
A ligar a razão à ardente fé
E entre nós a amizade sem fronteira,
A sombra da amendoeira...*



DA VIDA E DA FLOR

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

*Se tem uma Flor
O que Mostrar
Núances de Cor
Ao nosso Olhar
Imaginem o que se veem
No que temos de Expor*

*Para que outros Observar
Possam...a Bel Praxer
Tenham no que se Admirar
Que a Vida veio se Compor
De Deus, no Seu querer
Nas Belezas que proveem*



EXPIAÇÃO

Anderson Lima
da Silveira

Cadeira nº 02 | colaboração

Poesia de Miguel Torga

*Nunca me respondeste, quando te chamei,
E só Deus sabe como era urgente e aflita
A minha voz!
Mas, desgraçadamente sós,
Morrem os que se afogam
No mar da sua própria condição.
O meu, sem margens, é um descampado
Desabrigado.
Vagas e vagas de solidão,
É a tua imagem, lídora sonhado,
Sempre evocada em vão.
Nunca me respondeste, e foi melhor assim.
Um naufrago perpétuo é um pesadelo.
Dizer-me o quê?
Que, de longe, me vias afogar,
Mas que nada podias.
Pois sabias
Que os poetas jurados,
Hamamas heresias,
Nasceram condenados
A morrer afogados
Todos os dias
No tormentoso mar dos seus pecados.*



OS DOIS HORIZONTES

Iuri Lage | Colaborador

Dois horizontes fecham nossa vida:

*Um horizonte, — a saudade
Do que não há de voltar;
Outro horizonte, — a esperança
Dos tempos que não de chegar,
No presente, — sempre escuro, —
Vive a alma ambiciosa Na ilusão voluptuosa
Do passado e do futuro.*

*Os doces brinco da infância
Sob as asas maternas,
O vôo das andorinhas,
A onda viva e os rosais.
O gozo do amor, sonhado
Num olhar profundo e ardente,
Tal é na hora presente
O horizonte do passado.*

*Ou ambição de grandexa
Que no espírito calou,
Desejo de amor sincero
Que o coração não goxou;
Ou um viver calmo e puro
A alma convalescente,
Tal é na hora presente
O horizonte do futuro.*

*No breve correr dos dias
Sob o azul do céu, — tais são Limites no mar da vida:
Saudade ou aspiração;
Ao nosso espírito ardente,
Na avidex do bem sonhado,
Nunca o presente é passado,
Nunca o futuro é presente.*

*Que cismas, homem? — Perdido
No mar das recordações,
Escuto um eco sentido
Das passadas ilusões.
Que buscas, homem? — Procuo,
Através da imensidade,
Ler a doce realidade
Das ilusões do futuro.*

Dois horizontes fecham nossa vida.



MAIS FELIZ

Adilson Zotovici
Contribuição

*Vede a felicidade
Entre as mesuras, gentis,
Calmas, de fraternidade,
Que de almas puras sentis*

*Vêx que próprio da irmandade
Per si, cada evento predix
É sempre é solenidade
Nos bons momentos sutis*

*Mas, há uma curiosidade,
Que se atrela à diretriz
Qual revela uma verdade :*

*Vaticina que mais felix
A oficina em atividade
Quando em Loja de aprendix !*



SOU ALMA NUA

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02 | colaboração

Poema de Plácido de Oliveira

*Habito em destinos cujos passos não entendo.
Restos de solidão indiferentes carregam o desencanto.
Sou verdade, e o mundo não me vê.
Nada espero, simplesmente observo.
Emoções hipocritamente desatentas.
Ignoram-me por todos os motivos iniciais,
E eu nem tento disfarçar o quanto não me importo.
Sim!
Existe um mundo lá fora, que não me vê.
Não sou fruto do óbvio nem produto do correto.
Nada me devem e dentro de mim devo-me tudo.
Não me revejo no alheio incompleto.
Nem sou desse desassossego.
Existimos em horas diferentes.
Eu sou pontual no meu tempo.
Eles esperam por um tempo que possam chamar seu.
Vou continuar aqui!*



BORBOLETAS

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

*Borboletas...aquí, a todo vôo,
Com elas me deparo a cada instante.
É onde quer que vá, comigo vôo,
Cada qual ora perto ora distante...*

*Não me alcança o furor do furacão,
E nem da dor me atinge o torpe quanto
Porque, do alívio topo do mirante
Da minha mente, as vejo em profusão.*

*Borboletas, suaves, coloridas.
Metamorfozes, vidas de outras vidas,
Como é linda a lição de sua imagem...*

*Borboletas, perfil de liberdade,
Outro nome da paz, suavidade,
É símbolo do amor sua passagem...*



*Noutro qualquer lugar nada seria diferente.
Se o lizo abandonado segue as correntes do mar.
É o errado nunca poderá dar certo.
Não sou a culpa que carregam.
Não sou a saudade que escondem.
Não sou o remorso que lhes mata a consciência.
Não sou o tempo perdido que lhes carrega a face.
Não sou o rosário onde depositam a esperança.
Continuarei cantando o meu fado em silêncio.
Não quero medidas, proporções, chaves ou chavões.
Sou pássaro livre que se aventura em céus desconhecidos.
Sou alma nua e só assim me conheço.
Se me querem sentir,
Liberem todos os restos que escondem.
Dispam-se das roupas incertas e inexatas do medo.
Abolvemente ao vento com a lucidez dessa escolha.
A minha sombra não tem cor diferente de todas as outras.
Talvez a encontrem.
Quem sabe, agora.*



crônica

A TAÇA DA VIDA

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

Quando nascemos, aqui neste planeta, embora não percebamos, é-nos ofertada uma taça cujo conteúdo iremos sorver até o último dia de nossa existência.

E os lances de nossa caminhada revelarão o seu conteúdo: doce como o mais puro mel silvestre ou amargo como o mais refinado mastruz.

Às vezes, durante certo tempo, não percebemos nem a doçura nem o amargor, e vamos sorvendo o seu líquido como pura água mesmo, sem gosto, mas essencial à vida.

É preciso ir bebendo, dia após dia, para alcançarmos o fim da jornada, como é imperativo caminharmos, passo após passo, para chegarmos ao fim da curta ou longa estrada que se apresenta à nossa frente.

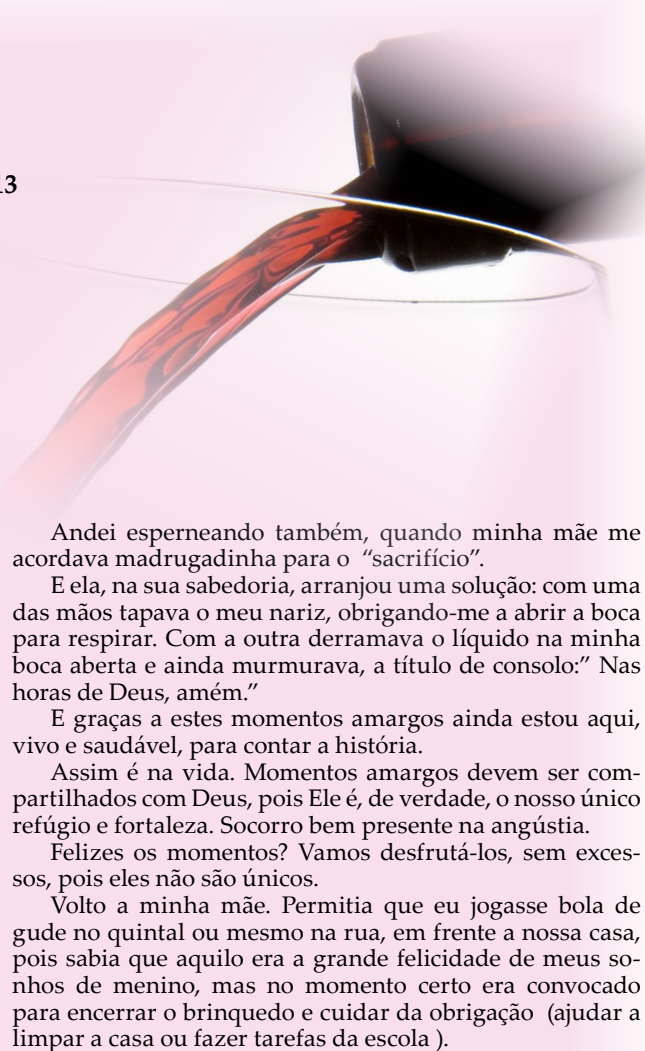
E não adianta reclamar, esperar, ofender, buscar culpados...O negócio é beber, metódica e sistematicamente, sem exagerada pressa nem cansativa lentidão. Beber normalmente.

Haverá o gosto amargo das dores que a vida nos reserva. Haverá a infinita doçura de momentos e situações de completa felicidade.

Haverá os instantes de placidez, em que apenas bebermos a água da taça, mantendo-nos em paz e vivos, sem choros nem foguetórios.

A ciência está, portanto, no modo como devemos beber o conteúdo da taça da vida.

É amargo? Não devemos ficar hesitando, refugando, chorando com crianças a quem as mães zelosas tinham que fazer beber, de madrugada, aqueles terríveis óleos, mais comumente conhecidos como lombrigueiros, horríveis mas necessários para tornar mais hígida nossa saúde. Não fui exceção.



Andei esperando também, quando minha mãe me acordava madrugadinha para o “sacrifício”.

E ela, na sua sabedoria, arranhou uma solução: com uma das mãos tapava o meu nariz, obrigando-me a abrir a boca para respirar. Com a outra derramava o líquido na minha boca aberta e ainda murmurava, a título de consolo: “ Nas horas de Deus, amém.”

E graças a estes momentos amargos ainda estou aqui, vivo e saudável, para contar a história.

Assim é na vida. Momentos amargos devem ser compartilhados com Deus, pois Ele é, de verdade, o nosso único refúgio e fortaleza. Socorro bem presente na angústia.

Felizes os momentos? Vamos desfrutá-los, sem excessos, pois eles não são únicos.

Volto a minha mãe. Permitia que eu jogasse bola de gude no quintal ou mesmo na rua, em frente a nossa casa, pois sabia que aquilo era a grande felicidade de meus sonhos de menino, mas no momento certo era convocado para encerrar o brinquedo e cuidar da obrigação (ajudar a limpar a casa ou fazer tarefas da escola).

Assim, também, na nossa vida, não podemos nos iludir achando que os momentos felizes o serão para sempre. A vida logo nos convocará aos deveres que teremos que cumprir, sem demora e sem perda de tempo.

E há, também, os momentos em que o líquido da taça não é amargo nem doce: é água mesmo.

E temos que beber, sem sofreguidão, para não nos engasgarmos com o que é comum nem nos perdermos no caminho normal de todos os dias.

É beber compassadamente, normalmente, a água vital e continuarmos cumprindo o papel que nos foi destinado no espetáculo da existência.

Olho as flores: nascem, crescem, tornam-se lindas, encantam nossos olhos, depois murcham e morrem.

E Deus delas todas cuida, como cuida dos lírios do campo, e nem Salomão, em toda sua glória, como eles se vestiu, como diz a Palavra Sagrada.

E assim seguiremos nossa jornada, sorvendo a nossa taça da vida, até quando formos chamados pelo Senhor de todos os anéis, para o instante da Eternidade, na eternidade do instante.

Curiosidade

BAOBÁ | Você sabe o que é Baobá? Conheça esta impressionante árvore africana

O Baobá é a árvore com o tronco mais grosso do mundo! Seu caule oco chega a medir mais de 20 metros de diâmetro e pode armazenar até 120 mil litros de água. Seu tamanho é tão impressionante que alguns baobás são usados como casas, depósitos de grãos ou abrigos de animais, mas infelizmente a espécie está ameaçada de extinção. Estima-se que elas possam atingir até dois mil anos de existência, calculados pelo seu diâmetro. Seu nome científico é *Adansonia Digitata*, mas elas são conhecidas também como embondeiros, imbondeiros ou calabaceiras.



A árvore é realmente poderosa: abriga centenas de animais, aves e insetos em seus imensos troncos. Suas flores chegam a medir 20 cm e florescem uma única noite, mas possuem néctar e frutos que servem de alimentação para as tribos e animais nas épocas de escassez, além de haver indícios de seu uso para a cura da malária. Da seiva desta árvore retira-se um óleo especial; de seu tronco, os nativos de Madagascar constroem as pirogas (espécie de canoa comprida); e sua cortiça possui composto medicinal para combater a epilepsia. Não à toa, na África, os baobás representam a vida: são símbolos de fertilidade, fartura e cura.

Lançamentos



1º livro da Academia Goiana Maçonica de Letras com a história do Acadêmico e seu patrono: HISTÓRIAS QUE SE FUNDEM: A PERPETUAÇÃO DE UM LEGADO Adolfo Ribeiro Valadares 232 p.



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Letras - publicação de livro inédito - Aldir Blanc Concurso nº 13/2021 - Secretaria de Cultura - Governo Federal: PASSAGEIRO E ETERNO Getúlio Targino Lima 142 p.



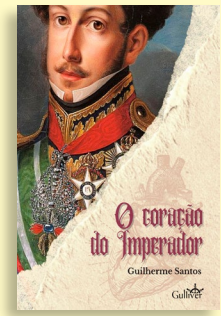
Produção independente: A DAMA DO OCULTO Getúlio Targino Lima 110 p.



Produção independente: A GOTA E A PÉTALA Getúlio Targino Lima 120 p.



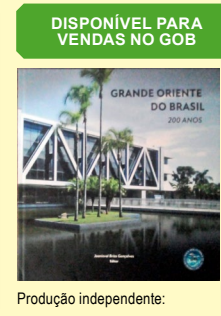
Produção independente: UM CONTADOR DE HISTÓRIAS Jefferson Soares de Carvalho 105 p.



Produção independente: O CORAÇÃO DO IMPERADOR Guilherme Santos 400 p.



Produção independente: MAÇONS EM REFLEXÃO Maçonaria e Religião - Vol. III Anestor Porfírio da Silva (Participação) 262 p.



Produção independente: GRANDE ORIENTE DO BRASIL - 200 ANOS Joaniaval Brito Gonçalves (Editor) 338 p.

Parabéns aos irmãos e confrades pelas belas publicações e dedicação à vida literata.



tempo de estudo

CRISE DE VALORES

José Eduardo Miranda | Colaborador

Justamente quando o ano de 2022 atravessa seu equador, enveredando pelo mês de junho com um sem-fim de expectativas relacionadas ao futuro político do Brasil, não mais se pode negar que o século XXI já transita pelas calçadas do tempo como um ancião, repleto de experiências, e calejado pelos enfrentamentos ideológicos que dividem a sociedade nacional em dois grupos distintos, transformando-nos em uns e outros.

Lamentavelmente, de uns tempos para os dias de hoje, o epíteto da brasilidade feneceu diante do protagonismo de concepções político-partidárias afeiçoadas a propósitos temerários que fragilizam o relacionamento com a pátria, mortificando o sentimento de nacionalidade. Refém da linguagem astuciosa, e vítima de um sistema que corroe a educação nacional, limitando a capacidade interpretativa de uma parcela esmagadora da sociedade, a população brasileira contaminou-se pelo discurso arquitetado para ressignificar o valor-do-humano.

Gradativamente, os brasileiros perderam o substrato identitário de vínculo axiológico com a nação, para delimitar o seu relacionamento com grupos específicos, que se fortalecem pela elocução que deturpa o significado de mundo, corrompendo o sentido de sociabilidade. Sobre este aspecto, é imperioso realçar que “a linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável.” (Brasil, 2011, p. 172)

Este fato, evidente e indiscutível, prepondera especialmente agora, quando, todavia, enfrenta-se os efeitos de uma pandemia que dizimou milhões de vidas, e sofre-se os resultados dos escândalos de corrupção que expôs uma parcela dominante do Poder Político. A realidade, cruel, revela que uma parcela considerável da população nacional prossegue incólume aos fatos pandêmicos, e permanece literalmente enjaulada no núcleo visível de preceitos éticos e morais impregnados de contradições e ambiguidades que derrogam, inclusive, o sentido e o valor do humano.

Para resguardar o protagonismo daquilo que pensam, ou da bandeira que sustentam, pessoas de lados opostos agem umas contra às outras, dominadas por uma cegueira semicoletiva que não as deixa dimensionar a causa-efeito de suas atitudes, impedindo-as da necessária reflexão sobre a eticidade de suas condutas e práticas. Deste modo, levando-se em conta que as relações interpessoais no seio da sociedade pós-moderna são oxigenadas pela noção, às vezes deturpada, de indivíduo livre e autônomo, guiado pela supremacia de valores congêneres com suas convicções, tem-se que a dissociação entre a ética e a política provoca uma ruptura da

noção primária de sociabilidade, com o sentido sublime de respeito à condição humana de cada um. Dentro deste contexto, cada grupo se encarrega de disseminar um ‘ódio’, não mais velado, que sepulta a condição humana, do ser pessoa, em favor de posturas e juízos específicos que resguardam interesses delimitados, espúrios, na maioria das vezes. Consequentemente, na medida em que falece o respeito às opiniões contrárias, expira a deferência à diversidade. Por conta disso, o princípio da igualdade é soterrado, e o mundo da vida passa a ser literalmente tragado pelo universo de desiguais, que se digladiam sistematicamente por causas ignóbeis.

Sobre este aspecto, e considerando que a Moral Maçonica submete o Maçom ao núcleo de um movimento contínuo de devoção à Luz Celestial, Espiritual e Divina, evangelizado pelos ritos e valores de uma filosofia que aponta à diuturna prática do bem, sem limites e exceções, tem-se que este preceito moro perfaz a alternativa adequada à supressão da crise de valores que afeta a sociedade brasileira. Advoga-se neste sentido por compreender-se que a Moral Maçonica provoca, ou deve provocar, uma completa transmutação atitudinal do Maçom no mundo Profano. Por isso, e a despeito da ideia original de que as pessoas nascem boas, e desenvolvem-se para fazer o bem, não se pode ocultar que a vida do homem comum, por si só, desvia caminhos, e derroga atitudes que alquebram a essencialidade do bem viver, do bem fazer e do bem sentir.

Visto o anterior, importante sublinhar que se chama de comum, o homem, Maçom ou não, que transita pela passarela da existência imerso nas profundezas de um Oceano lúgubre que o deixa à mercê das adversidades do dia a dia. Independentemente de suas origens, e de sua formação, o Profano tende a relacionar-se superficialmente com o mundo e com os atores da existência. No decorrer do ir, e vir, pelas passarelas da vida, conforma relações aleatórias, em que busca, sempre que possível, proveitos pessoais, não raras as vezes temerários. A tendência, lamentável, é de que o homem comum destoa da tonalidade do ser aquilo que o mundo e as pessoas do mundo necessitam...

Portanto, apesar da certeza que se tem de que o mundo esteja entre as pessoas, e estas se mostrem interpostas na totalidade do próprio mundo, a superficialidade pela qual celebram-se as relações intersubjetivas provocam a morte da chama de comprometimento das pessoas, entre elas, e delas, com o mundo. Nesse diapasão, o próprio epíteto da liberdade, e da autonomia do ser, afastam os homens de seu compromisso com o mundo, e com os seus comuns, o que fazem, genuinamente, em prol da manutenção de uma aparência, não raras as vezes externa.

A moral maçônica como alternativa de supressão que abate a sociedade nacional

A exemplo do que eternizou Sartre, “a aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. E a aparência, por sua vez, não é uma manifestação inconsistente deste ser. Enquanto foi possível acreditar nas realidades numéricas, a aparência se mostrou puro negativo. Era ‘aquilo que não é o ser’; não possuía outro ser, salvo o da ilusão e do erro”. (Sartre, 2011, p. 15)

Proporcionalmente ao período em que a vida ganhou sentido pelo significado do ser-homem-exteriorizante, ou daquilo que o indivíduo seja capaz de exibir, soerguendo a mera aparência de ser, e de ter, houve uma degradação do significado do valor pelo humano. Por isso, rejeita-se, como fez Sartre, o dualismo da aparência e da essência. “A aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência. A essência de um existente já não é mais uma virtude embutida no seio deste existente: é a lei manifesta que preside a sucessão de suas aparições, é a razão da série.” (Sartre, 2011, p. 16)

Entre aparência e essência, é impossível negar que na vida do homem comum, a moral e a ética transformam-se em vidas de incertezas intermináveis, construídas “com tijolos de dúvidas cimentados com a argamassa da autorrecriminação. Uma vez que as fronteiras do bem e do mal não estão de antemão traçadas, vão-se desenhando durante o curso da ação, e esta maneira de tentar desenhá-las faz com que se pareçam mais com uma sucessão de pegadas do que com um mapa das estradas.” (Bauman, 1995, p. 15)

É neste cenário que a Moral Maçonica promove, por assim dizer, um transe fenomenológico que provoca uma verdadeira transformação na vida e na aparência dos homens justos e perfeitos, que passam a reconfigurar sua essência, demarcando-a com a aceção plena do amor e do respeito para com todos os outros homens, sem exceção. Para o iniciado na Ordem Maçonica, o bem é o significado puro de sua existência, e o amor é a razão maior de sua causa.

Esta concepção metamorfológica emerge essencialmente da naturalidade pela qual o iniciado passará a honrar e venerar o G.: A.: D.: U.:, a quem sempre agradecerá pela capacidade desenvolvida de tratar, reconhecer e respeitar a todos com o seus iguais, combatendo a ambição, o orgulho, o erro e os preconceitos. A transmutação, emergente da compreensão fidedigna do sentido da Moral Maçonica, consolida-se pela atitude do Maçom, que será incansável na sua luta contra a ignorância, a mentira, a superstição, o fanatismo, a intolerância, o desrespeito ao valor-do-humano, e contra outros males que flagelam a humanidade, travando o progresso dos homens e das sociedades.

Cada empreitada maçônica que desencadeamos, firmes estão elas em nossos lares e ou nos ambientes das lojas destinados a trabalhos diversos e de confraternizações, pacientemente desempenhando vários trabalhos destinados à FRATERNIDADE, enquanto possamos fazer os trabalhos sobre a nossa pedra bruta em busca também da LIBERDADE E IGUALDADE, completando a tríade suprema da contribuição maçônica para a humanidade.

Trago agora a figura do Cobridor Externo, um cargo que muitas vezes é menosprezado em Loja. É ele quem examina e assiste os visitantes no vestíbulo, se desejosos de participar dos trabalhos em Loja, para certificar que são maçons. Em uma eleição, é comum, entregar este cargo a irmãos mais humildes e sem experiência em loja. É tão importante, que é um dos poucos cargos que o venerável não tem atribuição de nomeá-lo, e sim é eleito pela Loja. É recomendado e aconselhável que este cargo seja ocupado por um ex-venerável (um dos Pastors Masters). Este é o cargo encarregado de assistir as cunhadas que ficam em atividade no ambiente da Loja como um todo, enquanto os irmãos estão em atividade no templo.

opinião

AS CUNHADAS NA MAÇONARIA

Célio César de Moura Gomes | Colaborador



Em março nada melhor, entre nós, um tempo de estudos dirigido e dedicado às nossas parceiras e cunhadas. Em 1975, a Organização das Nações Unidas, oficializou o dia 8 de março, como Dia Internacional da Mulher, por ter sido o primeiro dia em 1.917 de luta mundial das mulheres para reconhecimento de seus valores como seres humanos plenos. Complemento indispensável ao homem para que a humanidade possa atingir seus objetivos da vida cercado de todas as nuances durante a existência de qualquer ser humano na superfície da Terra.

E para nós, na nossa iniciação, nos é dado um par de luvas branco para entregarmos àquela que, na individualidade de cada um, goza da nossa mais alta e privada estima e afeto. Quando assinamos o requerimento manifestando o nosso desejo de ingressar na

Ordem, é ela quem vai dar o indispensável SIM aos sindicantes para que possam prosseguir a apuração de nossas qualidades de homem livre e de bons costumes que crê em um ser superior, chamado Deus e aqui identificado como o G.: A.: D.: U.:.. E desde então nossos empreendimentos aqui são empenhados após invocação a Ele, o G.: A.: D.: U.:., e sempre com as bênçãos de cada uma de nossas companheiras e cunhadas.

Para que estejamos aqui em paz e dispostos a receber as luzes que vêm do Oriente, em cada sessão, possibilitando tomar as decisões que mais aproximam dos desejos do Criador, muitas vezes, para não dizer, todas as vezes, buscamos o aval de nossas companheiras, pois elas trabalham com mais delicadeza para equilibrar os pratos da balança de Justiça e da Verdade, fins supremos da conclusão de nossas empreitadas.



reflexão

NÃO PRECISA SER ASSIM!

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Alguma dúvida sobre como encontrar a felicidade na vida e em Deus? Fico feliz em te ajudar a buscar com energia o lado positivo da vida. As pessoas tendem sempre a buscar tudo que é negativismo e pessimismo para se defender de alguma situação. Contudo isso não é o verdadeiro caminho e nem tão pouco poderá atender seus anseios. Vivemos numa vida perturbada em quase todos os sentidos, porém, há de se entender que tudo isso é passageiro e só depende de cada um de nós mudarmos essa direção. Procure efetivamente dar sentido à sua vida através de esforços otimistas e positivos. Nunca pense que você é o único que passa por essas situações, isso é a vida e cada qual de nós colhe aquilo que plantamos.

Quantas pessoas não estão vivenciando problemas e crises piores que a sua. Será que a minha vida é a pior, e meus problemas são os piores dos que existem por aí. Você já parou para pensar e refletir as causas de tudo isso em sua vida, e ou procurar um profissional da área de psicologia para te ajudar a superar tais descontroles.

Quantos suicídios existem por aí e quantas pessoas estão a mercê da vida e no abismo da intolerância. Tudo isso é resposta do porque buscamos o lado ruim da vida para

tentar resolver questões singulares em nossa existência.

É bem mais fácil e cômodo ficar na espera de algum acontecimento ou razões para sairmos desta situação, mas esse verdadeiramente não é o caminho.

Numa sociedade tal qual é a nossa, necessário se faz buscar em nossa vida pessoas para nos ajudar a compreender melhor as coisas do mundo. Talvez por intolerância e ou fraqueza deixamos de raciocinar melhor tais situações. Existem pessoas altamente pessimistas voluntárias e ou inconsciente que não se desperta para as resoluções dos casos e situações. Este não é o melhor caminho, temos que nos atrair em pessoas altamente positivas e refletir com elas uma mudança de comportamento, pois só assim poderemos mudar os destinos de nossa vida e sentimentos humanitários.

Não se deixe levar por cousas pequenas, por momentos difíceis ou por falta de busca incessante, em tornar você incapaz de mudar sua própria história e razão de existir. Você é uma pessoa do bem, é filho do Rei todo poderoso que só nos quer o bem de nós mesmos. Saia da rotina incerta e busque melhorar suas relações com o mundo externo. Tenha capacidade de eternizar em sua vida princípios de felicidades. Não

É mais fácil olhar para o lado ruim da vida....

deixe por qualquer motivo a vida te levar como se estivesse numa enxurrada d'água que leva tudo que por ela passa. Somos a semelhança do Criador que nos deu total liberdade para compreender melhor a vida e dela se satisfazer.

Não permita que o sofrimento é algo dirigido para você nesse mundo. Saiba enfrentar com realidade seus problemas e subjunções da sociedade. Entenda de uma vez por toda que você é capaz de transformar sua vida para um caminho melhor. Se está difícil caminhar só, busque pessoas agradáveis e confiáveis na ajuda mútua. Saiba que você tem o seu valor, só não está sabendo agir de modo que possa superar essa fase. Nunca e jamais busque o pior caminho e suas sutilezas para tentar mudar o seu verdadeiro caminho.

Deixe de olhar o pior lado ruim das coisas e de sua vida. Busque a todo vapor combatê-la com sua força eminente e sua mente inspiradora. Você é um ser santo e foi previamente escolhido para suplantar todas as dificuldades e encontrar bons caminhos. Reflita sua vida e busque com toda inteligência olhar pra frente e de forma autêntica o que você pode fazer. Saiba que você representa o amor mais aprimorado deste mundo que é o amor de Deus. Tenha coragem de mudar-se para melhor e esqueça a sarjeta da vida!



crônica

NAQUELE TEMPO PARIS ERA UMA FESTA!

Hélio Moreira | Cadeira nº 27

Na época do Império, todo literato que militava nas letras brasileiras tinha um sonho: ir à Paris, fonte e sustentação de toda a cultura mundial da época; o francês era a segunda língua da elite intelectual brasileira.

Por muito tempo, ainda, Paris continuaria a ser considerada a Meca da cultura universal; por uma questão de justiça histórica, somos forçados, se voltarmos alguns séculos na história, a aceitar que a pujança desta "República das Letras" nos remete, inclusive, ao século XVII com a força literária de Racine ou de Molière, de Voltaire, Diderot, Rousseau, Danton e Marat no século XVIII, e Sainte-Beuve, Zola, Maupassant no século XIX.

O nome, "República das Letras", na verdade foi "cunhado" pelo escritor e, muitos anos depois, membro da Academia Francesa de Letras, Jean Guéhenno para identificar a Rive Gauche (lado esquerdo do rio Sena), local onde ele morava nos anos 30 do século passado; disse ele "Ela, a república das Letras, está contida em algumas casas parisienses, numas poucas e amontoadas redações de revistas e editoras, em alguns estúdios de desenho, alguns cafés, alguns ateliês de artistas e alguns sótãos. Não é fácil penetrar nesse mundo. O verdadeiro diálogo se dá entre algumas dezenas de escritores que se aceitam uns aos outros, e só isto"

O bairro Montmartre era o que havia sido anteriormente Montmartre, o local identificador desta efervescência de ideias, especialmente pela presença, ali, de uma infinidade de cafés, onde se reuniam os intelectuais, cujas produções culturais, artísticas e, inclusive suas frustrações amorosas, eram discutidas com todos os frequentadores e, quiçá, com o resto do mundo.

No entanto, o "ponto" mais famoso de encontro da intelectualidade da época, Saint Germain-des-Prés, surgiu com a repentina aparição de André Breton e seu grupo de surrealistas, que começaram a frequentar o

Café Deux Magot, além de Picasso que frequentava o café Flore.

A França vivia o tempo de intervalo entre duas guerras; havia o desejo de sublimar os efeitos, ainda muito vivos, das feridas causadas pelo conflito da primeira guerra mundial e a incerteza do porvir, que já escurecia o céu no horizonte das nações que alguns anos depois iriam entrar, novamente, em novo conflito, arrastando nesta avalanche, como sabemos, a França e o mundo de sonhos deste grupo de intelectuais.

Como sói acontecer quando se reúne uma miríade de livres pensadores, havia, ali também, um emaranhado de dispares visões críticas e políticas, para se falar o mínimo; no entanto, sentavam-se às mesmas mesas, discutiam, se agrediam mutuamente, às vezes chegavam à "via dos fatos", porém, mantinham a harmonia civilizada da aceitação das opiniões dos contrários.

Chama a atenção, consultando a bibliografia à nossa disposição, que embora frequentassem os mesmos lugares, normalmente os escritores de grande prestígio, como Gide, Mauris dentre outros, moravam no Rive Droite (lado direito do rio Sena), o que era motivo de "desprezo" pelos demais, pois ali era o local das grandes residências e grandes hotéis.

Por outro lado, os moradores da Rive Droit queixavam-se do "preconceito" da revista Nouvelle Revue Française que afirmava: "... Se uma pessoa não mora na Rive Gauche, não se trata de um escritor de verdade"; pela mesma época vários escritores norte-americanos (Hemingway, Fitzgerald, Gertrude Stein, dentre outros) também circulavam por estas mesmas ruas, porém viviam, aparentemente, uma vida um pouco apartada dos escritores franceses.

"Shakespeare and Company", uma livraria fundada por uma americana de nome Sylvia Beach, localizada na rue de l'Odéon, na Rive Gauche, tinha uma característica diferente das demais: além de vender,

também emprestava livros, era o ponto de encontro desta gente que citei acima, assim como de alguns outros que não pertenciam a este grupo, como o escritor Irlandês James Joyce, que por qualquer motivo, não tinham disposição para compartilhar a sua mesa de café com desconhecidos e iniciar um diálogo ou talvez uma aproximação literária.

No seu agradável livro "Paris é uma Festa", Hemingway descreve como era Livraria de Sylvia Beach, como escreveu: "Ali era um lugar acolhedor e alegre, com um grande fogão aceso no inverno, mesas e estantes de livros, novidades na vitrina e, nas paredes, fotografias de famosos escritores vivos e mortos".

Depois veio a guerra, com todos os horrores que conhecemos; aquelas vozes, tão propensas a aceitarem as discordâncias de pensamento com seus interlocutores, assumiram posições políticas; alguns, na realidade, a maioria, permaneceu com o discurso condizente com o seu passado, outros debandaram para o outro barco; alguns outros, por uma questão de justiça histórica, sem entrar no mérito, permaneceram fiéis às suas ideias e assumiram posições de relevo na nova ordem que se instalou na França ocupada.

O relato da participação da intelectualidade francesa nos acontecimentos da segunda guerra mundial, ainda não está completo, sabemos que muitos foram julgados e condenados pelas suas ideias, outros lutaram e morreram ao lado das forças da resistência, outros, sem alternativa, conseguiram fugir, outros ainda, como André Breton (suposto apoiador dos comunistas) e Victor Serge (apoiador, realmente, de Stalin) se esconderam, junto com outros intelectuais, na zona não ocupada da França, nos arredores de Marselha, onde permaneceram por mais de dois anos.

A parte lamentável, para dizer o mínimo, do após guerra foi o julgamento daqueles intelectuais que participaram do conflito abastecendo as trincheiras do inimigo, os chamados "colaboracionistas".



falando francamente

A MUDANÇA

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Meu pai recebeu uma carta escrita a máquina pelo Zezinho Luís, meu primo, a mando do meu tio Chico Luís, pedindo para que meu pai mandasse um comunicado, através do motorista Genésio, dono de um caminhão GMC que trazia as famílias daquela região dos Sertões de Minas Gerais (muito bem descritos por João Guimarães Rosa), para o Estado de Goiás. Neste comunicado, meu pai teria que dizer se queria ou não se mudar pra Goiás.

Alguém leu a carta datilografada com tinta vermelha, coisa que a gente nunca havia visto. Eu, particularmente, nunca havia visto uma máquina de escrever e muito menos carta escrita a máquina e com tinta vermelha. Para mim, toda tinta de escrever era preta e vinha no vidro tinteiro, onde a gente molhava a pena para escrever. Aquela carta foi um sucesso para toda vizinhança.

A noite, vizinhos distantes vinham em nossa casa conversar com o meu pai sobre a mudança para Goiás. Meu pai mandava minha mãe buscar a carta para exibi-la aos visitantes. Em verdade mesmo, a maioria das visitas não estava preocupada com a mudança, queria ela ver a carta. Minha mãe buscava a carta toda cheia de orgulho e passava para o marido, dizendo para visita:

– Foi meu sobrinho que escreveu...

As visitas olhavam, admiravam! Todos a olhavam mesmo não sabendo ler direito. Na maioria das vezes, lamentavam;

– Então, em "Zé Tanaz", vai mudar pra Goiás! (meu pai se chamava José Atanázio), mas era assim que eu chamado. Meu pai meneava a cabeça, meio desajeitado

nem afirmava nem negava, mas percebia certa tendência para a mudança, em suas palavras:

– É! Respondia ele! O pai já está lá e a gente tem que procurar um lugar para viver!

Esta era a resposta dele. Carregada de certa amargura e uma leve dose de esperança no futuro.

O caminhoneiro Genésio encheu seu GMC de mudanças e levou o recado do meu pai: "Estou de acordo em mudar pra Goiás". Mais precisamente para o Barreirinho, que já era famoso por aqueles sertões, pelas abundâncias de colheitas de arroz, milho e café. O Sertão, praticamente, não produzia quase nada. A sorte estava lançada: vamos mudar pra Goiás, era só esperar a volta do caminhão. Isto foi por volta do mês de maio de 1956, a volta do senhor Genésio estava prevista para o final do mês de Julho, no mais tardar, começo de Agosto, daquele ano. A gente não tinha quase nada, algumas galinhas e um capadinho. As galinhas, comemo-las, a porca foi vendida e o capado foi morto ainda magro para ser comido durante a viagem.

UM PROBLEMA: Morávamos à beira do córrego das Alminhas, do lado oposto à estrada, era impossível para o caminhão ir até lá. Mudamos para um rancho de roça que ficava próximo à estrada. Eram só alguns dias até o caminhão chegar, consolávamos. Acabamos por morar nesse rancho quase um mês, o caminhão atrasou, só fomos sair no dia 26 de agosto, um sofrimento. Não tínhamos quase nada, mas a panela, colchões de palha, peneiras e alguns paus estavam amontoados ou ensacados neste rancho. Dormíamos amontoados como porcos.

UM MOMENTO MUITO TRISTE

Chegou o caminhão. E aí, eu ainda criança, percebi o baque que minha sofreu. Apenas algumas pessoas apareceram em nossa partida. O Zereco com a mulher e os filhos, o Dero e a mulher e mais uma ou duas pessoas de quem não me lembro os nomes. A vizinhança ficava distante e por causa do atraso do caminhão, ninguém esperava que fosse exatamente naquele dia.

Vi minha mãe abraçar as duas vizinhas em prantos e, para uma delas, eu ouvi quando ela falou:

– Não nos veremos nunca mais, comadre!

Foi muito triste, tristíssimo diria José Dias do Dom Casmurro. Não me lembro de ter me despedido de ninguém. O caminhão despertava em mim um misto de medo e euforia, por isso, fui um dos primeiros a subir na carroceria e me sentar em cima dos patuás empoeirados que nos pertenciam.

A saída era por uma subida de serra e a estrada fazia curvas proporcionando aos retirantes uma visão panorâmica de todo o vale, onde os ranchos de cor escura por causa da fumaça das fomalhas, exalavam uma melancólica tristeza e abandono. Eu senti o mundo girando no rodar do caminhão e percebi o olhar comprido e silencioso de minha mãe, na despedida mais triste e dolorosa que já assisti.

Lembro-me até hoje daquela figura pálida com os cabelos a lhe cobrir o rosto pelo vento a olhar para trás, sem piscar, parecendo querer fixar aquela paisagem para toda a vida, em sua mente. Quase chorei também. Todos estávamos mudos e assustados. Eram os filhos da terra sendo arrancados dela como se arranca a raiz da mandioca, comparação boba.



artigo

MAÇONARIA, POLÍTICA E ECONOMIA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

A relação entre Indivíduo e comunidade trata-se de uma dualidade que se completa e que se distingue na dimensão social, pois o indivíduo é concebido em função da comunidade e não ao contrário. A volta no tempo permite a busca de alguns estudos de ordem sociológica ou filosófica se o interesse é entender paradigmas.

Neste caso para a interpretação da questão ora levantada, os estudos mais indicados são os desenvolvidos pelos filósofos gregos, no caso, o pensamento aristotélico, mais pela postura de seu criador que, alem de filósofo foi considerado o "Primeiro Economista" do mundo ocidental. Seu pensamento sobre economia está presente na obra "Política", onde se encontra uma série de conceitos econômicos, filosóficos, políticos e jurídicos importantes.

O filósofo Aristóteles em seus estudos, definiu o homem, de forma paradigmática, como um animal político, uma vez viver de forma organizada. Para Ele um indivíduo ao receber a caracterização de cidadão deveria estar envolvido com a administração pública na qualidade de executivo, legislador ou administrar a justiça, alem de participar de assembleias.

A maçonaria é uma instituição que, na acepção cultural, mística e esotérica tem por finalidade estabelecer a justiça e prevalecer a fraternidade, mantendo o lema fraternidade, igualdade e liberdade. Também com sua característica paradigmática, ao estabelecer a separação da política voltada para a comunidade, os maçons devem visualizar a política na gestão com o objetivo fraterno e nunca se envolver em questões partidárias.

Na prática, o lema maçônico constituído pelo tripé filosófico, no que concerne à questão "justiça", depara-se com conceitos relativistas quando se trata de objetivar a interdisciplinaridade na procura das respostas às questões que necessitam de entendimentos cuja origem se alicerça na filosofia, no direito ou na economia quando procurados pelo maçom ao se falar de política.

A estrutura simbólica e ritualística da maçonaria sintetiza-se no hermetismo quando define realidades cosmogênicas com o espírito de fraternidade e tolerância, que a caracteriza. Possui na sua sutileza simbólica a capacidade de estar vigilante e de ser perseverante, isto é, de vigília permanente e paciente para construir ou reproduzir o bem estar social dos indivíduos.

Numa retrospectiva histórica, comparando tempos passados e atuais, verifica-se que na fase em que os maçons se constituíram como construtores de catedrais, principalmente na Europa, propriamente nas idades antiga e moderna era comum nas oficinas, onde traçavam seus desenhos e planos, repartirem obrigações via utilização do ensino tradicional, alem de técnicas necessárias aos conhecimentos herméticos.

A partir desta fase teve início a procura pela liberdade de movimentos com a facilidade de intercâmbios de conhecimentos, surgindo o companheirismo. Foi nesta época que surgiram os Templários ou monges guerreiros. Da herança dessas ideias derivaram-se as questões inerentes à, fraternidade, igualdade e liberdade,

resumida no termo justiça social, tão vivenciada pela "Ordem" nos dias de hoje.

A participação dos maçons tem sido efetiva na construção de nações hegemônicas, onde a democracia sempre foi lema fundamental. A título de exemplo, citam-se os casos da revolução americana e a independência do Brasil, alem de outros. Quando as ideias se afastam deste paradigma ressurge como uma Fênix, a necessidade de reordenação.

"(...) É evidente que o homem é um animal mais político do que as abelhas ou qualquer outro ser gregário (...) o homem é o único animal que tem o dom da palavra (...) Essa é uma característica do ser humano, o único a ter a noção do bem e do mal, da justiça e da injustiça. E é a associação de seres que têm uma opinião comum acerca desses assuntos que faz uma família ou uma cidade". Aristóteles, *Série Os Pensadores*, Editora Nova Cultural, 2000, p. 146.

Nos dias atuais não se pode negar os desvios de condutas encenados pela corrupção de ordem política ou econômica ou mesmo a necessidade, em vista do mundo globalizado, das defesas diante das crises que assolam as sociedades, sejam elas de caráter social, econômico ou político. A Maçonaria, pela capacidade em estar vigilante e de ser perseverante na vigília permanente e paciente para construir ou reproduzir o bem estar social deve, como fizeram em outras épocas, lutar e defender os ideais que preservem à fraternidade, a igualdade e a liberdade, dos indivíduos em comunidade. Este é o papel político do maçom.



tempo de estudo

PAVIMENTO MOSAICO E ORLA DENTEADA – I

Herbert de Melo | Colaborador

A ETIMOLOGIA DO VERBETE ‘MOSAICO’

Nas diversas fontes pesquisadas foi comum associar o verbete mo-saico como sendo de origem grega. Mas incomum foi encontrar outras fontes em que associam uma origem alemã.

Há ainda artigos que relatam sua origem suméria! Incontestemente a relação com os povos Mesopotâmicos. Dentre os povos que ocuparam as terras das planícies férteis dos rios Tigre e Eufrates (no Oriente Médio), onde atualmente localiza o Iraque; diversos povos por ali passaram sucedendo-se uns aos outros pelas guerras de conquista. Destes povos denominados mesopotâmicos temos: sumérios, acádios, amoritas ou babilônios, assírios, elamitas e os caldeus ou neobabilônios.

Os sumérios criaram uma escrita denominada cuneiforme. Utilizada para questões administrativas, realizada com uma cunha em tábuas de argila, que posteriormente eram cozidas ao forno, mantendo assim o relato que procurava guardar.

Não se tem notícia de como o povo sumério poderia se referir a sua bela arte de utilizar ladrilhos formando desenhos com propósito estético ou cultural. Portanto é comum adotar a referência grega para designar sua origem. Desta forma tem-se, nesta língua a palavra μουσαϊκόν. Realizando uma transliteração da mesma, pode-se dizer: mousaikón, que também significa ‘obra das musas’.

Essa referência às musas procura levar ao entendimento de que seria uma ‘bela arte’, tão bela e preciosa, que fora dada aos homens pelas musas. Na tradição da mitologia grega, as musas teriam “capacidade de inspirar a criação artística ou científica na Grécia”. O templo em que esses seres da mitologia grega se reuniam era chamado de μουσεῖο, transliterando para o vernáculo, museion. Essa terminologia ainda conduz o entendimento da palavra ‘museu’ “como local de cultivo e preservação das artes e ciências”.

Após a guerra contra os titãs, as divindades anteriores aos deuses, Zeus se encontra com Mnemosine, deusa da memória, e, por dez noites consecutivas, se deita com ela. Após um ano, Mnemosine dá a luz às nove musas. As nove musas foram encarregadas de cantar a vitória e os grandes feitos dos deuses, sobre as suas divindades e belezas. Eram as preservadoras da memória. Cada musa possuía um nome e uma atribuição, dada por Hesíodo em seu livro Teogonia, sendo elas: Calíope; Era a primeira das irmãs e era a musa da eloquência; Clío: A musa da história; Euterpe: A musa da poesia

lírica; Tália: A musa da comédia; Mel-pômene: A musa da tragédia; Terpsícore: A musa da dança; Érato: A musa dos versos eróticos; Polímnia: A musa dos hinos e a narradora de histórias; Urânia: A musa da astronomia.

Embora os relatos históricos demonstrem sua origem suméria, isto é, o primeiro trabalho em mosaico feito pelo homem registra-se na cidade suméria de Ur, não se tem nenhuma fonte que demonstre o entendimento ou o vocábulo que este povo antigo tinha para esta arte. Contudo, o povo helênico dá a esta arte uma notoriedade ímpar, além de nomeá-la, isto é, identificá-la com um vocábulo específico, empresta-lhe também uma história, peculiar ao seu modo de ver e entender seu mundo, pois se faz pelo simbolismo e pela narrativa dos mitos.

SIGNIFICADO DO VERBETE ‘MOSAICO’ E CARACTERÍSTICAS

O termo ‘mosaico’ representa o desenho realizado por pequenas peças, podendo ser em qualquer material, por exemplo: mármore, vidros, porcelanas, seixos, pedra preciosas ou semipreciosas etc. São justapostas e incrustadas em um tipo de ligante, modernamente utiliza-se cimento ou uma argamassa apropriada para esse fim. Esses fragmentos de ladrilhos formam um desenho, podendo ser religioso em sua grande parte, mais também demonstram relatos da vida comum, a cultura, festas etc.

O relato mais antigo que se tem notícia do uso de mosaico foi encontrado na sociedade suméria, na cidade de Ur (como já apontado acima), com data aproximada de 3.500 a.C. Posteriormente encontra mosaicos em toda a história da humanidade, do mundo Antigo até nos dias de hoje. Com diversidade de materiais e técnicas esta arte milenar continua surpreendendo pela beleza nos diversos espaços em que se manifesta, tanto público como privados; ao mesmo instante em que se apresenta como uma ‘arte simples’.

O registro mais antigo data de 3500. a. C., na cidade de Ur, na antiga Mesopotâmia, hoje região onde fica o Iraque. O “Estandarte



Estandarte de Ur – Considerado o primeiro mosaico da humanidade

de Ur” com-põe-se de dois painéis retangulares com cerca de 55 cm de largura e 22 cm de altura, feitos de madreperla, arenito e lápis-lazúli. Esta obra retrata de um lado o imperador e sua corte comemorando o período da paz enquanto tomam vinho, e no outro lado a frieza e o lado bruto da guerra enquanto pisoteiam com seus cavalos o inimigo.

MOSAICO: A RELAÇÃO COM MOISÉS E O TEMPLO DE JERUSALÉM

A palavra mosaico foi associada pela tradição maçônica a figura icônica de Moisés. Personagem bíblico de grande importância para a tradição, so-bretudo, judaico-cristã. Sendo também o autor do Pentateuco, livros de grande relevância histórica e teológica, desta forma não foi difícil associar o piso mosaico, o pavimento mosaico como sendo de autoria de Moisés.

O próprio Templo de Salomão, ou melhor, Templo de Jerusalém, também passou por esta associação. Salomão foi o construtor do Templo, edificado na cidade de Jerusalém, a “Casa de Deus” (2 Cr 3, 3). Desde seu precursor o Tabernáculo, possui o mesmo significado ‘simboliza a presença e a proteção de Senhor Deus entre seu povo’ (Êx 25,8; 29, 43-46).

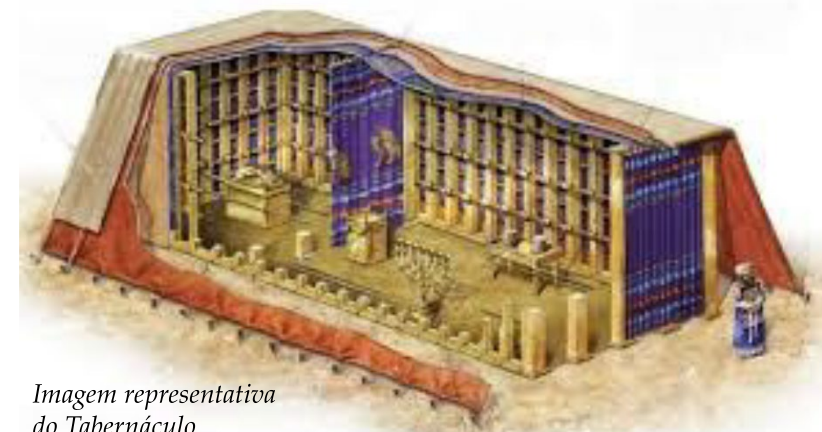


Imagem representativa do Tabernáculo

Apelo vibrátil aos Maçons de todo o Universo

Anchieta”, Rio, Casa de Rui Barbosa, 1953, pp. 80-1, apud “Rui Barbosa - Escritos e Discursos Seletos”, seleção, organização e notas de Virgínia Cortes de Lacerda, Edit. J. Aguilar, 1960, pp. 1019/1021.

É sob o manto desse ideal de bem servir à coisa e à causa pública que damos as boas-vindas aos Maçons do Brasil e do Exterior, em nome dos Maçons de Goiás visceralmente imantados à “Academia Brasileira Maçônica de Letras”, que temos a superlativa honra de presidir, rogando ao Grande Arquiteto do Universo que inspire os homens de letras maçônicas, aqui reunidos, neste tríduo de intensos estudos, a fim de que possamos oferecer à literatura maçônica o melhor contributo para o aprimoramento da sublime instituição, e para o aprimoramento das instituições nacionais.



crônica

UM SONHO DE PRIMAVERA

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Em um certo momento de minha vida tive um sonho demorado, muito nítido, que me pareceu real. O bom que ao acordar continuei lembrando-me dele, e passados alguns anos continuo pensando no que aconteceu durante aquele sonho.

Tem momentos que dele esqueço, mas em outros, a lembrança volta, como agora. É sempre que me recordo procuro alguém para comentar sobre esse sonho, que teve como ambiente a estação da primavera num país situado abaixo da linha do equador.

No sonho eu estava no cume de uma altíssima montanha, de onde avistava praticamente todo o território do país. O meu raio de visão era exponencial, começando no Oriente indo até o distante Ocidente, e mesmo de longe dava para ver inúmeros pontos amarelos.

Daí resolvi descer a montanha em direção a um vale, e na minha caminhada passei por algumas cidades, mas não parava, e continuava caminhando deslumbrado com milhares de árvores carregadas de flores amarelas.

Por onde eu passava, no campo, nas ruas e avenidas das cidades, nos jardins residenciais, nos terrenos das escolas, nas praças e em templos religiosos, percebia a abundância dessas árvores copadas e com flores na cor de ouro. Até que me cansei, parei para descansar num banco de praça, onde já estava sentado um cidadão com um chapéu de palha na cabeça, com quem iniciei um papo coloquial.

E para tirar minha curiosidade perguntei qual a origem de tantas árvores que brotavam flores amarelas. Ele me disse que aquelas árvores eram Acácias Amarelas e que suas flores só surgiam na estação da primavera, que vai de 20 de setembro à 20 de dezembro.

Não satisfeito, voltei a perguntar quem teria tido a ideia de arborizar os logradouros públicos e privados das cidades por onde passei e na praça onde estávamos sentados. Disse-me ele que todas essas árvores foram plantadas por 80 mil mulheres, que fazem parte da Confraria Nacional Feminina Fraternas do Bem, que juntamente com seus maridos e filhos, anualmente, no período da primavera promoviam campanhas para plantio ou replantio de mais mudas de Acácias Amarelas.



reflexão

QUEM VOCÊ PENSA QUE É

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Esta reflexão de Nelson Freitas, ator, no YouTube, motivou-me a reproduzi-la para os leitores do Jornal “O Confrade”, órgão da Academia Goiana Maçônica de Letras. Poucas pessoas têm oportunidade ou interesse de conhecer a vida dos ancestrais, seu DNA. Para nascer precisamos de dois pais, quatro avós, oito bisavós, ...2.048 decavós, somando as últimas dez gerações 4.094 pessoas. Quem foram essas pessoas?

Elas enfrentaram guerras, fome, epidemias, catástrofes, medos, com coragem e esperança, obtendo alegrias, vitórias e prosperidade, até chegar em você. Tudo está dentro de você, integrando suas células, seu DNA, queira você ou não. Da próxima vez que você se olhar no espelho, pare e pense nesse mundaréu de gente que te habita e que nós só existimos graças a tudo que cada um deles passou.

Essas mulheres, plantadoras de mudas de Acácias Amarelas, prosseguiu ele, contavam também com a ajuda da Prefeitura Municipal de cada cidade, com a orientação dos técnicos das respectivas secretarias de agricultura dos municípios, com apoio financeiro de empresários, de empresas privadas, clubes de serviços e de Lojas Maçônicas.

Apesar das explicações do meu companheiro eventual, tornei a perguntar porque estas bravas mulheres escolheram a Acácia Amarela para arborizar logradouros públicos, praças, sítios, terrenos particulares, estradas, etc

Ele me deu uma excelente lição a respeito da importância da Acácia Amarela. Segundo ele: Assisti uma palestra proferida por uma das Fraternas, que informou ao público:

“A Acácia Amarela é originária da Ásia – também chamada de Cássia Imperial, tem sementes perfumadas e há quem diga que seu cheiro lembra o do alcaçuz. De setembro a fevereiro se enche de cachos amarelos, que lhe rendeu outro nome popular – Chuva de Ouro.

Gosta de sol, exige pouca água e prefere solo rico em matéria orgânica – terra vegetal e húmus de minhoca, em partes iguais. Suas sementes germinam com facilidade, mas se plantadas em mudas o resultado pasagístico é mais rápido. Por ser uma árvore sensível ao transplante, deve-se evitar muda-la de local de plantio. A melhor época para o seu plantio é na primavera, quando o clima está mais ameno e a planta corre menos riscos de desidratação.

A Acácia Amarela apesar de ser tóxica é muito usada na medicina natural, onde é considerada uma árvore de muitos benefícios. Suas flores têm ação laxante; as folhas agem contra problemas de pele; os frutos servem em casos de reumatismo e picadas de cobra. Porém, devem ser utilizadas sob supervisão médica.

Plantar Acácia Amarela é um trabalho gratificante. Um fato interessante é que a Acácia Amarela não ameaça a diversidade biológica, ou seja, o seu cultivo é absolutamente seguro para o ecossistema.

Devido a sua estrutura a Acácia Amarela se adapta a quaisquer condições climáticas e extremos de temperatura, por isso, cuidar da planta é fácil. Um

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes

arbusto adulto resiste bem tanto no intenso calor do verão quanto às geadas do inverno.

Diferença significativa entre a Acácia Amarela e a maioria de outros arbustos, reside no fato de que se multiplica bem com sementes. O plantio em campo aberto é realizado de setembro a meados de outubro, em solo moderadamente úmido.”

A palestrante, disse o meu interlocutor, informou ainda que arborizar zonas urbanas de cidades proporciona inúmeros benefícios, como por exemplo: Conforto térmico associado à umidade do ar e à sombra, melhora o microclima com o equilíbrio da temperatura através da sombra e da evaporação.

Embelezamento da cidade proporcionando prazer estético e bem-estar psicológico, propiciam a quebra da monotonia da paisagem arquitetônica da cidade.

Melhora da saúde física e mental da população, proporciona o aumento da umidade relativa do ar, a despoluição das cidades, além do apelo ornamental.

Encerrando, a palestrante informou que: “Cada município é responsável pelo planejamento e gestão da arborização urbana, devendo disponibilizar técnicos e agentes ambientais habilitados, para fiscalizar os problemas decorrentes do plantio, poda ou retirada indevida, assim como promover a educação ambiental dos cidadãos, levando até os mesmos informações pertinentes quanto a valorização e proliferação das árvores na cidade.”

Bem, o papo estava muito agradável, tinha ouvido e recebido verdadeira aula sobre a Acácia Amarela e seus benefícios para os bem-estar das populações.

Agora tinha conhecimento que existia no país uma Confraria Feminina formada por 80 mil mulheres, que realizam um trabalho altamente relevante em prol de um meio ambiente saudável e sustentável, verdadeiras guerreiras da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Despedi-me do amigo ocasional que encontrei nas minhas andanças daquela noite maravilhosa e prosseguindo minha jornada passei por outras cidades, ruas, avenidas e estradas, até chegar num litoral banhado pelo Oceano Atlântico, onde pensei em entrar no mar.

Mas, foi tudo um sonho, acordei.

suas vidas? Quando o pelotão finalmente encontra o soldado, ele devastado com a notícia da perda dos irmãos, não quer voltar para casa, preferindo continuar lutando. Acontece que vários soldados morreram para que ele pudesse ser salvo.

No filme, o comandante do pelotão, o ator Tom Hanks, baleado, encostado numa mureta, encontra o soldado Ryan, ocasião em que o capitão, antes de morrer, segura o jovem pelos colarinhos e diz para ele: faça por merecer.

Será que depois de tudo que passaram nos nossos ancestrais, com toda dificuldade, resiliência, sacrifício para criar os filhos, para que eles também pudessem criar os seus próprios filhos e assim por diante, até chegar em você, nós fazemos por merecer a nossa existência, a nossa vida? No mínimo devemos honrar o que fizeram por nós.

O que mãe, pai, avô, bisavô fizeram para colocar comida na mesa, nos mantiveram vivos. Sofreram suplícios inimagináveis, andando quilômetros para pegar o transporte para trabalhar à noite, sem dormir, atravessando o oceano em um porão de um navio, sendo maltratados e humilhados, nunca desistindo dos seus.

Faça por merecer.



tempo de estudo

O PROCESSO SINDICANTE NA MAÇONARIA – II

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Ao ser publicada a 1ª parte deste artigo em dezembro de 2021, encerrei aquele texto da seguinte forma: “Já vimos Grãos Meistrados e Lojas, no afã de recuperar a evasão crescente que vem ocorrendo com o passar dos anos, estipular até metas de ingresso de novos maçons. A entrada de novos membros na Ordem é mais importante no sentido de oxigenar os quadros das Lojas, do que simplesmente aumentá-los. Por isso a importância de um processo de sindicância bem conduzido, que já começa com uma boa indicação observando-se o que dissemos acima; a escolha dos sindicantes e o cumprimento de todos os passos estipulados nas normas que regem esse tema nas respectivas Potências. Não se deve ficar pulando etapas, suprindo exigências e tal, conforme veremos na segunda parte deste material. A pressa e aqodamento geram invariavelmente a ineficiência no processo, como a perda de qualidade e apenas aumento de quantidade.”

Agora veremos tecnicamente, mas em apertada síntese, como poderemos recuperar a seriedade e sermos mais eficientes nos processos e consequentemente nas escolhas. Só serão expressos os textos dos normativos que regem o tema, quando sua compreensão for incontestavelmente cristalina, apenas lhes digo que a base foi a Constituição da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás – GLEG e seu respectivo Regulamento Geral e tudo respaldado do R\ E \A\ A\.

O processo de sindicância é tão importante que no Regulamento da Grande Loja, Artigo 97, diz: “Será responsabilizado, pelas leis maçônicas, o apresentador, o sindicante e o maçom que prestar informações incorretas sobre o candidato, por negligência, imprudência, dolo ou má-fé.” Isso quer dizer que todos os elencados acima podem responder por atuarem em desacordo com as normas e é claro pela falta de diligência (zelo) na condução do processo. E vou mais além, não só àqueles tem responsabilidade no processo, todos os obreiros da Loja também tem.

Temos visto muitas indicações, realizações de sindicâncias e até as votações serem feitas de modo aqodado, sem o devido cuidado e critério e sem efetivamente uma avaliação devida. Já vimos casos até de candidatos aprovados com um formulário de sindicância copiado na véspera da colocação de votações, entre outras situações no mínimo estranhas. Com esse comportamento, digamos, descuidado, quem perde no futuro é a própria Ordem, com ingresso de candidatos despreparados, sem condições de manter-se economicamente atuante e gerando o aumento da evasão. A necessidade de sangue novo na Ordem não pode ter o condão de acobertar estes tipos de práticas. Possa ser que até exista boa vontade por parte dos que assim agem, mas com certeza está errado.

A Sindicância já começa na indicação do candidato por um Ir\ M\ M\ da Loja, conforme textos normativos, da seguinte forma: “A proposta de iniciação pressupõe apresentação por mestre-maçom do quadro de obreiros, exigindo-se do candidato, além de ser homem livre e de bons costumes, ter idade mínima de

dezoito (18) anos: I – a crença em um princípio criador; II – o pleno gozo da capacidade e dos direitos civis; III – não professar ideologia contrária aos princípios da maçonaria Universal; IV – renda lícita suficiente para cumprimento dos encargos maçônicos sem sacrifício de sua subsistência ou de sua família.”

A indicação por um M\ M\ já deveria ter o condão de diminuir eventuais distorções que ocorrem com o candidato após a sua iniciação. O M\ M\ deveria estar preparado para fazer suas análises, e alertar o candidato, sobretudo, do que prevê a Constituição e Regulamento que o impõe dele ter “renda lícita suficiente para o cumprimento dos encargos maçônicos, sem sacrifício de sua subsistência ou de sua família”.

O M\ M\ que está indicando não precisa adiantar todos os nossos direitos e deveres como maçons, mas também deve informar ao candidato, a parte mais sensível que trata dos deveres perante sua Loja: “manter suas obrigações financeiras e a frequência assídua” Ou seja, ele deve falar ao candidato das obrigações financeiras que ele vai ter com sua iniciação e depois ao adentrar a Ordem, bem como informar-lhe da sua obrigatoriedade de frequência, e de que a Loja funciona semanalmente no dia X. Assim o candidato não poderá alegar depois que não foi avisado ou alertado. Um candidato pode ser convidado por um Ap\ M\ ou Comp\ M\, desde que um M\ M\ encampe essa indicação e ele o faça por aqueles.

O formulário de proposta preliminar é onde o M\ M\ após uma primeira análise, com observações prévias e conversas, faz o convite e após a aceitação faz o preenchimento. Ele deveria ao final fazer uma breve síntese para apoiar a indicação do candidato, sobretudo, porque muitas das vezes o M\ M\ não está presente na sessão de deliberação da proposta, sendo essa presença de suma importância para poder melhor balizar os II\ que irão deliberar sobre a proposta preliminar.

Essa proposta será deliberada de acordo com a Constituição, Art. 67 e Art. 90 do Regulamento. Essa deliberação será em escrutínio secreto. 3 (três) ou mais votos contrários, implica rejeição à proposta preliminar. O que tenho observado é que esta proposta preliminar tem sido deliberada todas as vezes com votação aberta, o que, é um erro que se tem cometido. Se for para não atrasar o andamento dos trabalhos da sessão, que sejam colocados menos temas na Ordem do Dia.

A sequência teleológica é após esta primeira aprovação levar ao conhecimento do candidato e de sua esposa ou país, se for o caso, o formulário “mensagem ao candidato” onde neste documento claramente é dada mais uma vez ciência ao mesmo e também à sua esposa/companheira ou país, se solteiro, das necessidades requeridas para ser maçom e de que tem um processo em tramitação para sua possível iniciação.

Junto com essa Mensagem ser-lhe-á pedido toda a documentação necessária e o preenchimento do questionário. Isso tudo está prescrito no Art. 92 do Regulamento da GLEG. E que após a entrega da documentação e do questionário, o Art. 93 assevera:

“Devidamente instruída, a proposta será apresentada à Loja para ser discutida e votada na Ordem do Dia da próxima sessão. Parágrafo único. Sendo aprovada, por maioria simples dos membros presentes, terá prosseguimento; se rejeitada os documentos serão devolvidos ao candidato.” Vejam que aqui é outro rito de deliberação e votação, não é em escrutínio secreto e basta a maioria simples dos presentes. Na sequência, somente agora, o Art. 94, dá o comando para após a autorização dada pela Loja sejam expedidos os Editais de Sindicâncias a pelo menos 30(trinta) Lojas Có-irmãs e o V\ M\ expedirá ordem de sindicâncias, no mínimo a 3(três) sindicantes escolhidos que devem ser M\ M\ que terão um prazo de 30 dias para devolver as sindicâncias, sob pena de responsabilização, de acordo com Art. 95 também do Regulamento.

A partir daqui é que começa a sindicância estrito senso, onde o sindicante vai aferir se as informações prestadas pelo candidato não são contraditórias, vez que ele vai analisar com base no que já sabe e, também, por força do Art. 96, que diz: “O sindicante deve examinar, criteriosamente, se o candidato possui condições morais, intelectuais e econômico-financeiras para pertencer à Ordem.”

Durante a sindicância estrito senso que deverá ser com contato pessoal e não telefônico, via email ou whatsapp, o sindicante, em suma, trará ainda mais embasamento para que no dia do julgamento se possa ter uma votação mais tranquila e apoiada pelas informações bem extraídas. O sindicante poderá dizer ao candidato de nossas principais obrigações e deveres e do comportamento que esperamos do mesmo dentro da Ordem e fora dela. Se for possível ao sindicante observar as condições de sanidade da família e do trabalho do candidato, melhor ainda. Por isso é interessante que entre os 3(três) sindicantes, se possível, que pelo menos 1(um) vá ao trabalho e outro à residência.

Essa é a sequência lógica a ser percorrida, mas o que se vê é que tudo é feito ao mesmo tempo, que todos os documentos e praticamente todos os pedidos são levados ao candidato de uma única vez. Vejam que os Editais são expedidos às Lojas, de acordo com o Art. 94, e tem informações que somente no questionário às encontraremos, então o questionário deve vir antes junto com a documentação para aprovação.

Então somente após a volta de 3(três) sindicâncias em 30 (trinta) dias e do retorno de metade dos Editais enviados às Lojas, o V\ M\ levará o processo para julgamento na Ordem do Dia, conforme Art. 99. Colocada na Ordem do Dia, prescreve o Art. 100 que o julgamento será realizado em escrutínio secreto, após deliberação dos membros do quadro e ouvido o Orador. Será aprovado então, plenamente se 100% forem os votos a favor; simplesmente se 2(dois) forem os votos contrários e reprovado se 3(três) ou mais forem contrários.

Perceberam que no processo sindicante há 3(três) deliberações de votação em Loja? E neste diapasão o candidato é sondado e avaliado desde o seu convite até esta última deliberação. Se todos os cuidados forem adotados, em suma, não era para termos tantos problemas, e uma evasão tão grande de nossa Ordem. Portanto, meus II\ a tarefa de indicação e posterior acolhimento de candidato na Ordem é de todos e o Sindicante tem papel fundamental neste processo, por isso ele tem de ser feito com zelo e dedicação. Se o V\ M\ o escolher como sindicante e você achar que não tem tempo, não está em condições no momento de fazer, diga, é melhor a sinceridade do que o mal trabalho. A Ordem agradece.

Joaquim Neto herda de seu avô, Filadelfo Borges de Lima, o gosto pela escrita em crônicas

crônica

QUEM É O VENCEDOR?

Joaquim Neto* | Colaborador

“E inicia-se a batalha / Há muitas perdas, mas me conte: quem venceu? / Trincheiras cavadas dentro de nossos corações / E mães, crianças, irmãos e irmãs separadas”
Sunday, Bloody Sunday, U2 (banda irlandesa).

Lavouras dizimadas; cidades devastadas; economias arruinadas; escolas em chamas; mães chorando pelos filhos mortos; crianças amputadas brincando por entre ruínas de prédios derrubados por bombas; cães disputando com urubus os restos de corpos sem covas para serem enterrados. Lágrimas, medos, insônias, desesperos, saudades. Estes são os resultados negáveis das guerras. A guerra é o atestado da maldade humana.

A guerra, presente em todas as épocas, em todos os lugares, em todos os povos, escancara a ignomínia do ser humano. Nada justifica a guerra. Não há

vencedores em uma guerra, porque todos os envolvidos já estão derrotados.

Onde está a glória da guerra? Em se matar o semelhante? Em acumular riquezas com o sofrimento do adversário? Em conquistar territórios sobre cadáveres? As religiões deveriam semear a paz, não alimentar a guerra; as religiões deveriam espalhar o amor, não disseminar mensagens de ódio; as religiões deveriam carregar estandartes de misericórdia, não levantar armas contra o próximo. Nós devemos ser semeadores da paz. “Bem-aventurados os pacificadores...”



artigo

O PAPEL DOS MAÇONS NA RECONSTRUÇÃO DO BRASIL

Adolfo Ribeiro Valadares | Cadeira nº 07

Os milhares de maçons da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás retornam aos trabalhos em nossas lojas esta semana. Nas sessões em que todos os irmãos comparecem para congregar em uma fraternidade que tem por princípio primordial trabalhar pelo bem estar da pátria e da humanidade, estarão em debate diversos assuntos que precisamos abordar para darmos nossa contribuição na construção de um mundo mais justo e fraterno.

A alegria que teremos em reencontrar os irmãos após o recesso de final de ano, em que muitos aproveitam para tirar merecidas férias com seus familiares, é sempre motivo de conagração e de reavivamento de nossa amizade fraternal. Invocamos sempre os princípios inscritos no Livro Sagrado, principalmente no que se norteia a agradável e gratificante vivência como verdadeiros irmãos.

Dando prosseguimento ao trabalho ao qual nos propomos de contribuir para o engrandecimento dos indivíduos e pelo propósito de sermos construtores de uma sociedade em que a igualdade não seja uma utopia, esperamos que a fraternidade seja praticada com bondade e que a liberdade seja uma dívida conquistada a cada dia pela população encarando os desafios com grandeza de espírito. Sabemos das dificuldades que nossa nação atravessa e dos dissabores que precisamos enfrentar para superarmos essas adversidades.

Nossa gente está sofrendo em virtude de inúmeros desacertos e da falta de responsabilidade de alguns gestores públicos. O noticiário é farto em nos dar conta do quanto a crise econômico-financeira provoca tristeza e empurra tantos brasileiros para o desemprego, para a necessidade e causa desesperança.



opinião

IMPrensa MAÇÔNICA – III

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Continuando nossos comentários a respeito da Imprensa Maçônica praticada aqui no Brasil, encontramos em nossa Biblioteca alguns exemplares da Revista MINERVA MAÇÔNICA – publicação cultural do Grande Oriente do Brasil, fundada e iniciada sua circulação em junho/julho de 1997 – Ano I – nº O, onde, na Apresentação o Irmão José

Castellani, Secretário Geral de Educação e Cultura do Grande Oriente do Brasil, escreveu: “Meta do Grão Meistrado e da Grande Secretaria Geral de Educação e Cultura, dede o início da administração Francisco Murilo Pinto, Minerva Maçônica, revista cultural do Grande Oriente do Brasil, finalmente se torna realidade, para, ao lado d’O Esquadrão, órgão político-social da Obediência, completar a obra de esclarecimento doutrinário e científico aos maçons brasileiros”. Continuo: “Mais um de uma série de passos rumo à tal revitalização da cultura maçônica do Grande Oriente do Brasil, este pretende incentivar o hábito da leitura, criando condições para a organização de um Clube do Livro Maçônico, que edite

obras de real interesse para a comunicação maçônica brasileira, colocando o interesse cultural acima do comercial.

Imaginar e idealizar depende do voo da mente. Conseguir e concretizar depende da dura realidade destes nossos dias de constantes agressões à cultura, à crítica e à moral. Acreditamos, porém, ainda, que a Maçonaria é, apesar dos percalços, reserva de todas essas virtudes humanas, podendo contribuir para que a espécie humana possa, realmente, ser rotulada como racional, sem que isso pareça um insulto aos demais animais, que só matam, espoliam e tocaiam em defesa de seu território, ou para conseguir o seu nutrimento; mas nunca por simples crueldade, por rapinagem, ou por paixões, como fazem os “racionalistas”.

“Eis, pois, Minerva Maçônica. A sorte está lançada!”.

O Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, Francisco Murillo Pinto, na oportunidade, disse: “De há muito esperávamos por ela. Com alguma ansiedade. Eis que ela nasceu, finalmente, para celebrar o 175º aniversário de fundação do Grande

A sabedoria milenar nos ensina que o que é plantado será colhido. Assim, se semearmos respeito mútuo, cumprimento da legalidade e distribuirmos bondade e tolerância haveremos de sermos igualmente respeitados, tratados dentro da legalidade e tolerados em nossas asprezas.

O Brasil anseia por quem semeie amor e bondade. Nossa população quer superar as dificuldades e não aceita mais abdicar da liberdade. Os exemplos que a história nos mostra de desrespeito à legalidade e à liberdade provocam sempre muita dor, sofrimento a todos e a desagregação das nações. O que exortamos a todos os brasileiros é para que a reconstrução de nossa nação siga o seguro caminho da legalidade e do respeito à liberdade de cada um. Nós, maçons, estivemos na vanguarda de todos os movimentos sociais em que o Brasil necessitou. Jamais nos furtamos a dar nossa contribuição primeira para a edificação de uma nação bondosa e fraterna. Agora, é imperioso que sejamos a luz verdadeira e bondosa a guiar os milhões de brasileiros para a concórdia, a harmonia e para a fraternidade.

E essas soluções precisam ser revestidas de um verniz capaz de abrilhantar o bem que almejamos para toda a população. Nosso amado Brasil sofreu muito para construir a democracia e precisamos ter norte que fora da edificação democrática não haverá condição para a reconstrução fraterna do País. Nesse sentido precisamos fortalecer as instituições e acreditar que somente com o trabalho, união e fraternidade poderemos recolocar o Brasil no rumo do progresso e do bem estar coletivo.

Nenhuma solução passa pela ruptura democrática e fora da legalidade não há chance de distribuir paz, harmonia e concórdia. Assim, os maçons precisam dar exemplo de que respeito às leis e às instituições compõe um dos pilares firmes onde se assentará a cidadania e a democracia.

Oriente do Brasil. Estou certo de que ela veio para ficar. Ao lado do Boletim Oficial, mais que centenário, ao lado de O ESQUADRÃO, nosso jornal mensal de notícias e comentários, acaba de nascer a mais nova, a caçula das publicações gobianas, a revista de cultura oficial de nossa Obediência. Como Grão-Mestre Geral, anuncio-vos, confesso que imbuído de certa vaidade, o lançamento, com esta edição de número zero, da revista A MINERVA, destinada a atender a vocação cultural e educacional do GOB”.

Na primeira edição, vários temas de grande importância para nós Maçons foram publicados, entre os quais destacamos:

1 – “Política Regionalista – Mercosul, didaticamente falando, do irmão João Guimarães, membro da Academia Maçônica de Letras do Brasil – Cadeira Nº 05 e da Academia Maçônica de Letras do Distrito Federal – Cadeira Nº 30”;

2 – “História da Maçonaria – A Idéia de Revolução no Brasil: A Conspiração dos Alfaiates e a Maçonaria, do irmão Frederico Guilherme Costa, membro da Loja de Pesquisas Maçônicas do Grande Oriente do Brasil”;

3 – “Colaboração Internacional – ORIGENS – irmão José Schlosser – P.M. da Loja Simbólica La Fraternidade Nº 62 de Tel Aviv – Israel”;

4 – “MAÇONARIA: Educação, Trabalho e Cidadania, do irmão Antônio René Iturra, Mestre Maçom da Loja Fênix de Brasília”;

5 – “O LIVRO DA LEI, do irmão Raul Ferreira da Silva – Grande Secretário Geral de Relações Maçônicas Adj. do GOB”;

6 – “RIOBALDO E A CONDIÇÃO HUMANA – irmão Pantaleão Soares de Barros – Juiz do Tribunal de Justiça do Poder Central e Membro da Loja Estrela de Brasília”;

7 – “OS SEGREDOS DOS CONSTRUTORES – irmão Alberto Ricardo Schmidt Patier, da Loja Miguel Archanjo Tolosa, Redator Chefe do Jornal EGRÉGORA e Membro das Assembléias Maçônicas de Letras do Distrito Federal e do Brasil” e muitos outros.

O último exemplar da Revista MINERVA MAÇÔNICA que me chegou as mãos, é a edição Nº 09, Nov/Dez/Jan-2000/2001 sem nenhuma explicação a respeito do encerramento de suas atividades, pois conforme o Editorial, datado de 31/01/2001, com o título LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE, Castellani escreveu: “eis a trilogia que governa o trabalho maçônico e constitui os fins supremos da Sublime Instituição, e segundo está explícito no Artigo 1º da Constituição do Grande Oriente do Brasil, incorporada aos ideais da Ordem desde meados do século dezanove, guarda até o dia de hoje o vigor principal de um brado apaixonado”, portanto sem nenhuma referência ao término de suas publicações.

(Continuaremos na próxima edição)



artigo

QUILOMBOS EM GOIÁS – I

Gleisson Ferreira | Colaborador

Goiás está inserido na historiografia oficial como área de mineração em que o aquilombamento se verificou em quase todos os arraiais, pois segundo Luiz Palacin, em Goiás não havia arraial sem a sombra de um quilombo. (PALACIN, 1972)

A presença negra em Goiás remonta ao bandeirismo, mas é a partir da descoberta dos primeiros veios auríferos, com a fundação dos primeiros arraiais que ela se intensifica, uma vez que o braço negro escravizado era o responsável pela extração do ouro que enriquecia os senhores.

Dessa maneira a região da antiga sesmaria de Lavrinhas de São Sebastião (atualmente situada no município de São Luiz do Norte e à época pertencente ao Julgado de Pilar), iniciada em 1776 com numerosa escravaria, não foge a esse contexto. Tal comunidade dispõe de elementos históricos que a caracterizam como conhecida comunidade negra remanescente de quilombo e na atualidade reivindicam essa ancestralidade.

Embora tenha sido conhecida comunidade negra remanescente de escravos/ quilombos no passado, nenhum trabalho de pesquisa acadêmica foi realizado tendo as Lavrinhas como objeto ou com uma abordagem histórica, o que confere originalidade ao nosso trabalho.

Assim, nesse trabalho, apresentamos os principais estudos sobre a temática dos quilombos e da resistência negra em Goiás com base em uma tríade conceitual que ajuda a entender a formação dos quilombos no Brasil, e de forma particular em Goiás: escravidão, violência e resistência. Buscando também assim elementos históricos relacionados a Lavrinhas de São Sebastião onde a violência da escravatura se fez presente e a resistência negra também se verificou.

A violência da escravidão e a formação dos quilombos em Goiás

Segundo Clóvis Moura, em “Quilombos: resistência ao escravismo”: “Quilombo era, segundo a definição do rei de Portugal, em resposta à consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740, “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Dessa forma, no Brasil como em outras partes da América onde existiu o escravismo moderno, esses ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro escravo às condições desumanas e alienadas a que estava sujeito”. (MOURA,1987. p.11)

Dessa forma, a partir de 1740, o entendimento legal sobre “quilombo” (isto é, já que a escravidão possuía estatuto jurídico) através de representante administrativo colonial, em resposta régia, passa a ter determinados critérios, a saber:

FUGA: A existência de um quilombo dependeria primeiramente desse fator desafiador da escravidão, para formar “toda habitação de negros fugidos”. HABITAÇÃO: O fator habitação é muito importante e denota certa

contradição. Já que o quilombo era “toda habitação de negros fugidos”, a inexistência de ranchos desabilita o quesito habitação, que mais apropriadamente deveria representar “refúgio”, uma vez que o número de indivíduos que compusessem o “quilombo” era mais representativo do que a própria existência de abrigo construído.

LUGAR ESPECÍFICO: “em parte despovoada”. Isso significa que a condição de lugar ermo, sem habitantes legais, isto é, não fugitivos, que os pudessem delatar e, onde se poderia viver sua liberdade à revelia da lei, configura mais um critério de identificação de um quilombo.

AUTOSUFICIÊNCIA: Este último fator é revelado pela questão da existência ou inexistência de um primitivo moinho ou instrumento de triturar conhecido em todo o país e até poucas décadas atrás ainda presente em quase todas as casas camponesas; o pilão. Como consta: “(...) nem se achem pilões neles”. O pilão indicaria a autossuficiência de tais grupos, que poderiam processar os grãos por eles mesmos produzidos, para seu sustento cotidiano. Mas o fator decisivo visa exatamente a inexistência desse instrumento, como prova de autossuficiência, que encontrado junto a essas habitações, poderia representar certa prosperidade, o que afrontaria as autoridades.

Nos séculos XVII e XIX, viajantes europeus, em suas crônicas, fizeram ligeiras abordagens Sobre o negro em Goiás. Trabalhos que dedicaram maior atenção ao tema, em Goiás, surgem com Zoroastro Artiaga e Artur Ramos, por volta de 1950. O primeiro com o livro “História de Goiás”, no qual dedica um capítulo à “História da extinção da escravatura”. O segundo com o livro “Antropologia do Planalto Central”. (SILVA,2009)

A partir das décadas de 1960 e1970 surgem trabalhos de pesquisadores dedicados a temática, como Luiz Palacin, Maria Augusta de Santana, Gilka Salles e, Martiniano José da Silva que dedicou dois trabalhos à questão dos quilombos, como: “Quilombos do Brasil Central” e “Sombra dos quilombos”, trabalho pioneiro na exploração do tema. Trabalhos posteriores como “Kalunga: povo da terra” e “Negros do Cedro”, de Mari de Nasarê Bairoche, acrescentam grande contribuição ao estudo sobre o negro em Goiás, ao pesquisar comunidades remanescentes de quilombos como Kalunga, no Norte e, Cedro, no sul do Estado. Segundo Luiz Palacin, em: “Goiás 1722/1822: Estrutura e conjuntura numa capitania de minas”, a dureza do trabalho, a falta de cuidados à segurança para sua realização na mineração nos rios, doenças decorrentes dessa exposição e de diversos outros fatores, além dos maus-tratos dos senhores, da má alimentação e vestimenta... levaram às fugas que constituíram as formações de quilombos em Goiás. Baseado em informações constantes da correspondência oficial, o autor explica que:

“A brutalidade desta vida cercada por todos os lados é que empurrava o escravo a fugir para os quilombos. Assim o

interpretava o governador Conde dos Arcos. Respondendo a uma consulta régia sobre (sic) o castigo que devia impor-se aos fugitivos recapturados, lançava a responsabilidade da fuga sobre os próprios donos: “A maior parte desses cativos fogem porque os donos não os sustentam e os não vestem e os não tratam com o amor e caridade devida, tanto na saúde como na enfermidade que são obrigados, e, além de os tratarem mal pelo que respeita ao sustento e vestido, fazem-lhes mil sevícias (sic) de rigorosos e inauditos castigos.” (PALACIN, 1972. P. 92)

Goiás, formado como área de mineração explorada pela força do braço escravo, insere-se numa economia cujo fim era o esgotamento tripo: das forças do cativo, primeiramente; das próprias minas, depois; e por fim, da vontade e persistência dos exploradores. O primeiro tipo de esgotamento leva às fugas para os quilombos. O segundo, ao aumento das pressões oficiais por produção e, conseqüentemente, da maior tentativa de exploração do produto e do trabalho escravo, gerando mais fugas, algumas quiçá incentivados pelos próprios senhores, desejosos de escaparem à oneração da atividade, imposta pela metrópole através de taxas e impostos, e, por fim, o terceiro tipo de esgotamento, o da vontade, leva os senhores de grandes extensões de terra a abandonarem suas propriedades e a buscarem novas paragens ao esvaziamento dos arraiais e à conhecida história da decadência de Goiás. Com respeito à brutalidade da vida dos escravos nas áreas de mineração, cuja vida útil não passaria de 12 anos e, aos maus-tratos e sevícias de toda ordem a que eram submetidos pelos senhores, Palacin considera que:

“Se a existência de quilombos implica maus tratos para o escravo, em Goiás constituem um testemunho impressionante. Somente (sic) durante o governo (sic) de D. Marcos de Noronha, há através de sua correspondência, notícias de medidas tomadas contra quilombos em Tocantins, Arraiais, Meia Ponte, Crixás, Paracatu, Três Barras, todos os caminhos do norte de Minas; na mesma capital, tanto nos morros de levante como nos do poente, se encontravam refúgios, a pouco mais de um tiro de pedra; contudo o caso mais perigoso destes anos, foi a conjuração dos negros de Pilar, escravos e calhambolas, para assassinar toda (sic) a população branca, aproveitando o bulício das festas de Pentecostes.”(PALACIN, 1972. p 93)

Analisando a violência e dureza da escravidão nas áreas de garimpo em Goiás, relacionada à existência de quilombos, como relatava o próprio Conde dos Arcos, Palacin afirma ser particularmente impressionante essa realidade em Goiás, onde praticamente todos os arraiais teriam quilombos em suas proximidades, inclusive a própria capital. Esses dados explanam a peculiaridade da realidade da violência sofrida pelo escravo em Goiás, dando-nos uma ideia de sua dimensão.

Um fator extremamente dessa realidade é verificável na informação sobre uma conjuração negra em Pilar de Goiás, reunindo escravos e quilombolas que, aproveitando-se de uma ocasião de festa, matariam todos os brancos do arraial. Testemunho que indica a existência de um ódio dos negros do arraial por seus senhores e demais brancos, com justificado motivo, inclusive na documentação oficial: os maus tratos de que eram vítimas.

Se a vida do escravo era dura no eito, levando às fugas, a violência da recaptura e das ações contra os quilombos alcançava maiores patamares:

“As medidas contra os negros dos quilombos eram duras e se aplicavam à risca. o negro prêsso (sic) pela primeira vez era exibido pelas ruas do arraial, levado à presença do juiz que o sentenciava sumariamente (sic) em flagrante: a sentença incluía ser açoitado publicamente pelas ruas, depois conduzido à praça onde era marcado com ferro em braça com um F nas espáduas, por fim atirado na cadeia que às vezes (sic) ia até três meses. Para o relapso, a provisão de 6 de março de 1741 estatua (sic), além destes (sic) castigos, que se lhe cortasse uma orelha. A terceira tentativa ordinariamente (sic) pagava com a vida.” (PALACIN, 1972. p. 93)

Tais medidas violentas eram tomadas no intuito de coibir novas fugas entre os negros através do terror caudado àquele que, a título de exemplo, eram obrigados a assistir essas punições. Medidas essas que sabemos, contudo, não terem sido efetivas, dada a proliferação dos quilombos durante tais períodos. A ineficácia dessas medidas talvez se assente no “fiel da balança” do escravo que já experimentara todas as agruras da escravidão, sistema no qual a própria vida não lhe pertencia. Como punir com a dor e com a humilhação quem com isso convivia todos os dias? Como coibir a fuga a quem via nela o alívio para suas dores, a realização de sua vontade, mesmo que temporariamente? Como amedrontar com a morte quem não tinha arbitrio... a quem nem a própria vida lhe pertencia?

Esses questionamentos podem dar-nos uma ideia dos questionamentos conjecturais de qualquer indivíduo colocado em tais condições, independente da cultura à qual pertença, independente de “ter nascido escravo”, pois a liberdade é algo indissociável da natureza humana, não por teorização filosófica, qualquer que seja, mas pelo sentimento natural de agir segundo sua vontade.

A existência de quilombos faz surgir a figura do “capitão do mato”, indivíduo designado para a captura de negros fugidos; tinha salário pré-fixado e porcentagem por produção (às custas dos proprietários) isto é, número de indivíduos capturados. O capitão do mato era investido dos poderes máximos para a execução de sua tarefa, acompanhada de violências e injustiças diversas. Exemplo disso:

“Em 1773, determinava o governador José de Almeida, para combater o surto dos quilombos, que o capitão do mato não poderia ser incriminado por matar ou ferir os negros cativos, se não constasse expressamente a “virulência”, assim como não poderia sofrer embargo de seu pagamento, quaisquer que fossem suas dívidas. A aceitação social sem nenhuma reserva, de seu modo de vida manifesta, mais que qualquer outra coisa (sic) a falta completa de questionamento sobre a justiça da escravatura.” (PALACIN, 1972.p.94)

Em relação à forma de atuar, Palacin estabelece uma relação entre o capitão do mato e o caçador de recompensas do folclore norte-americano, sobretudo no tocante à aceitação social de sua função. Mas o que impressiona mais, no tocante ao tratamento que os governantes davam à questão é o “juízo” (referente a isso) de pessoa de elevado senso de moral e justiça como o Conde dos Arcos (D. Marcos de Noronha) e o governador D. José de Almeida Vasconcelos:

Continua na próxima edição...



opinião

IRMÃO VOTA EM IRMÃO?

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

Em momentos de efervescência política, esse tema sempre volta às discussões nas reuniões das Lojas Maçônicas: Irmão vota em Irmão. Vejamos em que condições a afirmativa é válida, para não ser ferramenta de manipulação política pessoal ou partidária, na Maçonaria.

Tudo o que acontece em um determinado momento é resultado de atividades pessoais, institucionais e sociais interrelacionadas em uma unidade inseparável. Os acontecimentos ou fenômenos não acontecem isoladamente: são históricos e culturais.

Por exemplo: quando o bebê nasce, ele começa a aprender o conhecimento que o ambiente lhe oferece, desde os primeiros contatos com o mundo. E interfere no ambiente com as suas atividades, na relação com as outras pessoas, com a sua presença nas instituições a que são levadas a transitar, como o seu lar, a sua família, as igrejas etc., em sociedade. Aprende a falar, modificando-se e desenvolvendo-se e com a fala modifica e desenvolve os outros, as instituições e a sociedade.

A troca de conhecimento e de informações acontece em vários níveis e locais. Não é privilégio da escola ou das universidades, onde ele nasce das pesquisas científicas e constrói a tecnologia e o desenvolvimento econômico-social. Os processos pedagógicos e educativos também se dão no interior das instituições como os sindicatos, as associações, as cooperativas, as igrejas, as lojas maçônicas, os partidos

políticos etc., ou mais informalmente, ainda, no contato direto das pessoas com a realidade.

Nesse sentido, todo o processo de desenvolvimento pessoal, institucional ou social tem um componente político: a polis ou cidade é o ambiente que a pessoa sente mais próximo. Mas o jogo de poder na polis transcende o seu ambiente geográfico e social: é influenciado e influencia o conjunto de forças estaduais e nacionais.

Por relações de forças políticas, entendemos todas as relações que acontecem na vida das pessoas, que afetam as pessoas. Desde as tradições familiares ou religiosas, até as políticas públicas governamentais para a saúde, para a educação, para a segurança e outras.

Daí a afirmação de que todos somos seres políticos: vivemos a vida da polis. Podemos, inclusive, participar da política construída a partir da instituição partido político, votar e ser votado, como candidatos.

A nosso ver, a afirmativa “Irmão vota em Irmão” é válida para as candidaturas de irmãos que passaram pelo debate democrático e aprovação da Loja. Se houve o debate, mas não houve a aprovação explícita da instituição maçônica, os Irmãos se sentirão livres para a escolha dos seus candidatos.

Por isso mesmo, o Venerável deverá convidar os candidatos, Irmãos maçônicos ou não, para o debate saudável e a apresentação dos seus programas políticos. A Loja Maçônica é



universalista: tem em seus quadros Irmãos de diferentes partidos políticos e tradições religiosas.

Se o Irmão assume uma candidatura sem que esta emerja do interior da Loja, possibilita a liberdade de escolha pessoal de cada Irmão. Em igualdade de condições dos candidatos, a preferência do voto será pessoal e secreta. A não ser que o Irmão deseje torná-la pública, em Loja.

No caso de tornar explícito o seu voto, o Irmão deverá ter o cuidado de respeitar a opinião e a preferência dos outros Irmãos. O caráter maçônico expresso no lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” estará manchado se o debate se tornar vulgar, como acontece frequentemente no campo da política profana, com acusações não comprovadas, maledicências, ironias, “brincadeiras” que apresentam o preconceito estrutural em si mesmas.

O Irmão candidato à política profana que estiver em cargos de diretoria na Loja, deverá pedir o seu licenciamento do cargo. Em situação

alguma, a Loja Maçônica poderá ser usada como trampolim para a resolução de interesses pessoais ou partidários. A não ser que a Loja tenha escolhido esse caminho. Os interesses e necessidades coletivas serão sempre prioritários.

Assim, os candidatos deverão revelar conhecimento em seus programas e falas, com base em estudos cuidadosos da economia, das necessidades humanas não satisfeitas no campo da assistência social, da saúde, educação e segurança públicas, por exemplo.

Espera-se dos maçons uma posição esclarecida e atitudes que ofereçam à comunidade opções e possibilidades de escolha política que não esteja pautada apenas pelas artimanhas do marketing e da propaganda política.

Desse modo, a Maçonaria estará exercendo o seu papel de instituição que promove o progresso real, a humanização da humanidade, a melhoria da qualidade de vida das pessoas, uma vida digna de ser vivida em sociedade.

observarmos nossos templos, veremos quantos mestres antigos ainda não passaram pela verdadeira transformação que a maçonaria se propõe a fazer em cada um de nós, ou seja, é preciso querer para conquistar essa graça.

Sempre que iniciamos nossos trabalhos e abrimos os L.'. da L.'. no altar, um portal celestial e simbólico se abre e a escada se apresenta aos olhos espirituais de cada um de nós, abrimos um canal de comunicação com as hostes celestiais e buscamos durante nossos trabalhos a nossa evolução maçônica, por isso que dizemos que nosso templo é sagrado, não no sentido de religioso da palavra, mas no sentido espiritual, de possibilitar a evolução e por isso devemos sempre cuidar da egrégora de uma sessão maçônica. Assim sendo, podemos aferir que estando com a loja aberta, nós estamos em contato com o celeste, com o plano superior, e pela nossa evolução, conhecimento, discernimento e espiritualidade, poderemos ver e ascender nessa escada simbólica.

Por fim devemos entender que o que nos permite efetivamente subir nela, a escada, não é a mudança de grau, mas a mudança de atitude frente ao conhecimento que se adquire, a transição do material para o espiritual/moral que cada grau nos permite aprender. Na iniciação, elevação e exaltação maçônica usamos um ritual para nos lembrar que todo processo de conhecer é um processo de transformação, de renascer, de ser novo mesmo estando velho, daí a grande responsabilidade daqueles que preparam uma cerimônia dessas, pois eles serão os instrumentos dessa transformação.

Que a autêntica fé (cruz), a mais viva esperança (âncora) e a fraterna caridade (cálce) nos conceda a possibilidade de subir espiritualmente nessa escada em direção ao Grande Arquiteto do Universo.



tempo de estudo

ESCADA DE JACÓ – ASCENSÃO E EVOLUÇÃO

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 39

“E chegou a um lugar onde passou a noite, porque o sol já era posto, e tomou uma das pedras daquele lugar, e pôs por sua cabeceira e deitou-se naquele lugar. E sonhou, e eis era posta na terra uma escada cujo topo tocava os céus, e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Senhor estava em cima dela.” – Gênesis 27:11-13

Muito ouvimos e lemos sobre a mítica escada de Jacó e sua simbologia. Trata-se de uma história bíblica narrada no antigo testamento, mas que foi adotada e usada como símbolo na maçonaria, e como a ordem nos ensina que somos livres investigadores da verdade, essa simbologia pode assumir interpretações variadas.

No nosso painel alegórico contemplamos na escada 3 símbolos: uma cruz, uma âncora e um cálce. Eles representam as 3 virtudes teológicas descritas segundo o texto de Paulo em 1 Coríntios13:13 – “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.” Sendo que em algumas traduções a palavra amor é substituída por caridade. Na alegoria da escada representada no nosso ritual a fé é representada pela cruz, a esperança pela âncora e a caridade por um cálce.

Olhar a escada é almejar, querer ou desejar subir por ela, para visualizar acima e mais próximo a luz e a graça do Grande Arquiteto do Universo. No entanto

no sonho de Jacó, ele viu anjos subindo e descendo por ela, não homens, sendo os anjos nesse caso os mensageiros entre Deus e os homens. Na simbologia maçônica costumamos-nos a dizer a cada grau conquistado pelo irmão que ele subiu mais um degrau na escada de Jacó. Mas como interpretar isso?

O aprendiz jamais subirá ou colocará, estando nesse estágio, seus pés na escada, isso porque estando ainda na brutalidade da matéria sem forma, não é capaz de interpretar os símbolos e mistérios relacionados ao espírito, logo é um grande equívoco dizer ao recém iniciado que ele deu seu primeiro passo na Escada de Jacó, na verdade ele poderia tão somente vislumbrar a escada, contemplar a sua majestosa presença, mas sem condições ainda de ir além disso.

No entanto, na medida que vai estudando e desenvolvendo-se o aprendiz vai clareando seu caminho com a luz do conhecimento, vai tirando dos olhos o véu da ignorância que o atrapalhava, e assim, vai passando da materialidade para a espiritualidade.

Os anjos subiam e desciam a escada, e quanto a nós? Poderíamos transitar nessa escada? Simbolicamente sim, pois a medida que nos espiritualizamos tornamo-nos capazes de alcançar os mistérios celestiais, e poderemos por os pés nessa misteriosa escada, mas isso não é um processo automático, não basta ter tempo de iniciação, é preciso mais que isso, é necessário como obreiro trabalhar, estudar, dedicar-se, pois, se



opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – III

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

O Jornal Goyaz, ano 1, nº 5, de 4 de setembro de 1886, notícia a “pomposa e solene” festa no dia 25 de agosto de 1886, no Templo da Loja Azilo da Razão, (Ortografia e pontuação original).

“O templo estava todo iluminado a gaz globo stearinas e kerozene e decorado com luxo e gosto. A concorrência de profanos e maçons foi extraordinária. As salas do pavimento térreo e do 1º andar regositavam de expectadores.

A banda de música – União Goyana – as melhores peças de seu repertório.

O venerável sr. capitão João Gonzaga de Siqueira, co-megada a cerimônia do baptismo, encarregou a uma comissão composta dos irmãos desembargador Bulhões, drs. Leopoldo de Bulhões e Guimarães Natal de conduzir ao templo as senhoras, que se achavam na sala das recepções e que tinham vindo abrilhantar com sua presença aquela festa de caridade; e a uma outra composta pelos srs. Antonio Guimarães, Sant’Anna Azevedo e Godinho de dar ingresso no templo aos baptisandos e convidados.

O salão do templo encheu-se.

Terminado a cerimonia do baptismo, a distribuição de medalhas, pães e fructos aos baptisandos, que era em numero de 21, o veneral suspendeu os trabalhos por um quarto de hora.

Serviu-se então aos convidados um profuso copo d’água e a banda de musica executou varias peças.

Findo esse pequeno intervallo, restabelecia a ordem e o silencio no salão, o venerável deu a palavra ao orador da loja o sr. dr. Francisco de Paula Alevellos, que pronunciou um discurso longo e meditado.

Apartes e applausos a todo o momento interrompiam ao orador e especialmente quando elle, com energia, profligava a superstição e o fanatismo.

Foi dada depois a palavra ao dr. Antonio José Pereira, que brilhantemente discorreu sobre a missão social da maçonaria; ao dr. Leopoldo de Bulhões, que recordou os fatos historicos da mesma instituição e ao sr. Raphael Torres, que leu uma linda e inspirada poesia. Não a publicamos porque não a temos em mãos. Ao terminar a festa ainda fallaram o dr. Avellos e tenente Brandão agradecendo, em nome da loja, as esmolas lançadas no tronco dos pobres, que rendeu avultada quantia.”

José Leopoldo de Bulhões Jardim, nasceu na cidade de Goiás, em 28/8/1857, formado em Direito pela Universidade de São Paulo, foi Deputado Geral em 1881/1885, pelo Partido Liberal, Constituinte Federal em 1891 e Estadual em 1891. Deputado Federal de 3 de maio de 1891 a 31 de dezembro de 1893. Presidente do Estado gestão 1892/95, renuncia em 13 de janeiro de 1893. Senador em 1894, 1897 e 1900. Presidente da Associação Commercial; Presidente do Conselho de Contribuintes do Imposto de Renda. Ministro da Fazenda em 1906, em 1907 assume a Diretoria do Banco do Brasil. Volta a ocupar o cargo de Ministro da Fazenda em 1909, Senador em 1909, Ministro da Fazenda em 1910, Senador em 1911, 1912 e 1915. Foi Diretor do Partido Republicano de Goiás e do Centro Republicano em 1890 e 1909. Vereador por diversas vezes em Petrópolis, onde foi presidente da Câmara Municipal e Prefeito de 1 de fevereiro de 1917 a 1 de maio de 1917. Faleceu nesta cidade em 15 de dezembro de 1928. Sobre sua vida maçônica, nada conseguimos encontrar

Joaquim Xavier dos Guimarães Natal, nasceu na cidade de Goiás, em 25/12/1860. Estou no Liceu, em 1882, formou-se em Direito Faculdade Direito de São Paulo. Em 7/4/1883, é nomeado professor da Escola Normal na capital.



artigo

A contribuição do educador universitário do Século XXI à sociedade brasileira, por meio da inserção de valores em sua disciplina – V

Carlos Augusto F. de Viveiros | In memoriam (Texto escrito em dezembro de 2020)

Temos que pensar o Brasil nesta diversidade, marcado por contribuição de várias raças, onde cada uma com imensas contribuições culturais à sociedade brasileira e que na atualidade devemos buscar o resgate da ética, uma nova forma de viver em comunidade, em equilíbrio com a natureza, com as diferenças e com as nossas crenças. Para o mesmo autor, somente uma Escola/Educação voltada para a cidadania, para a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, para a democracia, para a qualidade social acessível a todos, terá condições de valorizar a importância das várias etnias e culturas, na formação da identidade nacional e ter um papel efetivo na transformação social do país. (MATTOS, 2010)

Como concluem Pachane; Pereira (2004) não se pode mais entender o professor como “detentor do saber”, nem o ensino como transmissão de um conhecimento pronto e acabado. O modelo pelo qual se pautava a organização do ensino superior não dá mais conta da complexidade do momento que vivenciamos e é constantemente impulsionado a mudanças. Neste contexto, professor e alunos passam a construir conjunta e continuamente o conhecimento, embasados nas teorias e na revisão constante destas, nos questionamentos e nas leituras da realidade e do presente histórico (PEREIRA, 2002, p. 42)

Segundo Libâneo (2011), o sistema educacional tem objetivos que precisam ser observados pelos docentes com objetivo de proporcionar ao aluno desenvolvimento individual e social, proporcionando-lhes os meios de apropriação dos conhecimentos e experiências acumuladas pelas gerações anteriores, como requisitos para a elaboração de conhecimento vinculada a interesse da população.

Acrescenta-se a isto, que o professor de ensino superior do XXI brasileiro foi acrescido de mais uma variável que deverá preocupar-se com o novo paradigma educacional que é o sistema de cota no ensino superior brasileiro, com objetivo de proporcionar uma sociedade mais justa e igualitária para que tenhamos em todas as esferas de Poder todos os elementos do povo brasileiro.

De acordo com Demo (2004) o professor do futuro, inclusive o universitário, deverá ser sempre um aprendiz em busca do interesse pedagógico, reconhecendo a importância da pesquisa na formação do aluno, que para o aluno aprender tem que pesquisar e não só reproduzir conhecimento, mas principalmente de se formar adequadamente e por isso o professor universitário deverá possibilitar aos alunos contato com a pesquisa no ambiente universitário. Para ele o professor do futuro tem que ter estas características:

Professor é, necessariamente, pesquisador, ou seja, profissional da reconstrução do conhecimento, tanto no horizontal da pesquisa como princípio científico, quanto, sobretudo, como princípio educativo. O aluno que queremos formar não é só um técnico, mas fundamentalmente um cidadão, que encontra na habilidade reconstrutiva de conhecimento seu perfil, talvez mais decisivo. Tem pela frente o duplo desafio de fazer o conhecimento progredir, mas normalmente de o humanizar. Parece fundamental superar a marca histórica do professor como alguém capacitado em dar aulas, porque isso já não representa estratégia relevante de aprendizagem. Ser professor é substancialmente saber “fazer o aluno aprender”, partindo da noção de que ele é a comprovação da aprendizagem bem-sucedida. [...] (DEMO, 2004, p.77-90)

Ainda, parafraseando com Demo (2004), o professor moderno não deve valorizar somente o legado teórico, mas saber fazer da prática trajetória de reconstrução do conhecimento, desde que a saiba teorizar. Teorizar a prática significa não separar a produção do conhecimento frente à realidade, como se para estudar

(Continua na próxima edição...)

Em 27/10/1883, é nomeado promotor público e curador geral dos órfãos da comarca da capital de Goiás, prestando juramento e passando a exercer o cargo em 29/10/1883.

No ano seguinte, em 7/4/1884, exerce o cargo de procurador fiscal ad hoc, devido ao impedimento do efetivo. Em 17/1/1885, é nomeado juiz interino de comarca especial da capital. No ano de 1887, como auditor, participa de conselhos de guerra.

Com a proclamação da República, toma posse, em 7/12/1889, na junta provisória de governo, onde permaneceu até 24/2/1890. Neste período o Governador Provisório do Mato Grosso, Barão Amambahy, mandou um forte destacamento invadir o território goiano entre Apuré e o Rio Corrente. Guimarães Natal, fez um enérgico protesto, o que levou ao recuo do destacamento. Neste mesmo mês, é nomeado juiz de direito da comarca de Rio das Pedras e vice-presidente do Estado de 3/6/1890 a 7/3/1891.

Membro do Centro Republicano, em 1890, é eleito deputado pelo Partido Republicano Federal para a Assembleia Constituinte. Em 2/12 /1890, é nomeado juiz federal em Goiás, no ano seguinte é eleito deputado constituínte estadual. Em 1897 é membro da comissão encarregada de elaborar o plano da reforma constitucional, e em 1898, participa da comissão incumbida da reforma do Código do Processo Criminal.

Em 1905 é nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal e de dezembro de 1909 a novembro de 1910 foi procurador geral da República. Vice-presidente do Montepio de Economia dos Servidores do Estado desde 1907, presidiu a entidade no triênio 1924-1927. Aposentou-se em 1927. Faleceu no Rio de Janeiro, em 2 de junho de 1933. Em 3 de agosto de 1913, é empossado Grão Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil período 1913/16. Temos notícia que, em 1914, participou de reuniões na casa do General José Joaquim do Rego Barros e no Grande Oriente, para a criação do Rito Brasileiro. Assinou a ata em que o Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil Lauro Sodré, através do Decreto Nº 500, de 23/12/1914, regularizou o Rito Brasileiro. Atualmente há uma Loja Guimarães Natal nº 1946 e um Capítulo De Moley Guimarães Natal nº 6, todos em Goiânia.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: <https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code



HOME AGML DOCUMENTOS EVENTOS NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



crônica

NASI NO RIACHÃO DAS NEVES

Aidenor Aires

Cadeira nº 02 – Contribuição

Nasci no Riachão das Neves, já disse isto. O lugar onde cheguei ao mundo era chamado Castelo. Era à margem do Rio Branco, um dos afluentes do Rio Grande, que desagua no São Francisco até a cúpula com o mar. Parece que a introdução é muito grande para a pouca coisa que tenho para contar. Na infância que guardo na memória sou um me nino magro, aí pelos cinco ou seis anos, mais ou menos. É até onde minha lembrança guarda. Minha mãe era mulher da terra. Plantava, colhia, pilava arroz, que no escambo da vizinhança virava café, sal, toucinho, ou outra coisa de primeira carência; colhia lenha de timbó, destilava da cinza a decoada boa para o sabão das amêndoas da mesma árvore, ou de alguma gordura animal que sobejasse. A lembrança que me vem, como uma tela esfumada, é de seu vulto ágil na labuta de todos os dias. Ali a pobreza não fazia distinção de gênero. Ela provia as necessidades da casa, então com cinco pessoas. Esclareço, além dela e uma escadinha de três meninos, havia também meu pai. Esta é a primeira vez que falo dele, sem ser como

raro viajante embaçado, quase indefinido. Tivera propriedades que lhe deixaria o pai coronel de muitas terras. Bebia muito, gostava da caça, das pescarias e das modinhas. Tinha alguma instrução, pois o pai o havia enviado com outros irmãos para estudar em colégio famoso na Bahia (Era assim que se referia naquele tempo a Salvador). Porém este é um assunto para outra hora. Quero aproveitar a atenção do leitor que se distraiu comigo até agora para voltar ao assunto que pensei para esta crônica. Entre as atividades costumeiras, da roça à casa, ao cuidado das criações e dos filhos, minha mãe costumava vender alguma coisa que restasse do consumo familiar, como resultado de seu trabalho. Vendia arroz pilado, isto é, arroz descascado no pilão, alguma farinha de mandioca que fazia em desmancha com outras mulheres dos arredores, à distância de pelo menos duas léguas. Daí pra frente, precisava de tropa – burros, cavalos ou jumentos – que não possuía; também a distância não lhe deixava tempo para a meninada. Sobrava para mim, o mais velho, a obrigação de cuidar, alimentar e proteger os

pequenos enquanto ela estivesse no trabalho. Ficava, então, sob ameaça de surra de cipó, este aqui, maior de cinco ou seis anos de idade. Quando restava um dia mais calmo, sem as costumeiras pelepas, ficando nosso rancho à margem da estrada que demandava aos Gerais, oferecia água, café e, muitas vezes, uma dose de cachaça aos viajantes, que faziam parada à sombra de um grande jatobazeiro que havia defronte nossa moradia. Nunca cobrava pela água e o café, que eram coisas graciosas por ali. Mas cobrava pela cachaça. Os caminheiros nunca regateavam, pagavam prestimosos, alentados para retomar a jornada após os ritos da hospitalidade sertaneja. “Deus lhe pague”. “Amém, até outro dia.” “Que Deus lhe leve em salvamento”. Com todas essas operações, trabalho e tino negocial, minha mãe fazia uma pequena poupança. Se precavia da estroinice do marido que pusera fora toda a herança que lhe coube, com cachaça, farra e mulherada, e morava agora com a família em um rancho de enchimento, coberto de palha, em terra alheia. Seu banco para o depósito de toda a renda era um pequeno embornal que não despertava qualquer curiosidade. Temia que o marido em hora de precisão, lançasse mão daquela pecúnia tão sofridamente acumulada. Os únicos móveis daquele rancho, me recordo, eram dois bancos, dois ou três tamborettes, uma mesa muito alta para mim, porque me lembro de meu pai sentado sobre ela, falando alto e balançando

as pernas. Falo aqui da mobília da sala, por assim dizer. Os aposentos íntimos e cozinha ficam para outra ocasião, se ainda tiver tempo. Não havia nada com gavetas. Restava com a única solução, embrulhar o volume de dinheiro no embornal, depois em outro pedaço de pano e enfiá-lo em algum lugar, a salvo de um “mão aberta”. Certamente, minha mãe pensou por muito tempo onde acautelar seu arrimo financeiro. Enfim, uma luz. Encontrou uma brecha na parede de enchimento, ali o meteu disfarçadamente, de forma que não atraísse a atenção. Depois, me chamou em secreto, apontou o indicador no meu rumo dizendo: “Aqui está todo o dinheiro que temos. Somente eu e você sabemos onde está. Não conta pra ninguém. Nem pra seu pai. Se acontecer coisa ruim comigo, você, que é o maior, sabe onde guardei, está sabendo? – Sim, respondi. Conto pra ninguém não. E assim foi. Até hoje guardo o segredo, isto é, guardei até o dia em que meu pai resolveu ajuntar o que era seu: um cavalo, uma égua e dois jumentos, arrumou a trouxa e sumiu. A última lembrança que eu tenho dele desse tempo é ele saindo com a tropa. Antes nos botou a bênção e se despediu da minha mãe dizendo: Até um dia! Ao que ela respondeu: Até! Pode não ser verdade, cabeça de criança não separa muito bem as coisas, mas sempre houve comentários. Publicavam que ele, ao despedir-se de minha mãe, dissera: “A até o dia do Juízo!”. Maldade do mundo, isto sim.

GALERIA | CONFRADES EM ATIVIDADE



registro ABIN



confraria celestial

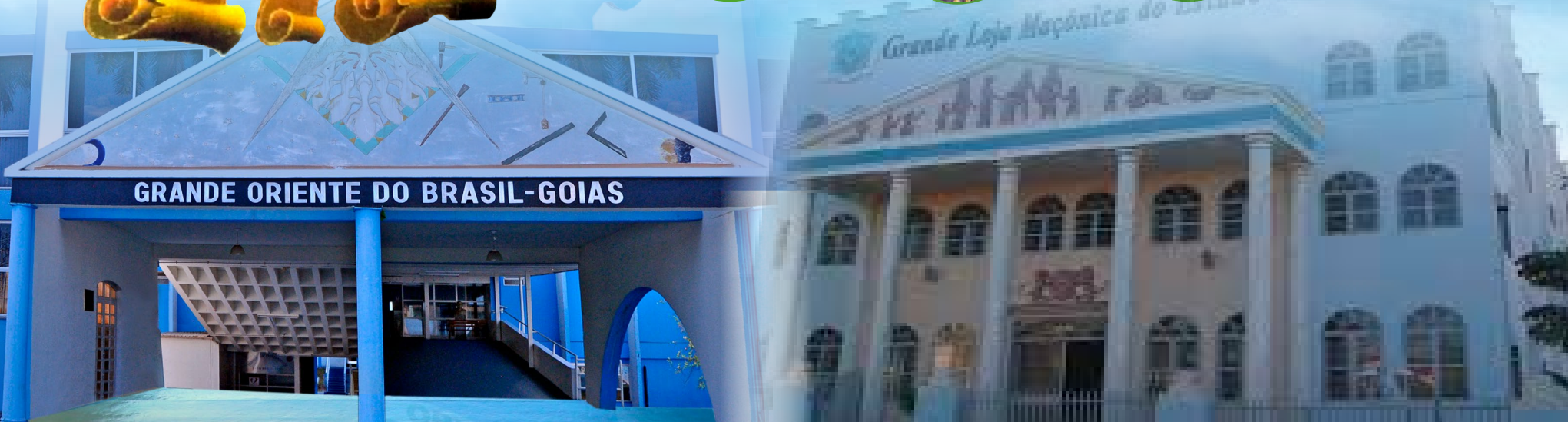
Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar.

(...) Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas.

GUIMARÃES ROSA



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



EMBALAGENS TOCANTINS
DATA DA FUNDAÇÃO: 07/07/1971
Rua 210, nº 279 - Setor Coimbra
embalagenstocantins.com.br
tel.: 62 3233-3252 whatsapp: 62 99396-2030

EMBALAGENS EM GERAL
Papéis para Embrulho, Embalagens para Presentes, Sacos Plásticos, Sacolas, Copos Descartáveis, Fitas Adesivas, Caixas para Empacotamento e Completa Linha de Embalagens Descartáveis

Jr. Aldo
EMBALAGENS A PIONEIRA
Av. Anhanguera, nº 8.631 - Setor Campinas (esq. com Rua Benjamin Constant)
whatsapp: 62 99396-2029 tel.: 62 3233-6880